

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA**

HARLEY B. MARINELO

REBELDIA POR UNS DIAS? AS OCUPAÇÕES DAS ESCOLAS EM 2016

PONTA GROSSA

2024

HARLEY B. MARINELO

**REBELDIA POR UNS DIAS? OCUPAÇÕES DE ESTUDANTES SECUNDARISTAS
NO PARANÁ, EM 2016**

Dissertação apresentada como requisito final para obtenção do título de Mestre em Ensino de História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória).

Orientador: Paulo Eduardo Dias de Mello

PONTA GROSSA

2024

M338 Marinelo, Harley B.
 Rebeldia por um dia? As ocupações secundaristas no Paraná, em 2016 /
 Harley B. Marinelo. Ponta Grossa, 2025.
 157 f.

 Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - Área de
 Concentração: Ensino de História), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

 Orientador: Prof. Dr. Paulo Dias de Mello.

 1. Ocupações secundaristas. 2. Juventudes. 3. Reformas Neoliberais. I.
 Mello, Paulo Dias de. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ensino de
 História. III.T.

CDD: 907



TERMO DE APROVAÇÃO

MESTRANDO
HARLEY BARBOSA MARINELO

TÍTULO:

REBELDIA POR UNS DIAS? AS OCUPAÇÕES DAS ESCOLAS EM 2016.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História, no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 06 de junho de 2025, pela seguinte banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **PAULO EDUARDO DIAS DE MELLO**
Data: 24/04/2026 13:35:48-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Paulo Eduardo Dias de Mello (Orientador)

Documento assinado digitalmente
 **CARINA ALVES DA SILVA DARCOLETO**
Data: 27/04/2026 16:39:22-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof Dr Carina Alves da Silva Darcoletto (UEPG)

Documento assinado digitalmente
 **ANTONIO SIMPLICIO DE ALMEIDA NETO**
Data: 24/04/2026 14:04:30-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr Antonio Simplício de Almeida Neto (UNIFESP)

Ponta Grossa, 06 de junho de 2025.

A todos/as jovens, ou não, que nesse país tiveram a ousadia de enfrentar o neoliberalismo bem como as suas práticas maldosas cotidianas, em 2016, e abriram mão de seu conforto, para lutar contra o poder de governos partidários, que em nome do, e para o, capital, destroem, desonram, a nossa democracia, em prol de algumas poucas —migalhas‡ para se manter no poder, por um ou mais mandatos, nos legando a pobreza e a destruição constante da nossa política.

AGRADECIMENTOS

A todos e todas as pessoas que tornaram possível este trabalho sem exceção.

À Dora, minha mãe, por ter me criado com enorme sacrifício, e se cheguei aqui foi também, por, e para ela. Obrigado por sua resiliência, e por seu amor paciente.

À Kelly, minha companheira diária, por ter me dado apoio, incondicional. Obrigado, por seu amor, e por me dar alegrias, os compartilharmos, e os tantos momentos juntos nas Humanas.

A todos/as colegas de profissão, alguns, e algumas em que me espelhei, desde sempre. Obrigado por terem me incentivado sempre a estudar, apesar de nosso país não nos reconhecer economicamente, por terem, e serem, também defensores da educação e da universidade pública.

À minha família, por não me pressionar a ir visita-los/as nos finais de semana, que é quando eu escrevia e lia quase tudo, pois não é fácil trabalhar 40 horas semanais e estudar nesse país.

Às professoras Angela e Giorgiane pela compreensão quando estas me ajudavam pelo Whatsapp. Obrigado, pelas trocas, e dedicação a UEPG.

Agradeço aos meus colegas de mestrado, sem fins lucrativos, pelas horas juntos, pelas ideias que compartilhamos, pelos muitos aprendizados, e pelos cafés e afins, como as coxinhas da Lapa.

Agradeço imensamente ao professor Paulo Dias de Mello, pela leitura, paciência, e colaboração na construção de todo o meu trabalho, e por ter, junto de mim, trazido a lucidez, contribuindo muito para a minha dissertação.

A todos/as estudantes, professores/as, funcionários/as que me enviaram as suas memórias escritas (registros) pessoais para que eu pudesse usar, sendo essas, uma das bases mais importantes desse trabalho. Obrigado, por suas ideias, palavras e reverberações-memória que possibilitaram tantas reflexões e alimentaram a minha constante escrita e desempenho reflexivo nesta dissertação.

Por último, meus agradecimentos especiais aos professores/as, do Mestrado da UEPG, bem como ao professor convidado para a banca, Antonio Simplicio de Almeida Neto, da Unifesp, e a professora Carina Alves da Silva Darcoletto, da UEPG, que me co-auxiliaram na pesquisa, e participaram da banca, pelas dicas de leituras, bem como pelas críticas acadêmicas, dado seu tom objetivo, e ao mesmo tempo muito construtivo e profissional que são.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar os movimentos das ocupações secundaristas das escolas públicas no Brasil, e em especial no Paraná, ocorridas em 2016, bem como sua relação com as reformas neoliberais nesse contexto e suas imbricações com o ensino de História. Os objetivos específicos são: a) examinar algumas reformas e as medidas neoliberais que impactaram, e ou, ainda impactam na educação, desenvolvidas em meio às reformas, como a do Ensino Médio, MP 476, no governo Michel Temer (MEDIDA PROVISÓRIA Nº 746 DE 22/09/2016, que foi convertida na Lei 13.415, de 16/02/2017); b) conhecer e discutir basicamente a questão, se as aulas de História, possam vir a impactar, e ou, talvez impactaram na tomada de decisão dos/as estudantes, como sujeitos ainda em formação, a lutarem pela educação naquele momento, bem como a escola, num todo, e se, funcionários/as e professores/as contribuíram para o conhecimento histórico da disciplina História; c) pensar e refletir sobre aspectos do ensino de História a partir das memórias escritas, ou registros produzidos por quem esteve nas ocupações, bem como, buscar avaliar as suas expectativas, e ações ao terem participado das ocupações, agora visto, alguns anos depois do ocorrido. Busca-se, também, uma reflexão, através de registros produzidos pela mídia, seja a alternativa, e ou oficial, bem como a produção escrita e documental, além das memórias escritas dos/as estudantes, professores/as, funcionários, bem como outros/as que ocuparam as escolas, além de refletir sobre o ambiente político-social e educacional do contexto, por esses relatos escritos (memórias) realizados pelos/as participantes do movimento, busca-se compreender como a cultura juvenil, e as ocupações secundaristas, se interligam com a cultura escolar, e como a forma escolar, pode, ou não —mobilizar o conhecimento Histórico para refletir a questão da democracia para além da nossa que em tese é representativa. Procura-se chegar, se é que possível, ao consenso que os/as estudantes viveram uma experiência única nas ocupações secundaristas, relacionando, assim, a escola e o conhecimento de História, no tempo presente, em que se engajaram nas lutas por suas escolas e pela educação. Apresentamos, ao final da dissertação, uma parte propositiva em que fizemos um livreto sobre o Movimento Estudantil, relacionado os Grêmios estudantis e sua importância para a democracia na escola, bem como sua função nas ocupações secundaristas de 2016, o que seria um —chamamento para a reflexão da atual educação pós reforma, possibilitando assim a estudantes e professores/as a aplicação em sala, se o quiserem, de algumas possibilidades de atuação criativa e reflexiva para o ensino de História e as ocupações secundaristas de 2016.

Palavras-chave: Ocupações. Ensino de História. Juventudes. Reformas neoliberais.

RÉSUMÉ

Ce travail cherche à analyser les mouvements des occupations des écoles publiques au Brésil et au Paraná, qui ont eu lieu en 2016, ainsi que leur relation avec les réformes néolibérales de ce contexte, et en outre, les imbrications avec l'enseignement de l'Histoire. Les principaux objectifs sont les suivants: a) analyser certaines réformes et mesures néolibérales qui ont eu ou ont un impact sur l'éducation développée au milieu des réformes, comme celle de l'enseignement secondaire, MP 476, sous le gouvernement de Michel Temer ; b) comprendre et discuter fondamentalement la question de l'impact des cours d'histoire sur les représentations des étudiants en tant que sujets en formation à travers l'éducation, comment l'école dans son ensemble, le personnel et les enseignants ont contribué à la connaissance historique du sujet de l'histoire ; c) penser et réfléchir aux aspects de l'enseignement de l'histoire à partir de leurs lettres, ainsi que leurs attentes et leurs actions lors de la participation aux occupations. A travers les archives produites par les médias alternatifs et officiels, ainsi que la production écrite et documentaire, en plus des lettres écrites par les élèves, nous avons cherché à réfléchir sur l'environnement politique, social et éducatif du contexte. A travers ces récits écrits par les participants au mouvement, nous avons cherché à comprendre comment la culture des jeunes et les occupations sont interconnectées avec la culture scolaire, et comment la forme scolaire peut et doit mobiliser la connaissance historique pour réfléchir sur la démocratie au-delà du représentatif. Nous avons essayé de parvenir à un consensus sur le fait que les étudiants avaient une expérience unique dans les occupations, reliant l'école et la connaissance de l'histoire au moment présent où ils étaient engagés dans les luttes pour leurs écoles. À la fin de la thèse, nous avons présenté une section propositionnelle, dans laquelle le professeur superviseur et moi-même avons élaboré un livret sur les occupations et un appel à la réflexion sur l'éducation post-réforme actuelle, permettant ainsi aux universitaires et/ou aux enseignants d'appliquer en classe certaines possibilités d'action créative dans l'enseignement de l'histoire et des occupations de 2016.

Mots- clés: Occupation. Enseigner l'histoire. Jeunesse. Réformes néolibérales.

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
CEP	Colégio Estadual do Paraná
MP	Medida provisória, é um instrumento normativo com força de lei, editado pelo Presidente da República em situações de urgência e relevância para o país.
MP	Ministério Público
MST	Movimento dos trabalhadores rurais sem terra
PEC	Proposta de Emenda à Constituição
PIB	Produto Interno Bruto
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PT	Partido dos Trabalhadores
SARESP	Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar de São Paulo
SEED	Secretaria de Estado da Educação
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 OCUPAÇÕES ESTUDANTIS DE 2016: CONTEXTO, ANTECEDENTES E PROPÓSITOS.....	15
1.1 CONTEXTO MACRO DAS OCUPAÇÕES: O NEOLIBERALISMO.....	15
1.1.1 Entender o neoliberalismo.....	15
1.1.2 Críticas ao neoliberalismo.....	22
1.1.3 Neoliberalismo à brasileira e a educação.....	26
1.2 O CONTEXTO IMEDIATO DAS OCUPAÇÕES: AS REFORMAS IMPOSTAS.....	35
1.2.1 Antecedentes: as ocupações estudantis em São Paulo – 2015.....	36
1.2.2 As ocupações estudantis de 2016: combate ao neoliberalismo e seu currículo.....	42
1.3 SENTIDOS POSSÍVEIS DAS OCUPAÇÕES.....	46
2 RELATOS ESCRITOS: CAPTAR AS OCUPAÇÕES PELA MEMÓRIA ESCRITA DE SEUS PARTICIPANTES.....	52
2.1 APONTAMENTOS SOBRE RELATOS ESCRITOS, MEMÓRIA E HISTÓRIA.....	52
2.2 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CORPUS DA PESQUISA: 23 RELATOS ESCRITOS SOBRE AS OCUPAÇÕES DE 2016.....	58
3 ELABORAÇÕES DA MEMÓRIA: AS FALAS DOS SUJEITOS DAS OCUPAÇÕES... ..	69
3.1 INFORMAÇÕES SOBRE OS/AS RELATANTES.....	71
3.2 PALAVRAS, TERMOS E EXPRESSÕES MAIS CITADAS NOS RELATOS.....	122
4 PARTE PROPOSITIVA: UM LIVRETO PARA TRABALHAR COM ESTUDANTES SOBRE SER ESTUDANTE.....	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
REFERÊNCIAS.....	137
APÊNDICE A – LIVRETO.....	148

INTRODUÇÃO

A história é objeto de uma construção cujo lugar é constituído não por um tempo vazio e homogêneo, mas por um tempo preenchido pelo Agora (Jetztzeit). O anjo da História. Walter Benjamim (2022. p. 18).

Neste trabalho procuramos trazer à tona, bem como investigar e levantar, aspectos do ensino de História, a partir do estudo das Ocupações Secundaristas de 2016. Buscamos fazer uma reflexão acerca das ocupações secundaristas de 2016, ocorridas principalmente no estado do Paraná, também gostaríamos de levantar questões que possamos responder: se o ensino de História, bem como de Humanas em geral, foram oportunas, e ou, ou puderam ter tido alguma contribuição na tomada de decisão dos/as estudantes diante das ocupações de 2016. Sabemos que essas ocorreram em 2016, e tiveram força maior, se assim podemos ousar dizer, nas grandes cidades. Nessa linha de raciocínio, pretendemos num primeiro momento fazer uma leitura e análise de algumas bibliografias acerca do tema já escritas, sobre as ocupações secundaristas no Brasil, objetivando o estado do Paraná. Nosso empenho dessa forma é a partir das leituras sobre o tema, dar uma geral sobre as ocupações, ou seja, contextualizá-las. E partir disso, também trazer os registros escritos (memórias) dos/das ocupantes de algumas escolas no Paraná, e assim interpretar, analisar, inferir, o quanto as práticas vividas por elas, nas ocupações, bem como as atividades lá desenvolvidas pelos/as estudantes, poderiam ou não ter relação (direta ou indireta) com a escola-ambiente e o ensino de História, visando compreender, estas relações, no seu ínterim, quais sejam políticas, sociais e/ou econômicas, culturais. Também gostaríamos de inquirir, de traçar, e de compreender, se é que é possível, a relação do ambiente-escolar com o conhecimento histórico.

Pretendemos debater, bem como compreender, as implicações desse momento, das ocupações secundaristas de 2016, para o Ensino de História, no que tange a Reforma do Ensino Médio e as medidas Neoliberais, na nossa atualidade, buscaremos responder nossas perguntas através do uso de vasta bibliografia escrita sobre o assunto, bem como outros de registros escritos (as memórias dos/as ocupantes), assim como as teses, os artigos, e algumas dissertações, documentos oficiais, produção midiática, e também a divulgação utilizada pelos/as adolescentes a época, como o Facebook, YouTube, etc. Procuramos ainda entrecruzar essas fontes, com as que acreditamos ser a principal delas, os registros escritos pelos/pelas que ocuparam as escolas, que seria a fonte primária, pois são registros

das ocupações secundaristas de escolas do Paraná, produzidos por quem esteve lá. Esses registros são importantes fontes, não só por serem produzidos por ex-estudantes, professores/as, funcionários/as que estiveram nas ocupações secundaristas paranaense, mas sim pois, são um potencial de resposta, a nossa indagação, ou talvez não: se as aulas de História contribuíram em alguma proporção para as ocupações. Dessa forma esses registros escritos, podem trazer uma luz, para compreendermos a ação, a motivação, dos/das que participaram das ocupações secundaristas de 2016, isso no tocante ao Estado do Paraná. Todavia nessa pesquisa de dissertação, com a qual pretendo a obtenção de titulação de mestrado, no programa do Prof-História, busco refletir sobre a política neoliberal no Brasil, mais especificamente nas questões educacionais. Esboçamos brevemente as décadas de 1980-90, e a partir daí, como ela é posta no Brasil, transformando-se como concretude das políticas governamentais. Busca-se refletir sobre a sua influência na educação brasileira, nas décadas seguintes, até desembocar nas Ocupações secundaristas de 2016, o que redundará nas reformas educacionais de 2016-2017 atingindo inclusive a atualidade, referente ao NEM (Novo Ensino Médio).

Tentarei ainda trazer alguns pontos do neoliberalismo, que muitos economistas consideram altamente relevante dentro da lógica capitalista, e refletir ao tocante a reforma do Ensino Médio, em linhas gerais à MP nº 746, de 2016, em se tratando principalmente ao ensino de História, bem como o seu atravessar nas questões educacionais, ou melhor, as medidas, que seriam aprovadas a posteriori, dentre outras como a retirada, e ou, a diluição das aulas de História para a entrada, de outras como o Pensamento Computacional. Trarei elementos, que considero importantes do governo presidente Michel Temer (PMDB), que esteve à frente da Reforma do Ensino Médio, quando a presidente Dilma Rousseff (PT) sofreu o processo de Impeachment, em final no de 2016, ano esse que a MP (MEDIDA PROVISÓRIA Nº 746 DE 22/09/2016), foi aprovada, e que depois, iria ser convertida na Lei 13.415, de 16/02/2017. Esta que alteraria algumas disciplinas, bem como no ensino de História, e em paralelo, também em outras disciplinas voltadas para as humanidades e Artes. Disciplinas essas mais atacadas nas reformas neoliberais!

A pesquisa em questão, foi motivada a partir de uma inquietação pessoal com a educação brasileira, o por que das reformas educacionais, e também, de um questionamento rotineiro: qual/is seria/seriam o(s) papel/papéis da profissão do/a educador/a ao lidar com a educação, e as inquietações do dia-dia da importância da disciplina de História como disciplina. Porém a nossa questão mais central, é entender, se há relação/relações possível/possíveis entre o ensino de História e as ocupações

secundaristas de 2016, dessa maneira, nas páginas que se seguirão, tenciono uma possível, e ou, plausível resposta para essas questões: será que nós, educadores/as, funcionários/as e trabalhadores/as da educação influenciaremos os/as estudantes politicamente em suas tomadas de decisões? Se sim, então, haveria algum possível paralelo, no caso da tomada de decisão, politicamente dizendo, o de ocupar uma escola, e lutar em prol da educação para o futuro? A família e/ou funcionários/as também influenciaram, ou influenciam os/as estudantes no sentido de uma tomada de consciência social da importância da educação? Essas são algumas de nossas inquietações. As Ocupações Secundaristas se fizeram em grande quantidade pelo Brasil, foram mais de 1000 escolas ocupadas!

Nesse ínterim, também pretendemos e gostaríamos de refletir, através das próprias falas e experiências, no caso, dos registros escritos (memórias) de algumas/ alguns, dos educadores/as bem como dos/as alunos/as, funcionários/as, dentre outros/as, no âmbito escolar, e trazer a reflexão para a atualidade, bem como demonstrar, ou buscar que assim seja, que eles/elas tinham algum propósito para além das ocupações de 2016. E a julgar dessa forma, cremos que devemos fugir do que muitos de nós, adultos/as, às vezes, fazemos o de repetir que eles/elas por serem (estudantes) ainda são incapazes de participar das discussões e problemáticas acerca das questões políticas-educacionais.

Por fim, analisarei para este trabalho uma parte considerável de bibliografia produzida acerca e sobre o tema, das ocupações secundaristas, de autores/as que pensaram **a temática neoliberal e a educação, o currículo, reformas na educação, bem como sua intervenção estatal e ou empresarial**. Para me —auxiliar‖ na pesquisa usarei de artigos, dissertações de mestrados, teses de doutorados, bem como outros tipos de fontes, sejam as jornalísticas, produzidas naquele contexto, e outras. Porém usarei, como dito, em linhas acima, uma —fonte‖ que será nossa norteadora, os relatos escritos dos/das estudantes, dos/as funcionários/as, dos/das professores/as que estiveram nas ocupações secundaristas, ao mesmo tempo usarei o Facebook, a exemplo a página O Mal Educado, a Toruja, que serviu, dentre outras, como comunicação dos/das estudantes, bem como o YouTube, e ou, os escritos, produzidos no calor das ocupações, e que serviram para um caminho do possível entendimento sobre as ocupações secundaristas. Pretendo ainda, na medida do possível e temporal, analisar algumas mídias alternativas, bem como algumas das postagens da grande mídia, para compará-las e balizá-las, se assim estiverem viciadas e, ou, dominadas pelo poder do —capital‖. Usarei ainda de transcrição de vídeos, de reportagens, dentre outros, documentos fílmicos, produzidos a partir das ocupações, para refletir sobre a —polarização‖ entre os ocupantes das escolas e a sociedade civil.

Nessa pesquisa, pretendo trazer 23 relatos-escritos, a partir das experiências vividas nas ocupações de alguns/algumas estudantes, de professores/as e da comunidade escolar como um todo, principalmente do local (escola) em que atuo como professor, a 15 anos, o Colégio Estadual Desembargador Cunha Pereira, situado na área metropolitana Sul de Curitiba, no município de Fazenda Rio Grande. Busco também nessa pesquisa, valorizar a cidade de Ponta Grossa, para além da capital Curitiba, colocando —outras‖ fontes, no caso o Colégio Estadual Meneleu Almeida Torres, em que na ocasião das ocupações secundaristas também foi ocupado em 2016, e nós é de grande relevância.

Com relação ao Colégio Estadual Desembargador Cunha Pereira, situado na Fazenda Rio Grande, frisamos que, os registros-escritos dos/das ex-estudantes/as tem um fator muito importante, pois para nós na pesquisa, ao ocuparem o colégio estavam —protestando‖ contra a MP 476 (Medida Provisória nº 746 de 22/09/2016), e desta forma nas suas escritas, ao narrarem por eles/as, mesmos/as, pretendemos entender a sua experiência vivida nessa ocupação, e ao mesmo tempo, temos uma memória, uma —pequena‖ visão, uma fotografia da experiência deles/delas, aos/as quais tiveram participação ativa nas ocupações secundaristas de 2016.

Tenho dessa forma, como presunção, ao longo da pesquisa, fazer algumas perguntas, que espero responder, com alguma razão, e ou, satisfatoriamente, a partir das memórias deles/delas das ocupações. Sendo assim auxiliando-me em bibliografia própria sobre o tema das Ocupações de 2016, bem como outras pesquisas afins, no quesito educação e ensino de História, tenciono responder algumas das questões levantadas nessa pesquisa. Em sequência, seriam estes os itens listados, e ou, os questionamentos mais basilares da pesquisa: 1) Os professores tiveram, no tocante ao ensino de História, alguma contribuição para que os/as alunos/as participassem das Ocupações de 2016?; 2) Os/as alunos/as sabiam que as reformas iriam contrariar seus ideais educacionais no futuro próximo, por isso ocuparam as escolas?; 3) Eles/as tinham a noção do que estavam fazendo naquelas ocupações de 2016?; 4) Eles/as eram contra as pautas neoliberais, ou somente iam conforme o meio escolar? 5) Eles/as teriam sido inspirados/às pelos debates em sala de aula, no que tange as aulas de História, e/ou Humanas (Filosofia, Sociologia, Artes) e afins? 6) Eles/as queriam só —matar‖ aulas por uns dias? 7) Eles/as lutaram contra a MP 476 (Medida Provisória nº 746, de 22/09/2016) e as reformas sabendo delas realmente em seus pormenores, e de que se tratava? 8) Tinham eles/as muitos/as a época 14 a 18 anos, já adquirido uma consciência política ao longo de sua estadia na Escola Pública? 9) Os/as alunos/as que ocuparam essas escolas adquiriram uma participação ativa e efetiva na

política segundo relatos a posteriori? 10) E como a História, sendo uma disciplina crítica-social, contribuiu, ou vem contribuindo para que professores/as e a escola-ambiente, em sua maior parte, esteja formando o senso crítico-analítico para as futuras gerações? Essas são as questões mais básicas que tentarei me ater e responder de maneira satisfatória. Finalmente, trago nas linhas abaixo, um breve resumo sobre os quatro capítulos da pesquisa. No primeiro capítulo, trarei o que foram as ocupações, os contextos, antecedentes, e sentidos da mesma. O contexto macro das ocupações aconteceu na luta contra o neoliberalismo, por tanto entender o neoliberalismo, é entender as motivações que levaram as ocupações, bem como as críticas feitas às práticas neoliberalista dentro desse contexto, também buscamos entender o neoliberalismo à brasileira e sua importação para a educação. Trarei como foram as ocupações, como se deram algumas delas, suas motivações, sua questão dentro das reformas neoliberais. Neste capítulo pretendo que a escrita esteja voltada para construir um panorama geral das Ocupações de 2016, portanto, optamos em fazer uma reflexão, com outra ocupação, a que ocorreu em São Paulo em 2015, que acreditamos, tiveram alguns paralelos importantes com a de 2016. As ocupações secundaristas, de 2016, ao que percebemos, foram se aglutinando a partir de outras experiências já vividas, no caso em 2015 em São Paulo, esta ocupação (paulista) motivou os/as estudantes, de maneira geral a irem contra a Medida Provisória, no caso de 2016. Se a paulista foi contra a reforma estrutural do então governo do Estado Geraldo Alckmin (PSDB), a de 2016 foi contra a Reforma do Ensino Médio. Dessa forma, brevemente, neste capítulo damos uma geral, em que foram as ocupações secundaristas, contextualizando-as com as medidas dos governos neoliberais de Geraldo Alckmin em 2015 e de Michel Temer em 2016. Finalizamos esse primeiro capítulo com o/os sentido/os possivelmente que levaram as ocupações, tentando entender o contexto bem como as motivações de ocupar as escolas em prol da educação e indo contra a reforma, ou mais ainda, contra as medidas neoliberais.

Já no capítulo dois, tratamos dos relatos escritos (memórias) e por elas buscamos captar as ocupações pelas memórias escritas de seus/suas participantes, momentos esses que ao escreverem trarão depois de uma década à tona lembranças, que nos importam pela grandeza do acontecido, pois a partir de alguns apontamentos sobre esses relatos escritos, bem como de sua memória, podemos fazer a história refletir um passado não tão passado, buscamos assim neste capítulo, aprimorar o processo de construção do nosso corpo da pesquisa, em que em que os 23 relatos escritos sobre as ocupações de 2016, mais especificamente do colégio Des. Cunha Pereira pode nos dar um recorte da importância de

memória e história. Essa memória das ocupações secundaristas é de suma importância, para a história dos movimentos estudantis e a partir dos registros-escritos, e suas vivências nas ocupações, a história como ciência se traduz na experiência de cada um/a. Nessa esteira buscamos demonstrar, se é que é possível, que a memória individual e coletiva das ocupações secundaristas foi muito importante para entender as ocupações secundaristas de 2016. No terceiro capítulo, buscamos fazer uma reflexão, mais acurada, e analítica dos registros-escritos, produzidos por alguns/algumas daqueles/as que ocuparam a escola, em específico e mais em quantidade do Colégio Estadual Des. Cunha Pereira, capítulo esse, que elaboramos a partir das falas dos/das sujeitos/as, o que foram as ocupações, como se deram, o que vivenciaram, como se sentiram, como pensaram, etc. Também neste capítulo fizemos um quadro com as palavras que mais foram escritas e citadas nos relatos, para que possamos ao final elencar as suas ideias mais usuais sobre as ocupações. Também trouxemos um quadro com algumas informações sobre os/as as/os relatantes, em que citamos idade, sexo, cargo e se deram sequência aos estudos pós-ocupação, informações que consideramos importantes. No capítulo quatro, elaboramos um produto final, um livreto (pequeno livro) em que é contido de algumas páginas, e no qual foi produzido em parceria com a estudante do curso de História da UEPG, neste livreto temos a intenção de que o/a professor/a possa usá-lo em sala de aula, juntamente com os/as estudantes, e que se assim caso queiram possam trabalhar o tema Movimento Estudantil e Grêmio Estudantil, bem como ideias afins. Ele foi posto está anexo e em PDF. No livreto fomos o/a mais prático/a possível em responder algumas perguntas que fizemos, ao longo deste capítulo e que compõe, ou estão atrelados ao nosso tema de pesquisa como conditio *sine qua non*, isto é, sobre os movimentos estudantis, e sua força, em específico as Ocupações Secundaristas de 2016, bem como, e também, a força dos/as jovens, dentro da comunidade escolar, focando em extensão o Brasil e a educação em seu contexto e história. Buscamos responder de forma bem sucinta, pelo tempo e extensão, perguntas como: o que é ser estudante? O que é o Movimento Estudantil? O que é um Grêmio Estudantil? Questionamentos esses e respostas de forma breve e textos pequenos que podem auxiliar os/as professores/as em sala de aula, isto é, quando se trata de temas como história, ser estudante, escola, e movimentos estudantis e grêmios.

1 OCUPAÇÕES ESTUDANTIS DE 2016: CONTEXTO, ANTECEDENTES E PROPÓSITOS

1.1 CONTEXTO MACRO DAS OCUPAÇÕES: O NEOLIBERALISMO

Este trabalho trata das ocupações estudantis de 2016. Nosso pressuposto é que não é possível entender este fenômeno singular, localizado e datado sem entender o contexto em que ele ocorreu. E por contexto entendemos aqui o quadro geral e amplo onde os fatos, como das ocupações estudantis, se encaixam como partes não isoladas do processo histórico. Trata-se de entender como este fenômeno particular e específico se encaixa no quadro geral. Este quadro é o momento histórico, o contexto do neoliberalismo. O Neoliberalismo tem muitos aspectos, dos quais, ainda tem-se que ser mais bem pensado, e elucidado, bem como refletido conforme sua ação, mas no tocante, e em sua maior parte, este sistema, se assim podemos denominá-lo, tem em si, a defesa do capitalismo, bem como a busca em paralelo, de projetos desse, a sua continuidade e melhora da economia em primeiro plano. Dito isto, para aqueles/aquelas que têm o capital, em sua inferência, é para estes/as algo muito positivo, pois estes/estas têm em suas —posse| uma garantia, posse, que pode multiplicar, triplicar, quadruplicar, dentro da lógica capitalista, como bem demonstra muitas vezes a mídia, quando cita os casos de multimilionários/as, que dentre outros/as, poderíamos nominar, o sul africano Elon Musk.

O nosso objetivo aqui, é traçar em linhas gerais o que é o neoliberalismo e relacioná-lo como uma das forças motrizes do que se passou em 2016 com as ocupações estudantis.

1.1.1 Entender o neoliberalismo

O neoliberalismo está voltado, primeiramente, para as questões da economia, que defendia, num primeiro momento, a ideia de liberdade econômica, porém ao passar das décadas, se ampliou com a difusão de outras ideias, acoplando e buscando, aumentar sua interferência, agora nas questões políticas. Desta maneira, num rápido recorte, não podemos deixar de destacar importantes nomes, do Liberalismo, antes de pensar o neoliberalismo. Nomes como Adam Smith, escocês e sua obra, A riqueza das nações (1776), teve certa representatividade, na Inglaterra do século XVIII, dado que ali aconteceu a Revolução Industrial, este liberalismo foi adotado pela burguesia, essa que foi a defensora das ideias liberais. Já o neoliberalismo, nosso maior foco, desenvolveu-se mais

propriamente no final do século XX, ou em meados deste, nas décadas de 1960 e 1970, talvez com mais força e extensão. Sua amplitude e expansão se deram com a conjuntura mundial capitalista, e o declínio da economia globalmente dizendo. O neoliberalismo tem uma história em paralelo com o capitalismo, neoliberalismo e capital são sempre polos. A ideia é básica, que um defende o outro, se apoiam, e às vezes nos confundem, mas são parceiros atemporais. Assim, é errado dizer que estamos hoje apenas lidando com as forças do capitalismo, pois nem sempre ele é igual, a ele mesmo, o neoliberalismo é prova de sua eficácia mais moderna, bem como suas contradições, que inevitavelmente, está na política, na sociedade, o que se pressupõe constantemente uma análise precisa, das circunstâncias e da situação, para se perceber sua atualização.

O capitalismo se transforma, bem como o neoliberalismo, e é indissociável a história de um e outro, bem como suas metamorfoses. As estratégias de ambos sempre os renovam. O neoliberalismo vem transformando profundamente a sociedade, nesse sentido, o neoliberalismo não é apenas, como defendem alguns autores, uma ideologia econômica, ou um tipo de política econômica. Ele é, sim, um sistema em que normatiza, e que vem ampliando cada vez mais sua influência ao redor mundo, estendendo assim a lógica do capital, para mais capital a quem o tem, transmutando todas as relações sociais, bem como todas as —vidas‖ em que toca. O que se pode constatar com essa amplidão? Talvez a convicção que, de crise em crise, ele se supere, pois temos a visão, que o neoliberalismo, não vai desaparecer. Muito do contrário, as crises, nos parece, para as elites dominantes, uma oportunidade inesperada, com ganho a mais. Ou, na melhor das hipóteses, isso soa como um modo operante, de governo, como vemos na prática em que alguns multimilionários, apoiasse políticos, e vice-versa.

Ficou demonstrado que o neoliberalismo, tem uma causa, ou dos desastres que possui, o mesmo tem um altamente e notável fortalecimento de si, dentro da lógica do capital. Ele faz surgir um sistema em que cria, normas próprias e instituições parceiras, que se comprime no social, muito forte. As crises não são para ele algo que de limites, como aconteceu em algumas crises dentro do sistema capitalista, mas uma forma e meio de prosseguir cada vez com mais força, vigorando sua vontade e desejo. O capitalismo, vem de encontro com ele, dando a esse uma compensação, uma contrapartida, selando compromissos capitalistas. A própria crise de 2008, nos EUA, e, representante máximo do neoliberalismo, foi superada, até que rápida, pois houve a especulação e os bancos entraram em cena, para cumprir com a lógica neoliberal. Para o neoliberalismo, não interessa o social, pois as tensões e os problemas não resolvidos, vão de tendências

desigualitárias, que ele não se importa, a desequilíbrios, e especulação, sendo estes resolvidos, porém aos mais carentes, preparem-se, e dá-se a missão de pagar a conta. De caráter bastante sistêmico, o neoliberalismo torna qualquer reflexão política muito difícil, ou até mesmo, impossível, pois ele está inserido no próprio sistema, mas com viés de ganho.

Compreender as ideias da política do neoliberalismo, não é tão simples, pois pressupõe que este está na natureza do projeto social e político, inserido ali, no que ele representa e promove. Ele traz em si uma ideia muito dele, em termos de democracia, se assim podemos dizer, em que, sob muitas linhas e aspectos, reflete mais uma contra democracia, em que o direito privado de cada um/a deveria ser isento de qualquer controle, valendo-se estes/estas do capital. Por essa razão, entendemos que a lógica é o não controle, pois o neoliberalismo obedece, apesar das revisões doutrinárias, e políticas o antigo *laissez-faire*. Para esse sistema, impede-se qualquer autocorreção, deixando assim a trajetória livre, em particular e em razão disso, tem-se uma desativação do que é mais democrático, e este, pode assim, sob diversos aspectos, adentrar a política como atividade livre.

O sistema neoliberal age no que alguns autores/as chamam de pós-democracia. No que tange a falta de outras forças contra ele, o confronto político, e neoliberalismo, enquanto prática econômica é inevitável. Mas que isso, esse confronto também é destrutivo. O sistema neoliberal é grande e seus poderes, são do nacional ao internacional, interligados. Oligarquias políticas, econômicas e multinacionais, grandes atores/as das finanças formam uma aliança, de coalizão, em que poderes dão uma concreta força, e que assim exercem certa função política em escala total. A mobilização contra esse sistema é enfraquecida, pois a ação coletiva tornou-se muito mais difícil, na atualidade principalmente porque os indivíduos estão submetidos a um regime de forte concorrência em todos os níveis sociais, diríamos desde a escola até a universidade. A gestão, seja na empresa, usando o desemprego, bem como a precariedade social, usando a dívida pública, a avaliação constante, e empresarial, para premiação, dos/as melhores, são poderosas formas de concorrência interindividual, e assim definem nossos modos de subjetivação, esta que é uma característica máxima do neoliberalismo. A polarização, a radicalização, entre os que vão desistir e os que vão ser bem-sucedidos/as, quebram uma chance de solidariedade, e ou a cidadania básica. Também temos abstenção política e eleitoral, as pessoas deixam de acreditar na política, a dessindicalização, como acontece no Brasil, assim tudo parece que conduz à destruição das condições do que é coletivo e, assim por

consequência, temos o enfraquecimento do que seria, a capacidade de agir contra as forças do neoliberalismo. O sofrimento causado por essa grande subjetivação neoliberal, tem causado a deformação na vida comum, pois no trabalho, e ou fora dele, são tais que não podemos excluir a possibilidade de uma revolta em breve antineoliberal.

O neoliberalismo em linhas breves como tratamos acima: defende o individualismo, este presente na sociedade atual, visto que há uma concorrência, um consumismo pregado pelo sistema capitalista, individualismo em que o eu, e não o nosso, prevalece acima de tudo, e de todos, também esse sistema neoliberal, prega a ideia pouca crítica visto que estamos destruindo o meio ambiente, pois ele prega a lucratividade a qualquer custo, sem contar a ideia de empreendedor/a de si, quem lucrar mais e mais feliz, a Sociedade Paliativa como escreveu o filósofo Byung-Chul Han (2021), ao tratar de neoliberalismo. Assim neste sistema há quem tem mais êxito, por ele/ela mesmo/a não nos esqueçamos da meritocracia, essa que destrói as poucas chances de construir, pelo papel do Estado as oportunidades a maioria, a todos/as, pois se há mérito é cada um por si, portanto este (Estado) é dispensável, como dispositivo social, em suma uma das maiores características do neoliberalismo é ruir o Estado, e ou, melhor, fazer deste o seu parceiro para lucros individuais, ou falsas corporações (grandes empresas, bancos, grupos de poder) que representam o capital. Inicialmente, para elencar algumas das ideias neoliberais, vamos atentar para alguns teóricos, que dentre outros, poderíamos citar: Friedrich Hayek e Milton Friedman, da Escola Austríaca estes que criaram as primeiras ponderações acerca do sistema neoliberal, na década de 1960, mas é propriamente na década de 1980, que as ideias destes tiveram êxito em suas —teorias sendo elas inclusive implantadas na prática por figuras de grande poder mundial, seja na economia, ou na política, como, Ronald Reagan, presidente dos EUA, em 1981, e Margareth Thatcher, primeira ministra de 1979, na Inglaterra, e que nas palavras de (Wallerstein, 2004, p.61):

[...] lançou o chamado neoliberalismo, que era na realidade um conservadorismo agressivo de um tipo que não era visto desde 1848, e que envolveu uma tentativa de reverter a redistribuição do Estado de Bem-Estar, de modo a beneficiar as classes superiores e não as classes mais baixas.

Percebe-se que, tanto a M. Thatcher, quanto R. Reagan, assim como outros demais políticos que citaremos, ao longo das páginas, que estes/estas não foram os criadores e ideólogos das ideias neoliberais, mas sim, que as aplicaram, em seus governos, de forma a aprimorar, pela e para, a prática, neoliberal, seu *modus operandi*. Importante destacar bem como ressaltar, que em seus governos, foi aplicada uma das ideias neoliberalistas, e que o

neoliberalismo, de um, não é como do outro, mas comungasse em linhas gerais, e em prol de reformas sejam quais foram, para depois tomar um sentido mais amplo, mas percebemos sempre uma consonância para com o capitalismo, e claro, sempre a serviço máximo desse. Como reflete Laval (2004, p. 12):

Usando como pretextos numerosos defeitos, cada vez mais manifestos, de um sistema burocrático que se havia hipertrofiado e massificado no grande período do Estado fomentador, as pressões se acentuaram, em nome da eficácia e da democracia, para introduzir os mecanismos de mercado e os métodos de gestão inspirados pela lógica empresarial.

Desta forma, e como nos adverte Laval, ao visitar as obras, e alguns teóricos primordiais do neoliberalismo podemos perceber que, dentre tantos argumentos, temos alguns que são considerados mais importantes, que outros, e também para se ter uma noção mais ampla do que se define por neoliberalismo, precisamos ir a fonte. Autores como Ludwig von Mises e Friedrich Hayek são os idealizadores, e os mais discutidos da prática do neoliberalismo, e esses não podemos deixar de citá-los. O neoliberalismo da década de 1980 se atualizou rapidamente. Este sendo assim, é de difícil definição, pois é polimórfico, dado os novos conceitos da pós-modernidade.

O neoliberalismo, diríamos, também é polissêmico. Há assim que se falar de neoliberalismos, pois ele possui vários pequenos pontos, que se autoconsome, que se auto regulam, e constantemente criam-se, de tempos em tempos, décadas após décadas, como percebemos, ele produz novas camadas, novas regras, seus novos ideais, a fim de autocentrar-se, ou, em rever os seus lucros e suas perdas, seus ganhos como o deseja, a toda hora, a cotação nas bolsas de valores, o definiria muito bem, pois é volátil, capitalizado. Sua maior busca, antes é a transformação contínua, primeiro, e pelo capital, após, só após, bem depois, o social e o político, pois é por esses meios que ele age transfigurando-se. Essa transfiguração é sempre renovada, pelo e para, o capital, e como bem reflete Miguel (2012, p. 94): os problemas da relação entre capitalismo e democracia estão – quando muito – relegados à nota de pé de página, mesmo entre aqueles que se apresentam como herdeiros das tradições do pensamento crítico. O capital é um empecilho para a democracia real, como nos atesta o autor. Assim, para o Neoliberalismo a fonte, é o capital. Veremos que o neoliberalismo nasce pondo a economia como algo secundário, este que ainda, no século XVIII, chamava-se de Liberalismo, defendia fortemente, a palavra liberdade, dito assim, a de comércio, contra aqueles/as reis e rainhas que outrora eram absolutistas, e o que ele, o liberalismo, tinha como ideia primária? Em outras palavras, a economia não deveria ter a intervenção do rei, ou da rainha, em questões econômicas.

Porém entre o liberalismo e o neoliberalismo, há na história um hiato, apesar de distantes, no tempo, temos uma dependência, uma sequência, pois sua maior essência, diríamos, ainda sobrevive, a busca de liberdade, de livres mercados, seu foco de ação, mais ampliado. O neoliberalismo, ainda busca sua essência, escravizando-nos a nova moda, como hoje o conceito ainda a ser pensado, e estudado, que chamamos de uberização, o que Karl Marx em suas reflexões, socialistas nos idos do século XIX, chamaria ou talvez utilizaria um termo mais digno, a mais-valia.

Mas o que realmente defendia o Liberalismo, como *conditio sine qua non*? Bem, o exato, seria difícil dizer, mas naquele contexto, do século XVIII, definitivamente era a liberdade de comércio. Buscavam assim os que defendiam as ideias liberais, lutar contra os moldes da tirania dos reis e das rainhas absolutistas, em que a burguesia como classe social, ainda emergente, era a defensora máxima do liberalismo que era crescente, e estas ideias, eram revolucionárias, e levariam reis e rainhas aos cadafalsos, ou seja, a perder suas cabeças. Na medida em que esses/essas obrigatoriamente, ainda interviam fortemente na economia daquele contexto, e frisa-se aqui, que figuras como o rei Carlos I, na Inglaterra e Luís XVI na França, morreriam lutando contra as ideias liberais, num misto de religião, política e economia, e de tradição pelo uso e abuso do poder. O famoso slogan do liberalismo, era a liberdade e a burguesia, foi a classe, ainda subalterna, quem estaria mais à frente das ideias liberais, dessa forma, ela acabou sendo, e era, seu maior representante dentre o povo que buscava e primava por liberdade.

Avançando para o século XIX, e para o capitalismo em plena Revolução Industrial, temos liberdade e liberdades, dessa forma o Socialismo Científico, com Friedrich Engels e Karl Marx, seriam críticos ferrenhos do capitalismo, não nos esqueçamos que o neoliberalismo tem as mãos dadas com o capitalismo, por tanto, este (neoliberalismo) vive, por e para, o capital. Este em busca da liberdade, vai sofrer uma grande metamorfose. E se no liberalismo, tudo era pela causa da liberdade, agora no neoliberalismo, tudo vira uma mercadoria, pois para ele, ou melhor, para o capital, tudo vira, ou deverás, virará em termos mercadológicos, uma mercadoria, a frase em inglês seria o slogan “time is money”. O neoliberalismo transformou o ser humano, se assim podemos pensar, este/a só é mais um ser na gôndola do mercado, à escolha de quem tem dinheiro, para poder consumi-lo/a. Nessa linha de raciocínio, para o atual Neoliberalismo, a educação, a saúde, os transportes, as moradias, o conforto, a velhice, o bem-estar, tudo, só é mais uma mercadoria, portanto, nada escapará. O neoliberalismo, busca o lucro incessantemente, o que é para alguns apenas a liberdade da ação, mediante o capital acumulado, para outros é a perda de si, de

direitos essenciais. O neoliberalismo é silencioso, dessa forma, corrói, de uma maneira quase ilógica. Transforma e nos leva muitas vezes sem refletir, como nos atesta Dunker et al. (2022, p. 18):

Da mesma forma, era moral a defesa de que os indivíduos deveriam parar de procurar —proteção dos braços paternosl do Estado-providência a fim de assumir a responsabilidade de uma sociedade de risco uma sociedade de —riscol mexe com nosso ser, cria instabilidade emocional, geracional, e gesta muito sofrimento.

Vemos que, segundo Dunker, o neoliberalismo vai introjetando a ideia de sofrimento, esta ideia, claro que, não responde a tudo, porém é preciso atentar ao cotidiano, e nas nossas pequenas ações, nas nossas mazelas sociais, pois nossa sociedade está adoecendo, em parte pelas medidas neoliberais, que visam só o capital, e não o bem estar social. Em sua histórica transformação, podemos dizer que ele, está por de trás, que ele pode estar a contribuir, com tantas fobias, doenças mentais, pois o stress, a ansiedade, e medo, são em parte causados pelo sistema capitalista vigente, seja pelo excesso de trabalho ou por medo de perdê-lo. Mas do que isso, nas reflexões deste autor, e colabores, o neoliberalismo, bem como outras pesquisas, o neoliberalismo tem, sim, um grande poder de transformação da sociedade; como amplo sistema, pois ele trabalha em nosso ser social, age em nosso cotidiano, nas nossas pequenas e grandes ações, e na maioria das vezes, comanda, sem nossa percepção, por mais que sejamos acurados de reflexões. Talvez um exemplo? A uberização da sociedade, a qual se tem uma constante retirada de direitos trabalhistas, uma das características máximas do neoliberalismo, bem como o excesso de horas trabalhadas sem nenhuma garantia social. O que nos falta é ação contra esse sistema, e perceber o neoliberalismo e sua artimanha, mas ele age muitas vezes, na ação governamental, pois o próprio governo muitas vezes é comandado pela força empresarial, e como vemos o Brasil é um país em que, ao falar de neoliberalismo:

A regularização deste modelo de serviço veio no ano de 1974, com a Lei 6.019/74, mas o reconhecimento pelos tribunais trabalhistas aconteceu só em 1986, permitindo legalmente a prática. Já em 2017, a Lei do Trabalho Temporário, no governo Michel Temer, foi a que regulou tanto o trabalho temporário quanto os serviços terceirizados (Brasil de Fato, 2023).

Como refletido na matéria da página Brasil de Fato: percebemos que a terceirização e a uberização, vem a precarizar as condições de vida dos/as trabalhadores/as, e podemos relacionar a matéria com a palavra sofrimento, usada por Dunker, no qual se tem paralelo com o neoliberalismo, assim acreditamos que é uma causa necessária, fazer uma reflexão social, e interpretativa, da realidade, que as mudanças vêm causando a partir das práticas

neoliberais. A sociedade atual, vem pois, com o advento do neoliberalismo, e por sua força monumental e transformadora, se vendo violentada, em quase que silenciosa ação, desse sistema, dita mais uma vez, silenciosa, está em nossas vidas, pois quando se trabalha 12 horas por dia, em pleno século XX, quando se tem direitos trabalhistas retirados em reformas como fez o presidente Michel Temer em 2016, o que avançamos nas leis trabalhistas? Cadê a proteção do Estado aos/as trabalhadores/as? Ou melhor, cadê o Estado? O neoliberalismo e suas práticas já venceram, diriam uns! Citando mais uma vez Duke e colaboradores, que então nos trouxeram uma pauta de reflexão, sobre o neoliberalismo e as nossas relações sociais bem como as cotidianas, estamos nós neoliberalizando. Essa reflexão parte do ramo da psicologia, o que reflete, que há um movimento contra as ações nefastas do neoliberalismo, seja por parte de outros/as e que não é só historiadores/as, filósofos/as, sociólogos/as, etc. Há combates, pesquisas importantes sendo feitas em diversas áreas, isso traz um fôlego contra o neoliberalismo. Que bom que outras áreas, percebem o quão as medidas do neoliberalismo estão a transformar a questão humana, e que essas práticas neoliberais só priorizam o capital. Bem como nos atesta, Andrade (2019, p. 213) sobre o neoliberalismo, em que:

tem o potencial de desfazer o isolamento acadêmico, pois atravessa diferentes disciplinas (sociologia, antropologia, ciência política, economia, geografia, história e filosofia), e de dialogar com as lutas sociais, sendo um termo utilizado por movimentos e atores políticos para identificar seus alvos.

Dessa forma, o neoliberalismo é um termo polissêmico, porém urge, que as ciências não só de humanas, reajam, pois é preciso identificar as mudanças que o neoliberalismo traz em nossas vidas, e o quanto antes. Se a academia, com suas leituras, avançar na reflexão, a sociedade pode ter compensação. A educação, que é nosso maior propósito, seja qual nível, deve ser repensada, cotidianamente, deve assim, dar a sociedade, em seu relacionar, um refletir do quão profundo e sua importância na formação da cidadania, pois ela, a educação, deveria estar acima de qualquer outra medida de escolha, sejam elas políticas, e ou, econômicas, deveríamos todos/todas como sociedade cobrar essa pauta dos/as governantes de maneira mais enfática.

1.1.2 Críticas ao neoliberalismo

Um dos mais importantes críticos do capitalismo, o pensador da sociedade capitalista do século XX e início do XXI, István Mészáros, (2008, p. 26.) ao analisar, o sistema capitalista afirma que: suas posições críticas poderiam, no limite, apenas, desejar

utilizar as reformas educacionais que propusessem para remediar os piores efeitos da ordem reprodutiva capitalista. Em uma possível interpretação, ou em outras palavras, o sistema capitalista (juntamente com o neoliberalismo) se aproveita da crise e lucra com ela, mediante a educação também, não para a educação, a mais humanista, mas vê ela, apenas como uma mercadoria. Ela (educação) seria, no caso das reformas neoliberais, então, um caminho para atingir o fim, o lucro, a produtividade, num ciclo contínuo. Mészáros critica profundamente aqueles/as que utilizam do capital humano como máxima para a lucratividade, uma forte característica do neoliberalismo atual. O que para o autor vem a colocar, tomar, tirar, todo esse, ser humano, num grau de apropriação máxima, e o torna, assim, em uma simples mercadoria, e como bem veremos mais à frente, acreditamos, que ao fazerem as reformas educacionais (muitas delas), de ideais neoliberalistas, e por governos que as defendem quando chegam ao poder, tornam o homem, a sociedade, uma mercadoria em sua máxima extensão.

Ao tocar na questão em que Mészáros diz que, o sistema mercadoriza as pessoas, poderíamos ainda ir um pouco além, e dialogar, suas palavras, com as do psicanalista Christian Dunker, numa dobradinha de pensamentos, em que, ao afirmarem que o neoliberalismo, é um criador de situações negativas para a nossa sociedade e sua existência,

o neoliberalismo, age como destruidor máximo da questão mais humana, a educação, a cultura, isso que é algo importante e que nos difere de um animal, pois é a educação, é que cria no ser humano uma capacidade ímpar e inigualável de ser e estar no mundo, de transmutar. Vemos isso na apurada reflexão do psicanalista Christian Dunker, em seu livro, sobre o sofrimento, que fez juntamente com outros/as importantes colaboradores/as, neste livro: Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico, há referências bem claras, de como essas ações (neoliberais) deveriam ser repensadas socialmente, e pensadas de maneira forte pelos governos, mais que isso, no cotidiano, pois nas palavras de Dunker et al (2022, p. 21- 22): é cada vez mais evidente como lutas políticas tendem a não ser mais descritas a partir de termos eminentemente políticos, como justiça, equidade, exploração, espoliação, mas através de termos emocionais, como ódio, frustração, medo. O neoliberalismo transformou o mundo real? Sim. Enfatizamos que o neoliberalismo dilui o mundo real em um paralelo, vejamos as questões não esmiuçadas, que para o senso comum, deveria ser mais explícito, mas que a política muitas vezes trata de maneira simplista, a direita X, a esquerda, ou o mais ao centro X o menos ao centro, porém não define nada. E cadê a culpa do capital, e do neoliberalismo? Precisamos entender seus

códigos, pois é na economia, que o neoliberalismo, tem uma intervenção constante, seja nas esferas do estado, bem como usando-se de suas filantropias, bem como das ONGs, etc. Sem tocar ainda na questão que ele busca de esvaziar e desqualificar as questões políticas, despolitizar tudo, através do, e para o capital, ou tenta com objetivos escusos para a maioria, como podemos perceber, no exemplo cotidiano a terceirização, em que muitos/as trabalhadores/as, perdem seus direitos, e ou no caso mais grave, a uberização como citamos acima.

O neoliberalismo, se seguirmos nessa linha de pensamento, e segundo Andrade (2019, p. 220): *não se trata, portanto, de Estado mínimo, como afirma o discurso ideológico, mas de um Estado empreendedor, que pode se expandir e mesmo se tornar mais dispendioso*. Então, como ressalta o autor, nem tudo é economia, mas tem coisa que está embutido, e é, sim ideológico, ou seja, um viés ideológico-econômico. Pois quem dá o comando mais forte nas questões políticas, se não as economias mais fortes? Quem propõe as reformas educacionais, no caso aqui, nosso maior objetivo de pesquisa? Senão ele, o capital! Este com seu poder-toque, como ocorrera com o famoso rei de Midas, faz tudo se desfazer de sua essência, no caso, as coisas humanas, propriamente a educação, algo muito primordial para a formação do ser, mas que agora vem a ser uma simples mercadoria, consumida, como qualquer outra, e assim, se não dá lucros joga-se fora, descarta-se, gerando uma espécie de *fast-food* cultural, sem fim, mas lucrativo. Se é improdutivo, se torna descartável para o sistema. Outra autora, que destacamos, ao falar de neoliberalismo, e que não poderíamos deixar de citar é Wendy Brown, que ao pensar no sistema (2023, p.6) e em seu: Ensaio, Cidadania Sacrificial Neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade, traz algumas ponderações importantes e interessantes:

A atual economicização neoliberal da vida política e social se distingue por uma produção discursiva que converte toda pessoa em capital humano – de si mesma, das empresas, e de uma constelação econômica nacional ou pós-nacional, como a União Europeia. Consumo, educação, capacitação e escolha de parceiros são configurados como práticas de investimento em si mesmo, sendo o —si mesmol uma empresa individual.

O que se percebe nas palavras da autora acima citada é que o neoliberalismo, na atualidade, em termos de vida cotidiana, essa economia-política, o neoliberalismo, introduziu-se com suas formas de produção e ação social, e em sua máxima força e atualização, nas nossas vidas, nossas escolhas, o neoliberalismo, atua em nós em nossas ações, desde as mais banais até as mais existências. E diríamos, de uma maneira tão abrupta, que nem refletimos mais, apenas somos levados pelas correntes e ondas magnéticas do capital, do consumo irrefreado em larga escala. O neoliberalismo estaria

assim em cada coisa, das quais consumimos, e ou adquirimos, seja na educação, no trabalho, na saúde, na segurança, na diversão, em suma, em tudo, e nele temos o toque de Midas neoliberal. Como nos ressalta, Brown (2023. p. 7): Enquanto o neoliberalismo busca manifestamente emancipar os indivíduos das redes de regulamentação e intervenção estatais, ele envolve e vincula esses mesmos indivíduos em toda esfera e instituição neoliberalizada da qual participam.

Falar de neoliberalismo, de estado e política, seria quase impossível não se lembrar de Margareth Thatcher (1925-2013) talvez umas das maiores representantes do neoliberalismo na Inglaterra, em que disse em ocasião: não somos mais seres sociais, Thatcher foi primeira ministra e ficou conhecida por ser uma pregadora das ideias neoliberais. Brown (2023), trabalha com a ideia de que o neoliberalismo nos individualiza, e muitas vezes sem a gente perceber, dançamos a música sem ouvir a letra. Então não há mais como fugir desse sistema neoliberal? Ele tomou conta? Temos que nos render, aceitar? Não há como lutar contra esse sistema opaco, sem rosto e forma bem definida? Questionamentos, assim se os fizermos, e dependendo de quem, nós ouvir fazendo, arrumaremos uma grande e eterna confusão, sendo, inclusive, para os nossos pares, e talvez, para muitos outros/as apenas uma esquizofrenia andante, falando com as paredes e no vazio. Por que para muitos ainda há, reconhecidamente, a fraqueza do Estado, e esta é às vezes, assumida, irrefletida, e ao que me parece desde que somos livres de Portugal, não somos uma nação, pois para muitos/as, de nós, ainda falta a liberdade de pensamento. Vejamos os cidadãos que para além de pagar seus impostos, ao Estado, ainda mantém um plano de saúde privado, pois segundo esses, há muita precariedade nas consultas e atendimento do SUS, este mesmo cidadão que paga, para além dos seus impostos, um plano, para ter algo a mais, e muitas vezes caro e ineficiente tanto quanto o Estado, que ele critica abertamente no seu cotidiano. E na educação as coisas são diferentes? Segundo pesquisas não! Pois uma parcela de nossa população, dita classe média, prefere passar a vida pagando, apesar de atrasadas, as altas mensalidades, de uma escola particular, ou uma faculdade, aos seus filhos, pelo simples fato de achar que estão ganhando algo a mais, apontando, segundo eles/elas mesmos/as, a deficiência, a ineficácia da escola pública, e ou, da faculdade, de todos/as, ou porque, na escola particular, em que a filha/filho do vizinho estuda, tem aulas de balé, e ou, o filho/filha do outro tem judô, tem escolinha de futsal, e aí, se quisermos abundam os exemplos contra o Estado, este que por muitos/muitas é um malfeitor.

1.1.3 Neoliberalismo à brasileira e a educação

No Brasil, pela nossa despolitização, tem muitas pessoas que acham que tudo que é público, é de pobre, precário, tem corrupção, e ou, demora demais, e não presta mesmo, portanto, aos caprichosos, o neoliberalismo age, pois não é este contra o Estado, é sim um aliado. Ele age na liberdade. Então, os discursos, de privatizar-se, vira a solução, segundo alguns iludidos/as! Passamos a refletir agora de como se deu essas medidas na América Latina, ou ainda se dá, as ideias neoliberais? Como aqui se colocou? Qual é o efeito da conjuntura neoliberal por aqui na América Latina?

Citamos, num primeiro momento, um dos nossos vizinhos, no caso o Chile, que na década de 1980 foi um terreno fértil para o neoliberalismo. Este país foi o primeiro laboratório do neoliberalismo, na América do Sul. Em terras chilenas, vivenciou-se um regime violento e ditatorial, o de Augusto Pinochet, este que agia como um ditador, porém um dos mais inovadores políticos, pois ele conseguia, ao mesmo tempo, ser um ditador e neoliberal, uma grande faceta, pois os próprios neoliberais pregam a liberdade, e como sabemos numa ditadura não se tem liberdade! Citamos esse governo, pois foi o primeiro em terras latinas. No Chile o modelo neoliberal, e como dissemos acima, o neoliberalismo tem várias facetas, fez-se de uma ditadura, e um estado neoliberal. Dentre as ideias neoliberais mais importantes realizadas pelo governo Pinochet está a privatização de bens e serviços públicos como a saúde, educação, os meios de transportes, e observa-se que aí estão juntos, num pacote, que dentre outras coisas, vem a ser a vida das pessoas, pois o neoliberalismo atua fortemente na esfera social-política, apesar de negar, é só a liberdade de comércio, que pretendemos dizem eles/as! Com relação à educação, o sistema quer muito, essa fatia social, e fortemente, fazem reformas nessa área, pois é da educação, se bem atuada, que sairão as críticas mais profundas ao sistema, no caso uma de ditadura, como nos afirma Gentili (1998, p. 16):

Uma retórica e um núcleo de propostas comuns orientam as políticas de ajuste implantadas na esfera educacional, que não expressa outra coisa senão a particularidade que assume o Consenso de Washington numa área prioritária da reforma social impulsionada pelo neoliberalismo.

Mexer, reformar, alterar, aquilo que compete à esfera educacional é uma prática dos ditadores e não foi diferente com o governo de Pinochet. Então envenena e matassell a reflexão, causada pela educação? Numa ditadura ela é a primeira a morrer. E é pela boa educação que se faz uma crítica social, a escola tem esse dever, de formar o pensamento crítico, mas e se, ela é dominada por práticas estranguladoras de uma ditadura? No caso do

Chile, foi isso que as práticas neoliberais e ditatoriais o fizeram, destruiu a educação em sua essência. Outros governos da América Latina, assim como fez Pinochet no Chile, também implantaram o sistema de governança neoliberal, no México, a exemplo com Salinas, na Argentina com Menem, na Venezuela com Carlos Andrés Pérez, e no Peru com Fujimori, só para citar alguns. Ressalta-se, aqui, que com diferenças, bem pontuais, de um governo para outro, por isso, falamos de neoliberais, com S, porém a cartilha é a mesma, as reformas são parecidas, para o, e em prol do capital. E em terras brasileiras houve a implantação das ideias neoliberais? Infelizmente, sim.

Segundo nossa história, aquela não negada, a ditadura Cívico-Militar (1964-1985), brasileira aconteceu sim, como houve no Chile. Nosso primeiro presidente a ser votado depois da ditadura, foi Fernando Collor de Mello (1990-1992), e posteriormente, o outro Fernando, o Henrique Cardoso (1995-2003), implantaram e deram continuidade às políticas neoliberais, de maneiras distintas, mas deram a oportunidade em seus governos para a ação neoliberal. No caso do segundo mandato, do então F. H. Cardoso, as ideias do neoliberalismo são fortemente colocadas em práticas, pois havia no Brasil uma moeda fraca, uma crise de capital estatal enorme, isso foi visto como uma oportunidade para os neoliberais. Foram esses anos da década de 1990, em que educação brasileira, sofreu um dos maiores desrespeitos, da nossa história, em que ONGs e governos, seja em qualquer esfera se analisarmos, usaram dos cofres públicos, para lucrar, emprestando milhões de órgãos internacionais como o FMI, o BM, dentre outros, representantes do neoliberalismo sempre prontos a atenuar a crise. E isso é histórico na nossa história, pois no Brasil, o capital estrangeiro sempre esteve forte por aqui. Os políticos foram, e são eleitos pelo povo, e para o povo, mas por vezes eles/as destoam da razão pública, e passam a aderir às ideias neoliberais, essas são regidas, pelo e para o capital, começam assim a ser implantadas difusamente, o dinheiro aparece e o povo acha que é o governo, mas não.

Como bem se observa, os que defendem o neoliberalismo, em lugar da ação do estado, e do que este deve, sempre estão prontos. O estado deve pagar pelos seus erros, estes criados em gestões passadas, ou não, mas é bem dele, do estado, pagar por sua ineficiência, dando-nos novas situações, novas resoluções para que o mercado, e ou, o setor privado, melhor dizendo, mostre a sua eficiência, sua eficácia, comprovada, aprimorando sua qualidade, irresoluta e empresarial, deve este, (o neoliberalismo) então, agir em paralelo ao estado, um grande parceiro para as horas de necessidades econômicas, e ou planejadas, por grandes e experientes empresários (na atualidade, chamasse de CEO). O estado deve atender e ser o mínimo, segundo a máxima neoliberal, este assim criará,

uma necessidade para que as empresas, mediante três orçamentos (como é de costume no Brasil, por parte do estado) que poderão agir em prol de todos/as, e para o bem-estar social, sem aqui se questionar, se haverá ou não o emprego da ética, ou a verdadeira transparência pública, isso não importa, o empresariado é a parceria mais perfeita. Os que detém capital decidem, e os sem capital, não tem outra opção, aceitam, as grandes corporações, os conglomerados, é que ditam as regras. O estado, deve ser reduzido, não extirpado, pois no mínimo, ele executa apenas o necessário para reproduzir o capital, o estado cuida das leis, organiza, o estado deve exercer sua função, mas não manda no capital, ele deve ser um juiz sem olhos, o capital guiará, juntamente com o neoliberalismo.

O estado sempre precisou dos grandes homens, outrora no Brasil, barão de Mauá, ou de outros na atualidade como Elon Musk, Bill Gates, dentre outros/as multimilionários/as, que o capitalismo destaca como exemplo de sucesso. No plano da educação, o neoliberalismo, em sua ideia mais central, busca mercadorizá-la, também faz, e ou, busca uma regulação a todo custo, dela, pois para o capital, tudo se vende assim as constantes melhorias, no caso suas plataformas digitais, segundo eles, podem resolver o problema da educação. Porém como nos afirma, e ao falar, de educação e neoliberalismo, Laval (2003, p. 23) reflete que de modo geral, o utilitarismo que caracteriza o espírito do capitalismo não é contra o saber em geral, nem mesmo contra o saber para um número de pessoas, ele vê o saber como uma ferramenta a serviço da eficácia do trabalho.

A escola brasileira está nessa linha neoliberal de raciocínio, o saber ainda é importante, mas não tanto, pois muitos dos governos, tiram a prática humanista, e dão um sim, pelo e para o bem do capital, essa (educação) passa a ser um investimento visto pela lógica empresarial. E ainda mais, segundo as reformas neoliberais só haveria qualidade nas escolas, se estas adquirissem o pacote ideal, o empresarial, os moldes de empresas que dão lucro se inserem para as escolas. Temos que desmistificar e entender essa falácia. Veja-se na prática o exemplo do estado do Paraná (2022), que segundo o governo atual (Carlos Massa Ratinho Junior-PSD) somos o primeiro no Ideb brasileiro tudo isso, segundo o governo, otimizado pelas plataformas educacionais (são pelo menos 30) nas escolas da Rede Estadual, isto feito mediante uma empresa não Estatal, sempre contratada por altas cifras de investimento. O estado deveria, em tese, segundo pensamos como sociedade, fornecer, uma educação de qualidade, mas este, comete falhas, e segundo os críticos neoliberais, pode-se aí, na possibilidade de abertura, agir, e mais, passasse uma sensação de que o mercado cria, ou criaria nas escolas particulares, os/as melhores estudantes, então a educação deixa de ser, esta educação pública, para o Ser, e vira mais um serviço no caso

educativo, que para quem lhe convém, quem tem dinheiro, e pode pagar, mais, gasta a mais, e pode adquirir as melhores oportunidades, quem não tem, fica refém do sistema, esse seria o estado, que segundo os neoliberais, e suas ideias, é precário, falho e obsoleto.

Nesse sentido, é que muitas empresas privadas, segundo a lógica neoliberal, devem e podem, auxiliar. Empresas de grande porte, ou ainda não, pois muitas delas crescerão, com o fomento estatal, como a Positivo aqui em Curitiba no estado do Paraná, ou a Risotolândia, em Araucária, pequenas empresas, de outrora, grandes negócios agora, o que deixaram evidente que essa parceria estado e neoliberalismo nunca sai de graça, aos cofres públicos, pois para os/as trabalhadores/as, a exemplo, temos ainda uma carga alta de tributação, e é claro, outros efeitos como o da uberização, ou do precariado, em que muitos/as são terceirizados/as, perdendo seus direitos trabalhistas, bem como tendo que se submeter a ganhar péssimos salários. A iniciativa privada, sempre não satisfeita, retira ou diminui, pressiona para que as leis trabalhistas sejam mudadas a seu bel prazer, e ainda temos muitos/as políticos/as neoliberais em sua máxima defesa, inclusive bancadas dos ideais neoliberais.

Além disso, o neoliberalismo é posto como quem se preocupa em ajudar o Estado. Os que defendem a cartilha neoliberal, estão do lado do povo? Vemos que não é bem assim. Neoliberais ao darem novas respostas a boa parte dos problemas produzidos pelo velho capitalismo, iludem aos/as não atentos/as, isso corrobora, em que o estado mal gerido, segundo os neoliberais precisa de uma ajuda, estes estão prontos. A lógica do neoliberalismo, trabalha com a ideia de consertar, de maneira cirúrgica, com cortes aqui e ali, os erros estatais acumulados. Aos realistas, os dividendos, como a miséria causada principalmente pelo endividamento dos países de periferia, dentre eles, o Brasil, é bem assim. O neoliberalismo, sempre tem uma solução, dentre as mais viáveis, estão os empréstimos, o maior banco do mundo (Banco Mundial), está sempre a ajudar os países pobres como o nosso, o Fundo Monetário Internacional (FMI) a OCDE, e posteriormente também, o Consenso de Washington, juntos estes órgãos internacionais, criam e ou criaram, uma política de ajustamento do capital. Assim os/as mais atentos/as, percebem as práticas do neoliberalismo, este que segundo os países ricos, age em prol dos menos favorecidos, sem segundas intenções. A orientação maior é sempre para a economia, dita de mercado, esse que é governado por uma mão invisível, como diriam os economistas do Iluminismo, e com isso tem-se uma melhor maneira de organizar, e também, de gerir a produção, e a distribuição dos bens e serviços, dentro dos ideais e da lógica capitalista, mas isso, para nós, é só o pano de fundo.

Tudo acontece dentro do sistema, como bem sabemos, através de estratégias, que dentre outras podem ser: a redução e controle rígido da inflação (criada pelas condições econômicas), o controle do déficit das contas públicas, esse obviamente, através de cortes nas áreas da saúde, da educação, bem como do setor social em geral, e é claro, objetivando-se a privatização, uma das mais fortes características, que notamos dentro do ideal norteador neoliberalista, pois aqui falamos das empresas Estatais (algumas muito lucrativas, que agora estão prontas para a entrada do capital estrangeiro, ou não) estas são vendidas para fazer caixa, ou ainda na maioria das vezes, para pagar as contas do governo, (como aconteceu com venda da Copel no Paraná, e da Sanepar), devendo o Estado (Federal e Estadual), assim sendo, segundo a lógica neoliberal, ficar o mais longe possível dos negócios, pois ele (governo) não sabe gerir as coisas.

Mas há outros lados, coisas que são piores, os capitalistas querem os/as trabalhadores/as sempre saudáveis e, claro, bem-preparados/as para que as suas empresas possam competir num mercado internacional e voraz, outra característica do neoliberalismo, veja a China, um país altamente competitivo. Dessa forma, a partir da exploração dos/das trabalhadores/das, como já nos afirmava Karl Marx na sua famosa tese da mais valia, é que vai se organizando, se ampliando o capital, a sua nova fase, autodenominasse neoliberalismo. O neoliberalismo quer e precisa aperfeiçoar um/a novo/a trabalhador/a, que segundo Frigotto (1990, p. 221), com boa formação geral, atento, leal, responsável, com capacidade de perceber um fenômeno em processo, não dominando, porém, os fundamentos científico-intelectuais subjacentes às diferentes técnicas produtivas modernas¹. Para os neoliberalistas, como podemos perceber, em primeiro lugar, deve-se dar prioridade, bem como deter algumas falhas cometidas pelo Estado, uma delas é a educação, pois ela torna a mão de obra mais produtiva, e necessária para o sistema.

Nessa direção a educação, e o estado, é um dos mais procurados em produzir isso, e é inegável essa culpa que ele (estado) carrega, pois, estudantes disciplinados/as serão ótimos/as operários/as. Ele (estado) será, e é quem está à frente da confecção de produção de seres sociais, bons/boas para o trabalho, o estado é o timoneiro da coisa pública, inclusive deve produzir bons/boas alunos/as, que virão a ser bons/boas funcionários/as, produtivos para o sistema capitalista. Em segundo lugar o neoliberalismo busca enfraquecer os movimentos sindicais, pois o capital, precisa de concentração nas mãos de uns poucos, para que estes possam agir em nome de todos, e para o bem comum, o que às vezes, chama-se de filantropia, ou seja, vamos dar um pouco aos pobres. Em terceiro lugar, deixa-se mesmo, que ocorra o crescimento das taxas de desemprego (isso cria um exército,

otimizando assim uma reserva de ociosos/as), como o fez desumanamente muitos governos, na história, havendo assim um aumento considerável da miséria, pois para uma economia de mercado que queira ser bem eficiente, isso é básico, mais miséria, mais exploração, e para fechar, com grandeza, deve-se, culpar os/as indivíduos/as por suas escolhas, outra característica forte do neoliberalismo, pois tira da causa social, e política, e joga no individual, se der certo é eu, se der errado, é eu. O estado nem sempre é, a vítima do neoliberalismo, como estamos compreendendo, ele também tem, e sim, uma grande contribuição, claro que uns governos, talvez mais, e outros menos, como reflete Andrade (2019, p. 223-224):

O Estado joga um papel decisivo no neoliberalismo. O ímpeto de restauração do poder de classe distorce na prática a teoria do Estado mínimo. A criação de um clima favorável aos negócios e aos investimentos, a difusão financeira, o papel de garantidor de última instância de grandes instituições financeiras, a transferência dos prejuízos privados para as contas públicas, a repressão dos sindicatos, a precarização das leis trabalhistas, a redução de gastos sociais, a difusão de políticas públicas de responsabilização individual, a ação repressiva da polícia e do judiciário, os privilégios concedidos a grandes corporações, a delegação ao setor privado da formulação de leis, das estruturas regulatórias, das políticas públicas e a promoção de parcerias público-privadas, nas quais o Estado assume os riscos enquanto as empresas ficam com os ganhos.

Então, podemos dizer que o estado se beneficia também do neoliberalismo? Sim e afirmamos, isso muitas vezes percebendo as parcerias que alguns governos estabelecem. E este (neoliberalismo) também lucra com o governo? A resposta é sim, e acreditamos que inúmeras vezes. Isso vem a ser uma estratégia, em que, cria-se certa desigualdade, para que esta seja sanada, por parceiros, estes que ajudam o estado, de um lado, e o capital financeiro de outro, fechando a parceria perfeita, que os governos atuais chamam de parceria público-privada. O privado entra com a verba (capital), e o estado regulariza as coisas? Sim e não, pois é uma parceria muitas vezes dúbia, para o povo, e lucrativa, para um lado, não para o governo. E não nos esqueçamos do povo, os que mais sofrem. Um bom exemplo são os das horas-extras que não existe mais em muitas empresas, pois, virou um banco de horas, sendo assim, não se recebe mais em dinheiro, pois em muitas empresas, apenas tirasse uma folga, um dia, no qual o patrão determina quando ele bem quiser (melhor na baixa produção), o que mostra isso? Mostra que nas reformas, ditadas pelo neoliberalismo, o/a trabalhador/a fica entre o patrão e o governo, e se patrão e governo estão juntos, a derrota do/a trabalhador/a é garantida, pois a lei (estado) e o capital (neoliberalismo) estão juntos. Infelizmente o neoliberalismo dia após dia, sejam alterando as questões trabalhistas ou na educação, está avançado muito mais rápido do que poderíamos crer, bem como reflete Silva (2022, p. 77) em sua tese de doutorado sobre o

Neoliberalismo e a crise da Educação, em que segunda ela:

Pode-se afirmar, em suma, que o neoliberalismo estilhou as relações sociais entre trabalhador. Ao obrigá-los a assumir postos de trabalhos temporários, de baixa remuneração, com menos direitos e de exploração intensiva, o neoliberalismo limitou as possibilidades de estabelecimento de laços sociais duradouros.

Em outras palavras, e bastante ligeiras, o salário da maioria da população, que poderia crescer com as horas a mais trabalhadas, no dia-dia, agora para além de baixos salários, estará congelado em nome do controle da inflação, enquanto as classes mais altas, os da A, B, os/as que detêm os privilégios, aumentam ainda mais seus dividendos, pois estes vivem de rendas aplicadas, heranças e posses milionárias. Mas, como as pessoas não fazem, ou não fizeram nada contra tudo isso? Contra toda essa exploração e intervenção neoliberal! Como sofreram, e ainda sofrem, sem se exaltar, sem se rebelar? Em hipótese das mais simples, o item que fez, e ainda faz muitas pessoas, talvez aceitar o neoliberalismo, foi, e é, a necessidade do controle da inflação, algo que é matematicamente incompreensível, talvez até para nossos ministros atuais, versados em economia, quem o diga, para o senso comum. Porém, em observação aos propósitos mais iniciais, e se pensarmos um pouco profundo, o neoliberalismo demonstra fracasso, é dúbio, no sentido de que não houve um aumento na taxa de crescimento, e de produção, como quisera e dissera ele ao apresentar solução para determinados problemas. Mas o neoliberalismo ainda persiste. O que aconteceu, foi que a obrigação do estado, ao que nos parece, vai diminuindo, talvez, se diluindo, ou até se ausentando, dado às demandas com gastos sociais, claro que isso depende de quem governa. Vejamos o aumento do desemprego, o aumento de pensões, por causa das aposentadorias, muitas delas, ainda não contabilizadas, dentre outras coisas de obrigação estatal. O estado às vezes precisa se retrair, se diminuir, dado os gastos, então o neoliberalismo entra em cena, se expande, se engrandece. Mas o que a educação e as reformas educacionais por parte do governo têm a ver com tudo isso? Bem, se atentarmos às palavras de Andrade (2019, p. 226):

O Estado, desse modo, regula a economia em favor das empresas e expande os mercados, enquanto suas políticas sociais buscam reformar as condutas e a moral, disciplinando as populações. Sendo assim, a educação é um campo dos quais as reformas neoliberais querem por todas as sementes para brotar no futuro, e que estas nasçam para seus propósitos mais urdidos. Aliciar governos de esquerda como os nossos e ou mais de centro, são formas de conquistar os seus meios de realizar suas utopias.

O que vemos claramente, na fala do autor, é que, os governos têm sua parcela significativa para com as ideias neoliberais, pois este ajuda a colocar em marcha as ideias neoliberais, e essas só se manifestam pois, se há a ajuda de alguém próximo, e

infelizmente, há governos que acenam, positivamente para o neoliberalismo, seja porque não há força para lutar contra, e ou, porque acreditam realmente nessas ideias. A educação é uma fração social importante, e que vem sofrendo muito com as medidas neoliberais. E ainda, segundo e como reflete Andrade (2019, p. 224), se o neoliberalismo se faz onipresente, ele se manifesta de forma complexa, heterogênea e dinâmica, parasitando formas sociais e estatais prévias. A diversidade de processos explicaria justamente a promiscuidade e a expansão do conceito.

Percebe-se que o neoliberalismo, em suma para a sua explicação, é de uma complexidade enorme, dado a sua falta de definição, ou indefinição, pois não há ainda uma precisão conceitual para o que é ele até o momento; muitos/as se debruçam sobre o neoliberalismo no momento, e ainda está como experiência reflexiva inacabada. Também, o neoliberalismo nos apresentou, segundo assim pudemos compreender em diversos/as autores/as, que há, apesar de tudo, uma linha tênue, uma ideia, qual seja, a de não intervenção do estado, ou a mínima atuação desse, que deve atuar apenas como ação reguladora das leis, para que o neoliberalismo possa agir, no âmbito mais econômico. O neoliberalismo tende à liberdade, mas ele não nos deixa ver ao certo, de maneira mais transparente, qual seria sua ideia essencial, percebemos que, para ele as questões políticas devem ser menos entraves, pois se deve deixar as econômicas intervirem, sendo assim na prática, uma parte da sociedade, a mais ativa economicamente, aqueles/as que têm mais capital, terá em tese, as suas reformas aprovadas, quaisquer que sejam, e a seu favor, e aqueles/as que não, podem, ou seja, não tem capital, só terão a política, no caso esta é secundária pois quem manda é o capital. Então, desta maneira como está, o neoliberalismo, na busca de promover uma separação entre as forças políticas, busca na educação a desconexão, entre educação e reflexão. Em uma entrevista ao El País, o repórter pede a Noam Chomsky, que responda se vivemos em uma época de desencanto, e ao dar a resposta N. Chomsky, expressa o neoliberalismo:

A concentração aguda de riqueza em mãos privadas veio acompanhada de uma perda de poder da população em geral. As pessoas se sentem menos representadas e levam uma vida precária, com trabalhos cada vez piores. O resultado é uma mistura de aborrecimento, medo e escapismo. Já não se confia nem nos próprios fatos. Há quem chame isso de populismo, mas na verdade é descrédito das instituições.

A escola pública no Brasil, como instituição que atende 80 por cento da população mais carente, precisa refletir urgentemente, e cremos, não pode se render aos ditames neoliberais, este de intervenção, no qual ele pretende comandar e implantar como queira suas reformas. Como N. Chomsky nos diz, o neoliberalismo, é devastador, e a escola não

pode ser o lugar de aborrecimento, de medo, pois os/as estudantes que ocuparam as escolas em 2016, contra as medidas neoliberais, do então presidente, Michel Temer, fizeram assim, se assumirmos, uma das mais importantes lutas da história política educacional desse país. Dando continuidade e refletindo sobre o neoliberalismo, o repórter pergunta mais uma vez a N. Chomsky: então o neoliberalismo triunfou? Ao que ele responde:

O neoliberalismo existe, mas só para os pobres. O mercado livre é para eles, não para nós. Essa é a história do capitalismo. As grandes corporações empreenderam a luta de classes, são autênticos marxistas, mas com os valores invertidos. Os princípios do livre mercado são ótimos para ser aplicados aos pobres, mas os muito ricos são protegidos. As grandes indústrias de energia recebem subvenções de centenas de milhões de dólares, a economia de alta tecnologia se beneficia das pesquisas públicas de décadas anteriores, as entidades financeiras obtêm ajuda maciça depois de afundar. Todas elas vivem com um seguro: são consideradas muito grandes para cair e são resgatadas se têm problemas. No fim das contas, os impostos servem para subvencionar essas entidades e com elas, os ricos e poderosos.

As ponderações de N. Chomsky trazem uma reflexão à população, ao povo, e a nós em específico nesse trabalho: o estado não é o problema, e a ele, se atento a seu campo de ação, muitas vezes o político, podemos sim, reverter as medidas neoliberais. E mais, o que ocorre, é que muitas vezes, não percebemos o discurso neoliberal, mas se percebemos a tempo ainda temos a força de mudança. Seu espaço é ocupado pelo poder privado, e a tirania das grandes corporações fica cada vez maior, inclusive entrando nos poderes do estado, porém ao estado deve-se, o dever de restaurar-se a democracia, e ter, menos apelo ao capital financeiro. Ao trazer essas perguntas à tona e ler o que pensa N. Chomsky, nos perguntamos, também, temos chance de lutar contra a tirania do liberalismo? Braço direito e forte do capital? É nesse contexto de medidas neoliberais bem como da terceirização, da privatização, da competição acirrada entre os grandes capitalistas que as ideias neoliberais se frutificaram, e alguns governos deram uma ajuda, impondo-nos as reformas, das quais a estrutura do estado teve que arcar com os custos empresariais, e a sociedade como um todo teve, ou ainda tem, que pagar as contas que não nunca fecha, a educação, é uma das que mais sofre, e ou, sofreu com as reformas capitalistas, ao longo da história, lembremos que ela (escola) só bem recente é para todos/as, e gratuita, o que depois se viu, no caso dela uma maneira de docilizar as crianças, fazendo com que os/as novos/as adultos/as comprometidos/as com o sistema, principalmente para consumir, pois como afirmamos, para o capital tudo é apenas mercadoria.

Mas o que aconteceu em 2016, com as ocupações das escolas trouxe um alento para

a educação? Esse movimento foi uma reação ao neoliberalismo e suas medidas reformistas? Tencionamos responder essas questões nas linhas mais abaixo.

1.2 O CONTEXTO IMEDIATO DAS OCUPAÇÕES: AS REFORMAS IMPOSTAS

Em 2016 quando as reformas neoliberais do governo federal atingiram as escolas no Brasil, as ideias que arrolavam, na mídia geral, era que os estudantes estariam livres para escolher, os supostos itinerários, porém eles/elas iam percebendo que essa era mais uma maneira de segregar, e que algumas escolas teriam mais, e outras menos, dadas as condições próprias e estruturais de cada uma, e que as reformas estavam mais para uma indústria escolar, do que para a educação, e ainda perceberam que havia um investimento maciço (dinheiro) para aprovação da BNCC, bem como a reforma era só mais uma adaptação do capitalismo, e a impregnação, e uso das tecnologias nas escolas, e que era só uma medida fraca e falaciosa, para remediar o de sempre, o fracasso histórico da educação pública, segundo eles. Nesse sentido, as ocupações das escolas seriam a única maneira, ou a mais possível, de mobilizar a população contra o governo. Assim os/as estudantes o fizeram.

As ocupações estudantis de 2016, no entanto, aconteceram num contexto conturbado da política brasileira, em que a presidente Dilma Rousseff (PT) sofreu um golpe, na votação de seu Impeachment, em 31 de agosto de 2016, e a educação foi também atingida por essa meta, golpista e neoliberal, em que se fazia, por parte do governo federal e de governos estaduais, as reformas de cunho extremamente radicais, e abertas para os neoliberais; o PT ainda estava tentando frear algumas ideias neoliberais, mas agora sem a presidente Dilma Rousseff (PT) e com seu vice, Michel Temer (PMDB), a porta estava aberta aos neoliberais, visto que as reformas foram fatalmente aprovadas nesse governo posteriormente e de maneira abrupta.

Foi nesse contexto, em que objetivando ir contra tudo isso (reformas arbitrárias) que as ocupações secundaristas das escolas começaram, em São Paulo em 2015, lembramos que neste ano, as ocupações eram pontuais contra as reformas do então governador Geraldo Alckmin (PSDB) em que, resumidamente este queria realocar estudantes, funcionários, e demais, com o intuito de diminuir gastos, pois para estes governos que seguem as cartilhas neoliberais, a educação pública é um gasto, e não um investimento como acreditamos e defendemos socialmente. Consequentemente, neste contexto de final de 2015, houve, pela divulgação e extensão do movimento,

principalmente por este ter saído vitorioso depois das ocupações de São Paulo (2015) uma nova onda em meados de outubro de 2016, ainda que, de forma muito tímida, em que os/as estudantes secundaristas passaram a ocupar as escolas, neste caso em específico, agora contra a reforma do Ensino Médio, durante o governo federal de Michel Temer (PMDB). Essas ocupações seguiram em marcha muito forte, e até dezembro desse mesmo ano, 2016, foram contabilizadas mais de mil em todo o Brasil, pois é nesse momento, que a reforma, no caso seria, debatida e ou, aprovada a nossa BNCC, Base nacional Comum Curricular, estaria nesse momento sendo imposta por parte de o governo Michel Temer. Contra essa reforma, que fora mal discutida e muito menos debatida, sem contar as falhas de comunicação com a sociedade estudantil, é que em algumas escolas, se mobilizaram os/as estudantes, e ali ficaram quase um mês contra a BNCC, e a reforma, mas o que vemos, porém, é que essa reforma, intitulada Base Nacional Comum Curricular, bem como as demais, não estava em acordo, com as necessidades reais da educação brasileira, e sim representava veladamente os interesses do neoliberalismo, por tanto os/as estudantes perceberam algo de estranho, e continuaram a se mobilizar, a maneira mais atenta e forte, para além de outras (uso das redes sociais, debates públicos) e assim se deu e foi a ocupação física das escolas. Este ar de descontentamento já rondava a educação brasileira desde meados de 1990, pois o Brasil já convivia com pautas neoliberais agindo na educação, mas agora em 2016, essas medidas explodiram, após o então presidente Michel Temer (PMDB) propor a reforma do Ensino Médio (NEM).

1.2.1 Antecedentes: as ocupações estudantis em São Paulo – 2015

Escolhemos neste trabalho contextualizar os movimentos de ocupação antes de 2016, usando neste caso, o exemplo de São Paulo, visto que há farta bibliografia sobre o tema, e fizemos leituras e registros acerca disso, mas também, e sim, porque esse Estado é uma referência para outros em termos do que a mídia cobre em cadeia nacional. Para além disso, veja-se que é de São Paulo saem muitos nomes políticos que serão, talvez, nossos/as presidentes e/ou grandes nomes de referência nacional, portanto, falar das ocupações secundaristas de São Paulo, que ocorreram no ano de 2015, é de extrema importância, para localizar e contextualizar a de 2016.

As reformas de 2015, propostas em São Paulo, estão fortemente conectadas com as ocupações secundaristas de 2016. As ocupações de São Paulo do ano de 2015 anteciparam, como que um ensaio, as de 2016. Naquele momento Geraldo Alckmin (PSDB) era

governador de São Paulo, e passou a tentar fazer reformas neoliberais nas escolas paulistanas, que dentre outras ideias, bem resumidas seriam: a reestruturação de escolas, o fechamento de aproximadamente 90 delas, dentre outras ações, o que afetaria 300 mil estudantes. Fato é que, esta tentativa de reforma, em São Paulo que esteve na mídia, acendeu protestos mistos, que desencadearam em tantos outros, inclusive no descontentamento com as reformas educacionais no governo Michel Temer (PMDB), um ano depois, ou seja, no ano de 2016, o que ficou conhecido com a reforma do Ensino Médio (NEM).

Acontece que nesse momento conturbado da história do Brasil, o povo estava em revolta, foram tantos ataques e silenciamentos políticos, bem como a retirada, dos poucos direitos, já perdidos, seja os da educação, do trabalho e ou, da saúde, que essas reformas neoliberais, fez com que a população saísse às ruas, contra as medidas de austeridade governamental, como nos anos anteriores, e mais do que nunca, no ano de 2015, e 2016, foi esse momento, importante da nossa política, aquela feita nas ruas, o povo não silenciou-se e as escolas formaram uma espécie de arena, assim como a ocupação das ruas, pois tanto para professores/as que perdiam seus direitos como os/as estudantes, centrou-se ali as energias. Justamente nesse contexto é que entram as reformas mais violentas dos neoliberais, pois são mais fortes e estruturais, e no Brasil, estas passaram a atacar direitos fundamentais, uma delas a educação, e de governo e governo, elas acontecem às vezes mais, ou menos rápidas, dependendo do governo.

Mas, desta vez, conforme as lutas, entre as forças políticas e ou econômicas, e o povo, teríamos pequenas vitórias. Nesse contexto o povo, quis ser ouvido e nas ruas, nas escolas (ocupadas), buscou legitimar os seus direitos; o governo foi pego sem prontidão, ele não esperava que isso ocorresse, mas ocorreu. Citamos nas linhas abaixo, as ocupações das escolas estaduais de São Paulo, pois essas estão em ordem, antes das Ocupações de 2016.

Durante o governo de Geraldo Alckmin, esse governante, assim como seu antecessor, Mário Covas (PSDB de 1995 a 2001), tiveram um olhar neoliberal para a escola, ambos viram a escola pública como gasto desnecessário, como fazem os governos neoliberais. Estamos e citamos São Paulo como referencial, pois este estado reflete uma parcela muito importante da nossa política. Nesse ano de 2015, ano das ocupações em São Paulo contra o Alckmin, muita coisa acontecia em termos de Brasil, e em São Paulo, o governo estadual ao que nos parece queria dar uma aula de neoliberalismo ao Brasil, falamos isso, pois este estado é o que mais, aparece como eixo midiático, Rio e São Paulo,

sempre faz parecer que os outros estados nem existam. Geraldo Alckmin queria remanejar alunos e funcionários, ou seja, fechar algumas escolas em São Paulo, fazendo uma reforma que eles chamaram de ciclos, e que inclusive iria cortar verbas da merenda escolar, algo impensável, para uma população carente como a nossa, pois a escola no Brasil tem um papel social, que vai além da educação. Como afirmamos em linhas acima, isso é para nossa sociedade humilde, uma tremenda afronta. Em reportagem especial na página do site Metrópoles de 11 de dezembro de 2015, dizia-se que:

De acordo com o governador, a maioria dos alunos das 5.174 escolas do Estado não se opunha à reorganização. Nós já temos 1500 escolas de ciclo único, que é aquela que separa o ciclo 1, alunos de 6 a 11 anos, do ciclo 2, com alunos de 11 a 14 anos, e só de ensino médio. Essas escolas de ciclo único são, em média, 14% melhor avaliadas no Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). Então, o ideal é ter as escolas separadas por ciclos.

Algumas escolas de São Paulo, bem como a sociedade estudantil, reagiram, e a política neoliberal, ainda que muito forte, foi posta, desta vez, em xeque, e por quem, ou por quais, os governantes, menos esperavam, os/as adolescentes. As escolas foram ocupadas em São Paulo, num total, em seu auge, de mais de 200 delas. Nesse sentido, em 2015, se consideramos esse episódio, houve um grito da juventude contra as reformas neoliberais, pois nessas reformas, no geral o que se prioriza é o capital, e não o social; fechar escola é diminuir gastos, para o governo, mas não para a população, e o que Geraldo Alckmin, não contava a época 2015 com a força mobilizadora desses/as estudantes, pois como nos atesta, Medeiros, et al. (orgs) 2019 (p. 25): a opção por ocupar as escolas foi uma via de radicalização da ação coletiva, uma ação direta, de caráter, portanto, extra institucional.

Portanto, no final de 2015, o Brasil assistiu a uma leva de protestos e acontecimentos que estava envolvendo os governos estaduais, bem como, o federal, isso se deu no contexto em que as reformas na educação, foram tentadas, e ou, implementadas por estes, e que seriam combatidas nas ruas em protestos, e ou, mais forte, com as ocupações das escolas. As ocupações que trazemos para uma breve análise são as do Estado de São Paulo, estas que envolveram, alunos e professores da rede, bem como a sociedade geral (apesar da sua baixa adesão) que já estava descontente com a situação do país. Isso se deu após a Secretaria de Educação do Estado (SEE/SP) que veio a público e anunciou uma política de reorganização das escolas, o que, segundo esta, fecharia, e ou, implicaria no fechamento de escolas da rede, que seriam agora em ciclos, bem como na transferência de diversos alunos e também de professores, funcionários para outras unidades, mais rentáveis pois o que importa é o capital.

Houve forte reação, desencadeando na ocupação das escolas. A maioria ainda não tinha muita noção do que era a reforma na prática, ou o que seria, de fato feito, com essa reorganização, mas já estavam contra, porque dava para imaginar, o resultado, e isso gerou vários protestos, ademais contra o governo de Geraldo Alckmin (PSDB), bem como em seguida ocorreram as ocupações físicas das escolas, pelo estado, contabilizando assim mais de 200 escolas, em seu auge. O movimento foi declarado pelo governo, como não podia ser diferente, caso de polícia, e não uma questão pública, inclusive isso levou diversos jovens e adolescentes (entre 12 e 17 anos) a serem presos/as e deixou centenas, e ou, dezenas deles/as feridos/as em episódios isolados, mas muitas vezes dramáticos, que foram sendo acompanhados pela mídia oficial. Essas situações, dentre outras, se repetiram ao longo do movimento, a exemplo disso no livro *Ocupar e Resistir*, citando Campos, Medeiros, et al., (orgs) 2019 (p. 91):

Conforme foi impedido pela Justiça de usar a Polícia Militar para desocupar as escolas, o governo agiu principalmente através de burocracia escolar ligada à Secretaria de Educação, que lançou mão de estratégias de mobilização e repressão de maneira sorrateira e invisível à cobertura da midiática e ao debate público.

As ocupações chegaram numa situação em que a violência policial para com elas desencadeou até a intervenção da Defensoria Pública e do Ministério Público do Estado de São Paulo, isso se deu, principalmente devido à violência extrema contra o movimento, em um imbróglio que durou dias, num jogo político sujo nos bastidores e às escondidas dos olhos da população. O Governador, depois de muita luta, dos/as estudantes, teve que recuar e revogar o decreto da reorganização, no final de 2015. Nesse movimento das ocupações, não podemos esquecer, que houve uma vitória política parcial dos/as estudantes, pois antes disso, o Secretário da Educação pediu demissão. Mas os/as estudantes somente ocuparam as escolas, como diz o senso comum? Ou invadiram como dizem os/as maldosos/as e ou, os/as poucos/as reflexivos/as? Uma resposta, talvez mais sensata para esta pergunta venha das pesquisas de Campos, Medeiros et al., (orgs) 2019 (p. 80):

Em outubro e novembro de 2015 às reivindicações levaram os estudantes a ocuparem as escolas, compartilhando tendências de que as pautas anteriores, de diálogo com o governo não foram tão eficientes, numa virada de tática, a Escola Estadual Diadema foi a escola primeiramente ocupada, depois tantas outras.

O que podemos perceber é que houve, como nos atesta o autor, uma busca por parte dos estudantes de uma conversa, de diálogo, porém o governo achou que isso era apenas uma pequena contestação, um motim passageiro de adolescentes movidos/as pela paixão, e ao tratar o movimento das ocupações secundaristas com certa desatenção, e desleixo, e

devido respeito, que deveria ser por parte dele, as escolas passaram a ser ocupadas, demonstrando que o movimento não era uma coisa aleatória de adolescentes baderneiros/as, ao contrário disso, ali havia organização, politicamente horizontal, visto que não se atrelam a nenhum partido específico. As ocupações não se deram apenas contra a reorganização, elas também se deram por outros motivos, digamos ocultos, e que vinham a muitos anos arrastados e empurrados de governo para governo, como se refere: Campos, Medeiros, et al. (orgs) 2019 (p. 87) o boicote ao SARESP (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar de São Paulo) nos dias 23 e 24 de novembro, foi fundamental para estimular mais as ocupações, sendo que muitas escolas no interior foram ocupadas nesses dias. Esses movimentos de ocupações de 2015, em São Paulo, iriam fomentar as ocupações de 2016, nosso foco maior nesse trabalho, essas centenas de escolas ocupadas, em São Paulo em 2015, é que deram a voz aos/as adolescentes e um gosto de vitória, contra o governo Estadual, virou, para o Brasil, e disse acorda! E isso se repetiria em final de 2016, em outras ocupações, só que de maneira mais ampla e contra o governo federal.

As ocupações de escolas contra as medidas de austeridades na educação em São Paulo, serviram, se assim podemos dizer, quase que exclusivamente às questões estaduais, mas isso, depois motivou, e encorpou os movimentos de 2016, esse que para além de São Paulo, tomou mais de 1000 escolas nos estados do Brasil, algo raro na nossa democracia, pois pouco vamos às ruas em protestos como percebemos em nossa história. Principalmente pela educação! Assim antes de nos debruçar, ao tema das Ocupações de 2016, vamos entrar, e citar rapidamente algumas questões que em paralelo, e politicamente dizendo, acreditamos, contribuíram para os protestos gerais de 2016. Dentre outros movimentos, tínhamos a luta contra a PEC 241/16 (a PEC do teto de gastos), e talvez o mais forte dos movimentos, no caso, as ocupações secundaristas, a luta contra a Reforma do Ensino Médio (MP- 746/2016) e também não menos importante, para a educação, a PL 867/2-15, conhecida como o da Escola sem Partido, todas essas medidas delinearam uma energia de protestos, que possivelmente veio a contribuir para o descontentamento geral da população, em especial, nos/nas estudantes e aqueles/as que estavam ligados às questões políticas, e entendiam as reformas neoliberais propostas pelo então presidente Michel Temer (PMDB) como negativa e autoritária. Vê-se, então que os/as protagonistas, agora, não são somente os secundaristas, mas também estudantes universitários, por que no caso da PEC, da Escola sem Partido, era um projeto que atacaria a suposta doutrinação que estudantes em diferentes níveis, estavam sofrendo por parte dos/das professores/as, para além das escolas secundaristas, influenciando, assim também o movimento para os espaços das

Universidades, dos Institutos federais etc. Esse movimento denominado de secundarista, agora contava com uma força a mais, e o que a eles/elas interessava, é o que há em comum, é que havia um ataque à escola, à educação, e mais especificamente, aos/às estudantes, a educação pública, a exemplo em São Paulo, pois, se a reforma do então governador Geraldo Alckmin (2015) fosse a cabo, mais de 300 mil estudantes seriam prejudicados/as, a luta dos/as estudantes de São Paulo, ainda no final de 2015, para além de questionar o plano governamental, de fechar e reorganizar os ciclos escolares questionavam também as avaliações (defendidas pelo neoliberalismo), as que medem o conhecimento, como o (Ideb) a qualidade do ensino nas escolas do Estado, e no Brasil, lembremos que esse conjunto de práticas, é bem típico de governos que aderem ao neoliberalismo, como discutido em outras ideias contidas ao longo deste trabalho, a educação nesta esteira está para o capital, e não para a humanização, isso é a meta do neoliberalismo. Para além disso, dentre outras coisas, pregasse uma premiação em dinheiro, recebida pela escola, que dependia da média alcançada pelos estudantes em algumas provas específicas. A competição também era grande, e havia, ou ainda há na atualidade (por que hoje estamos vivendo isso) um ranqueamento, e se não der resultado, em ultimato, fecha-se a escola, no caso de São Paulo.

As ocupações das escolas no Estado de São Paulo, aconteceram por vários motivos, num primeiro momento os pais, alunos e servidores, dos quais já protestavam bem antes, contra toda a suposta reorganização dos colégios, pois já havia uma medida anunciada em setembro de 2015, pela Secretaria de Educação paulista, medida extremamente arbitrária, sem a posição popular aceita por ele. A queixa mais forte, seria, que a Secretaria de Educação não dialogava com a comunidade escolar, o governo só queria a escola novamente, ou seja, desocupem-na, e na medida em que os alunos radicalizaram a Secretária dizia que eles eram intransigentes, brutos e não estavam colaborando com o suposto diálogo aberto. O que os governos não levaram em consideração, tanto em São Paulo, em 2015, nas ocupações contra Alckmin, quanto em 2016, contra Michel Temer, é que a escola tem, ou ao menos, uma parte dela, feito sua lição de casa, pois cremos, que temos ainda boas aulas de História, e há motivos para isso, pois nas palavras de NETO (2014, p. 60):

Mesmo considerando que o estudo das mudanças na legislação ou das reformas educacionais, obviamente, se constitui como aspectos fundamentais para o entendimento do que aconteceu na educação brasileira do período, com desdobramentos até os dias atuais, trata-se de reconhecer que quando a porta da sala de aula se fecha atrás do professor e alunos, a transmissão e a apreensão de conteúdos, ideias e valores, sejam quais forem, ocorrem por intermédio de

relações pedagógicas complexas com um dinamismo peculiar.

Se para o autor, ao fechar a porta, mesmo com tudo, as contradições, as reformas, é dentro da sala de aula que acontece a mediação pedagógica, um intermédio do/a professor/as e do alunado, das relações e das reflexões entre ambos, e assim cremos, ainda temos uma luz no fim do túnel, as ocupações de escolas em 2015, contra Alckmin, e posteriormente contra Temer em 2016, talvez reflitam isso. Na história recente da educação brasileira, tivemos então em São Paulo em 2015, e no Brasil, em 2016, um movimento de estudantes secundaristas muito forte e coeso, que em específico, fez a mídia, governos e a sociedade em geral, refletir, balançar e trabalhar com conceitos políticos, para além daquilo que lhes é corriqueiro, pois foi algo inédito, e diriam alguns/algumas, até impensável de acontecer.

Esses/as jovens brasileiros/as, mais uma vez, com algumas diferenças de contexto, em sua organização, e contra algo incômodo na nossa política, como em 1992, no histórico fora Collor, ou no denominado Caras Pintadas, em que muitos/as jovens foram às ruas, e impediram o presidente Fernando Collor do PRD, de continuar sendo presidente, fizeram agora em 2016, das ocupações secundaristas uma nova página na história da política brasileira, e em paralelo, acreditamos, que ambas puseram a juventude a frente das questões políticas, claro que as ocupações secundaristas tiveram um delinear, bem diferente, e foram mais orgânicas, inclusive no tocante a política educacional, esse movimento foi mais horizontal não tendo, ou não aderindo, a nenhum partido específico como nos mostra a literatura. Essas escolas, que como deveria de ser, e é, pensamos, são deles/as, mas agora com um objetivo diferente, as ocuparam, e fizeram a opção de lutar, por, e, em prol de uma educação pública de mais qualidade, contra as reformas arbitrárias causadas pelo neoliberalismo, e, em prol da educação pública, em última instância, porque se é público não é do governo, muito menos de um grupo específico, a educação que eles/elas defendiam é do povo, por isso em última palavra pública. Então as ocupações secundaristas de 2016 foram o movimento de centenas de jovens adolescentes entre 15 e 18 anos, que não invadiram nenhuma escola, dado que só se ocupa, o que é seu, e por direito, a escola é de quem lá estuda, dos/as estudantes, da sociedade, que lá habita.

1.2.2 As ocupações estudantis de 2016: combate ao neoliberalismo e seu currículo

As ocupações de 2016 foram mais que uma simples ocupação de prédios públicos, foi uma resposta dos/as estudantes contra as medidas de um governo neoliberal, e

principalmente no tocante, às suas reformas educacionais e autoritárias, no caso de 2016, em específico essas ocupações se deram contra o presidente Michel Temer (PMDB), este que havia sido o vice-presidente da Dilma. Depois de quase uma década, passado do seu governo (Michel Temer, PMDB), ainda debatemos, ele foi um golpista? Dado os fatos ocorridos após 2016, ano em que a presidenta Dilma Rousseff (PT) foi impedida de governar, sendo esta acusada das pedaladas fiscais, o que se comprovou, posteriormente houve uma farsa, e a trama do um golpe, como é trabalhado árduo da história, foi desvelado. As ocupações das escolas ocorreram, nesse contexto conturbado de 2016, sendo algumas dessas ocupações, mais atuantes e fortes, do que outras, e depende é claro, do Estado analisado, houve mais ou menos força nas ações. Esse movimento das ocupações estudantis também é chamado de Ocupações Secundaristas por alguns, que se debruçaram sobre o tema, e foi para nós da educação, uma alavanca de muitas esperanças, pois esses jovens de idade entre 12 e 18 anos (alguns usam entre 15 e 18) de vários Estados do Brasil, e com ações coletivas, movimentados por suas ideias, ainda que diferentes, em seus objetivos também diferentes, dado a questão de cada escola, mas que os uniram no fato mais importante, a ocupação das escolas, que dentre outras coisas, foi que, levou-os a se posicionarem contra a Proposta de Emenda Constitucional PEC nº 241/2016, bem como contra a Medida Provisória (MP) número 746/2016.

As ocupações secundaristas de 2016 ocorreram em todo o Brasil, e foram uma ação de modo ímpar, claro que, com algumas semelhanças e diferenças na sua efetividade, porém com um mesmo propósito, o de levantar a bandeira da educação contra as reformas neoliberais. E, por assim dizer, buscou-se expor na mídia toda a degradação interna da educação, que, ao que nos parece, estavam acumuladas há décadas, e que eram, ou é ainda, invisível, pois do outro lado do muro escolar, há uma sociedade, ainda muito reticente e ignorante para com as questões escolares, a sociedade como um todo.

As ocupações de 2016 se desenvolveram de maneiras diferentes, pois os estados, bem como cada escola, tiveram que se adaptar às suas demandas, às suas necessidades, e às suas prioridades, para ter êxito, o mínimo que fosse, bem como vencer as inúmeras dificuldades pelo caminho, e que como pesquisamos foram enormes. Como nessa publicação feita pelos estudantes de 25 de outubro de 2016 postada na página, O Mal Educado, que trazia o seguinte:

O governo de São Paulo está jogando pesado para impedir qualquer ocupação no Estado. Logo após os estudantes ocuparam a EE Edina, em Itaquá, dezenas de PMs sitiaram o prédio com viaturas da Força Tática e forçaram a saída dos estudantes em luta. Sem qualquer autorização judicial e violando a legislação, Alckmin não tem deixado nenhuma ocupação de escola estadual durar mais de

um dia. O medo deles é óbvio: que um novo levante secundarista coloque em xeque a PEC 241 e a reforma do ensino médio, feita a serviço de grandes empresas como o Itaú Unibanco, Natura e McKinsey.

Essa postagem, bem como outras dessa página, do Facebook, em O Mal Educado, demonstra o quanto as ocupações secundaristas tiveram em suas demandas atos diferenciados, no caso dessa ocupação de São Paulo. Lembramos que o governo estadual (Geraldo Alckmin, PSDB) já havia perdido uma batalha um pouco antes, em outra reforma, no caso estadual, em 2015, reforma esta que é diferente dessa de 2016, porém com os mesmos ideias e práticas neoliberais, os/as estudantes já sentiram o que o governo tinha em mente, pois este (governo) manda um forte recado: uso do aparato violento, no caso a polícia, e que, sim, ia recorrer à força para que as ocupações nem sequer fossem efetuadas nesse contexto, ou seja, em São Paulo as ocupações, já de início, tiveram que lidar com a violência estatal, pois o governo estadual estava com raiva das outras ocupações de 2015, visto que teve que recuar. Mas as ocupações, não cederam, nem as contra Geraldo Alckmin em 2015, no caso contra este e suas reformas neoliberais, e nem depois, como veremos contra Michel Temer (PMDB) em uma segunda parte das reformas neoliberais, mas agora no âmbito federal. Acreditamos então que as ocupações em 2015, contra as reformas estaduais de São Paulo, bem como as de 2016, contra o governo federal, foram de fato as que colocaram em xeque as ideias neoliberais, como a reforma do Ensino Médio, ou a BNCC, e mais ainda, demonstraram como é a atuação de governos autoritários, estes agindo por, e para, as causas neoliberais, as ocupações, jogaram luz sobre a questão do descaso desses e outros governantes, para com a educação, e ainda mais, cobraram que esta (educação) merecia ser tratada com mais coragem e ética por parte do governo.

Temos assim que os/as estudantes que ocuparam as escolas contra as medidas governamentais deram uma aula democrática no cotidiano. Como nos atesta o **Manifesto** dos estudantes da escola Meneleu em Ponta Grossa:

Como resultado dos debates e conversas nos posicionamos contrários (as) a MP do Novo Ensino Médio (746/16), pois acreditamos que é antidemocrático propor mudanças estruturais no Ensino Médio por Medida Provisória, ou seja, sem considerar a participação efetiva da comunidade escolar como base das discussões e ainda consideramos que não se pode só reformular o Ensino Médio sem levar em conta mudanças também no Ensino Fundamental, pois é parte integrante da Educação Básica.

Vemos, e entendemos claramente, a partir desse fragmento e documento construído pelos/as estudantes do Meneleu (PG), que as ocupações de 2016, tinham um caráter político, e que muitos deles/delas apesar da sua pouca idade, em torno de 16 anos, já

tinham uma concepção política, mas essa, como percebemos, não era vertical, e sim horizontal, esses/essas jovens debatiam e sabiam muito bem o que queriam, ou não, e eram contra a reforma, e também tinham noção com quem estavam lutando na reforma, ou seja, o governo de Michel Temer.

Consideramos que foi em São Paulo, no ano de 2015, que ocorreram as primeiras reformas neoliberais, mais pontuais, pois ali seria feita uma reorganização da escola no molde ultraliberal, que depois, com o governo federal em 2016, teríamos outra reforma, outra fase, que acreditamos mais profunda com a imposição da BNCC, e do Ensino Médio (NEM), porém elas tiveram, em suas situações, indiferentes, pautas, rejeições do povo, sejam por parte, e maior dos/as estudantes paulistas em 2015, tanto quanto, posteriormente as do Ensino Médio, em 2016, pois no tocante às reformas, governamentais, ao que nos parece, essas são sempre feitas às pressas, e no intuito de, diminuir, e ou de reduzir, as verbas destinadas à educação pública, portanto, os/as estudantes que ocuparam as escolas, sejam em São Paulo no final de 2015, e ou, em 2016, pretendiam uma mesma coisa, defender uma escola pública, que seja laica, gratuita, e de qualidade, sem cortes de investimento.

Para além disso, os/as estudantes questionaram fortemente o porquê de algumas matérias, ditas clássicas como português, matemática e inglês, serem tratadas como as mais importantes, em detrimento de outras, tidas como inúteis, no caso das humanidades e artes. Tiveram a ousadia de questionar como poderiam tirar aulas de suma importância com Arte? Filosofia? Sociologia? Como bem refletido nesse documento, que trazemos abaixo, produzido especificamente pelos/as próprios/as estudantes de uma importante ocupação secundarista em 2016, no estado do Paraná (cidade de Ponta Grossa), no Colégio Estadual Professor Meneleu Almeida Torres, em que reflete:

No tocante à ausência das disciplinas de Filosofia e Sociologia na proposta da Medida Provisória (Art.36):

() concordo plenamente () concordo parcialmente (x) não concordo

Por quê? (Opcional)

De acordo com os depoimentos dos presentes no Seminário, todos são contrários a retirada das disciplinas de Filosofia e Sociologia, pois as mesmas desenvolvem o senso crítico indispensável para a formação do cidadão. A carga horária deverá ser de no mínimo duas horas semanais.

Assim, ao analisar as ocupações secundaristas, poderíamos ir além, e refletir, sobre suas motivações mais profundas, no caso também dos currículos, como ressalta Ribeiro e Mello (2020, p. 27), pois é:

Por isso é importante compreender o processo de elaboração do currículo como algo intrinsecamente constituído de conflitos e lutas entre diferentes tradições e

concepções sociais, que atuam para entrecruzar conhecimentos científicos, crenças, expectativas e visões sociais.

Vemos que ao citar as mudanças curriculares no ensino brasileiro, Ribeiro e Mello trazem para a discussão, o que está em jogo, as visões sociais, as expectativas, essas que refletiram em muitas nas ocupações secundaristas, pois a reforma do Ensino Médio (NEM) alteraria o currículo e traria uma visão muito mais neoliberal, esta reforma, assim vemos, que pretendia, e ainda pretende, modificar causas sociais, em nome do capitalismo. Mas qual visão valeria? A dos/as estudantes, se é que eles/as eram ouvidos/as, ou a dos governantes perante a mídia? Ao que nos parece, o governo tem a grande mídia ao seu lado! Por isso, o grande sentido em ocupar, dizemos fisicamente o espaço, pois o diálogo com o governo era pífio, e não adiantava, e também por que este (governo) usou de maneiras pseudodemocráticas, dentre elas o não diálogo com as partes.

Como podemos perceber, nessa escola, paranaense, bem como em outras centenas, houve uma organização, e assim como em São Paulo em 2015, contra Geraldo Alckmin, porém de maneiras diferentes, mas com propósitos paralelos, lutar contra as medidas reformistas neoliberais, priorizaram a ocupação do espaço físico como a primeira medida de luta. Essa questão, bem como outras descritas no Manifesto, demonstra a coesão das ocupações secundaristas em lutar contra a retirada, e ou, a diminuição de disciplinas importantes para os/as jovens, bem como o quanto eles/as estavam atentos/as às questões de seus direitos, caso se a polícia agisse, como ocorreu em São Paulo em 2015, inclusive denunciando através das redes sociais, no caso do Facebook, ou em outras mídias alternativas à época.

1.3 SENTIDOS POSSÍVEIS DAS OCUPAÇÕES

Gostaríamos de finalizar, este capítulo por aqui, dizendo que as ocupações foram um movimento espontâneo e horizontal, que resistiu até onde pode contra as reformas neoliberais do governo Michel Temer (2016-2019), bem como, de outras demandas que estavam já saturadas e guardadas, há tempos e décadas anteriores, pois a educação estava sofrendo, e à mercê, de reformas que não a favorece. Essas ocupações secundaristas ocorreram no final do ano de 2016, pelo Brasil a fora, porém, o Estado do Paraná, que é nosso maior propósito nesta pesquisa, ficou em destaque em rede nacional, dado que neste estado as ocupações foram mais enérgicas, ou seja, as ocupações secundaristas no Paraná, tiveram uma alta adesão estudantil conforme demonstram as pesquisas. Lutaram,

ocuparam, resistiram esses/as estudantes foram contra os desmandos políticos na educação, lutaram contra os retrocessos das pautas na educação, bem como o avanço da onda neoliberal e conservadora, que aí está todo o dia, que silenciava, e ainda silencia a educação, trazendo assim uma nefasta proposta e uma suposta reforma-imposta, para a melhoria nacional, e como lembra Medeiros, et al. (orgs) p. 19:

Dentro do período de um ano, o repertório da ocupação das escolas estaduais se espalhou por todo o país, atingindo intensidades diversas: quase trinta escolas ocupadas tanto em Goiás quanto em Mato Grosso, cerca de sessenta no Espírito Santo, quase setenta no Ceará, cerca de oitenta no Rio de Janeiro e cerca de 150, tanto em Minas Gerais quanto no Rio Grande do Sul. O pico em único estado foram as quase 850 ocupações de colégios estaduais no Paraná, o que pode ser considerado o segundo maior movimento de ocupação de escolas que ocorreu no mundo.

O que notamos é que, entre outras coisas, as escolas, como o autor traz acima, foram ocupadas, em quase todos os estados, estas que foram contra as reformas desse contexto, mas não só, e sim, defendemos, uma luta contra, a precarização da nossa educação pública brasileira, esta que se arrasta desde sempre, no Brasil sempre sendo na maioria das vezes secundária para os governos. Segundo nossas pesquisas, as ideias neoliberais tomaram o Brasil desde a década de 1990, com a priorização da política econômica, no caso, em prejuízo ao educacional, esses preceitos do neoliberalismo, sabemos é global, as quais seguem dando às orientações aos órgãos internacionais, dos quais os acordos, o Brasil é obrigado a aceitar para se encaixar na globalização capitalista e voraz.

Como vimos, essas ocupações se deram pelo Brasil todo, e foi como um basta ao governo, bem como a política neoliberal, destes, e sua interferência na educação. Desse modo, as classes mais populares se deram conta do que estaria acontecendo, e do que viria a sofrer, talvez num futuro próximo, ou seja, a destruição, e ou diminuição, de um de seus poucos direitos, a educação, na medida em que o Estado brasileiro vinha, ou venha, a se eximir de sua responsabilidade, pois alguns/algumas políticos/as não respondiam mais às demandas sociais, como sempre, dessas classes mais baixas, e agora estes/estas estavam sem representação política, se é que alguma vez o tivera.

Sem contar que o que pesa mais forte, são os compromissos e agendas de interesses internacionais, que nossa política, ainda colonial adere, ou seja, os acordos unilaterais do capital, este que sempre está visando a transformação da educação, por vezes vista, apenas como uma mercadoria, em que, os setores internacionais, as condicionam como empréstimos de grandes montantes, assim sendo as reformas, no caso da educação,

funcionam como moeda de troca. Mas essa parcela de culpa não é apenas do ano de 2016, e desse governo, pois como percebemos historicamente as ideias neoliberais já vinham sendo implantadas, desde governos anteriores, porém alguns as implantaram com mais força, a exemplo no governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2003-PSDB), este privatizou empresas estatais, uma das facetas do neoliberalismo, depois desse governo tivemos uma pequena pausa, com o PT, Lula e Dilma, mas que após a presidente Dilma, ser levada a destituição, vai culminar na Reforma do Ensino Médio em 2017 (Lei nº 13.415/17) e na nova BNCC (Resolução CP/CNE nº 4/2018), com a devida previsão da sua completa implantação a partir de 2022-2023. O objetivo forte, dessa reforma, são: a preparação de uma mão de obra qualificada para o trabalho, a formação de cidadãos que sejam adaptados aos ideais neoliberais, e é claro, à lógica do mercado em uma sociedade que está voltada quase que exclusivamente ao consumo, e assim a educação entra no meio, como afirmamos acima, uma moeda de troca.

Neste contexto, as ocupações começaram a partir da percepção dos/as verdadeiros/as, e mais prejudicados nessa reforma, os/as estudantes, mais carentes, pois estes/as perceberam que havia, uma disputa de espaços, um embuste, e agora, eles/as estudantes de Ensino Fundamental e Médio, partiram em defesa de uma educação pública, e emancipatória, buscaram, lutar contra o neoliberalismo, que poderia ser, assim denominado, um sistema multifuncional, capaz de demonstrar extrema competência, e de submeter qualquer um/a à simples coisa (mercadoria), e uma competição desleal e desmedida. A escola, os/as estudantes, dessa feita percebeu-se, passava a ser mais uma mercadoria nas mãos de oportunistas.

As ocupações de fato começaram, por assim se dizer, de forma virtual, a organização se deu através, muitas vezes de páginas na época, como o Facebook, lembramos que essa página eram a rede social mais oportuna em 2016, e vigentes na época, apesar de nem todos/as terem acesso à internet, ela funcionou como um elo entre pares distantes, desse imenso Brasil, bem como do exemplo de um para o aprendizado de outro.

O processo de ocupação e resistência empreendido pelos/as estudantes secundaristas, de maneira geral, mostrou à sociedade que a juventude (jovens de 14 a 18 anos) tinha, e tem o potencial revolucionário, talvez este estivesse somente escondido, adormecido, guardado, e que mesmo em condições das mais adversas, pode-se, assim se realizar nas ações de enfrentamento, sejam elas, no campo político, no social, e até mesmo no confronto direto com a polícia militar, como muitas vezes se deu nas ocupações. Essas

ocupações colaboraram para formação do pensamento crítico, eventualmente na medida em que houve o reconhecimento contra as pautas neoliberais, tornando-se assim as ocupações uma medida de luta política, os/as estudantes, em luta primaram por seus direitos educacionais. E mesmo que vencidos/as, dado que as ocupações tiveram, um fim, e o governo aprovou a BNCC, com algumas pequenas ressalvas.

As ocupações não saíram desmoralizados em suas pautas, e a ação juvenil pois também obteve vitórias, ainda que parciais, visto que conseguiu mobilizar, centenas de jovens, contra as intenções neoliberais e governistas, e mostrar à população, aquela mais atenta, às reais intenções sobre as reformas propostas em 2016, no quesito educação. O que ficou bem claro é que, ao lutaram contra as reformas, ocorridas em 2015, e 2016, já tínhamos uma prévia de que era um benefício social lutar pela educação, pois essas reformas vinham de um duvidoso governo, no caso de Michel Temer, golpista, em que outrora fora vice-presidente, mas que ao tocar no governo mostrou-se contra a população fazendo outras reformas neoliberais, não só na educação. A sociedade em 2016 olhava para as propagandas nos noticiários, meio que incrédulas, pois este havia dado o recém Golpe contra a presidenta Dilma Rousseff (PT). Além disso, também houve uma violência, da extrema direita, está selada, nos discursos contra a esquerda, e dirigidos a (presidente) e seus apoiadores. Essas violências, muitas vezes, eram vindas por parte dos políticos de direita e ou mais ao centro, contra o governo Dilma.

Podemos pensar se as ocupações secundaristas eram realmente necessárias nesse contexto conturbado? E acreditamos que a mais adequada resposta, é possível, seja que sim, pois na medida em que o governo, independente qual seja, não responde às demandas mais básicas, aqui no caso a educação, a população, e ou, os/as estudantes no caso das ocupações, tem por direito buscar o que lhes é constitucional.

Finalizamos vitoriosos/as com as ocupações secundaristas de 2016? Ainda não, pois que, as ocupações das escolas em 2016, terminaram com um sucesso, digamos parcial, nas pautas que eles/as lutaram, isso por que talvez, e porém, o que ficou dessas ocupações, assim acreditamos, será visto a médio longo prazo, para o futuro desses/as adolescentes, hoje muitos/as com seus 20 e poucos anos, proveitosos/as que foram, pois nos deram uma aula de democracia prática, e talvez tenham educado seus filhos/as para a ação democrática. Foi desta maneira, que como professor, presenciei uma ocupação em 15 de outubro de 2016, no colégio estadual Des. Cunha Pereira, instituição a qual trabalho, e assim, houve nessa ocupação a luta dos/as estudantes contra o presidente Michel Temer (PMDB), e suas reformas neoliberais ao que se refere educação. Esses/as estudantes

fizeram por mim uma catarse! O que acreditamos é que os/as milhares de estudantes, neste ano de 2016, ao irem para as ruas, ou ao ocuparem as escolas, fizeram história, e a geração deles, assim como a de 1992, que ficou conhecida como a geração dos/das Caras Pintadas, marcou a sociedade brasileira, com um sentimento, de que talvez seja possível, ainda mudar a nossa corrupta política, pelas lutas sociais, e ocupando as ruas, e ou, as escolas, mostramos nossa indignação aos governos.

Anos depois, no agora, acompanhando, o desenrolar das ocupações secundaristas de 2016, vemos como é longo e doloroso o processo de construção da cidadania, historicamente dizendo, e como nossa política, ainda carece de movimentação, real, pois que após 2016, a BNCC está aí, e reformas aconteceram. E agora com mais consciência política na vida, eu reconheço que a força da política neoliberal, se não venceu lá em 2016, está nos vencendo, na atualidade, lentamente impondo-nos suas glórias. Porém como educador e estudante de história, vejo que as ocupações secundaristas refletiram a política de seu tempo, vivencio-a todos os dias, pequenas revoltas. Mas de que nos adiantou ir às ruas? Gritar fora Collor em 1992? Se ele depois foi eleito pelo povo senador? Bem, pois, pelo menos nos resta a memória do ocorrido, esperamos que essa seja crítica, sendo assim uma das mais importantes tarefas do historiador, como ressalta Legoff (1990, p. 423.):

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

O que gostaríamos de ressaltar é que a memória da educação brasileira, tem em seu rol, as ocupações secundaristas de 2016, e é nosso dever, como educadores/as, o qual devemos exaltar, o qual devemos ser em parte, os/as guardiões desta fagulha, de rebeldia, dessa demonstração juvenil de poder, ocorrida nas ocupações secundaristas de 2016. As ocupações das Escolas de 2016, guardam que, a escola, ou o currículo estabelecido pelo governo federal, tinha por objetivo destruir, desaforar, e fornecer uma base, defendida por este como comum (BNCC), para todos os Estados brasileiros, mas aplicando à força, velada pelo ideário neoliberal. Essa suposta reforma, que depois de longas idas e vindas, e das audiências públicas, muito delas, sejamos francos, às escondidas, e outras conturbadas, para além das crises políticas e institucionais do golpista governo do Michel Temer. O que se viu foram apresentações e versões provisórias, que se faziam do texto final do que seria a BNCC. Aos termos a BNCC para o Ensino Médio, por sua vez, foi homologada em 2017, e um ano depois, em dezembro de 2018 já estava sendo aplicada, de maneira obrigatória, pelo alto montante de verbas gastas, ademais em alguns Estados antes, que seguem a

cartilha à risca e outros ainda em fase de execução. Uma vez homologada, a BNCC, então, está em sua fase final, de acordo com o Ministério da Educação, agora em finais de implementação, ela está pronta para os mais diversos sistemas de ensino do país, inclusive os particulares que nem fizeram causa contra, visto que não houve ocupação das escolas particulares, pois sempre dão seu jeito.

Dessa maneira, finalizamos, não por ora, mas em uma das nossas hipóteses, é que, a mobilização dos estudantes retardou as reformas neoliberais na educação, se não pelo menos, assim o fez, pelo que refletiu sobre a educação e seu papel, pois esses/as estudantes, buscaram com a ajuda de si mesmo/as e sozinhos/as, e para si, as ideias, muitas desses/as vindas das suas vivências nas periferias em que viviam, se manifestaram contra o enorme distanciamento do Estado, e ou, sua grande ausência na educação pública. Também mostraram que havia a falta de diálogo, assim como uma imposição, típica de governos neoliberais, e que as reformas iriam piorar, a já péssima qualidade da nossa educação, e é claro, lutaram pelo fim, das suas invisibilidades, como sujeitos/as de ação, reconfigurando as escolas ocupadas como espaço de debate, haja visto que a BNCC, ainda está em pleno 2024, sendo analisada, mas eles/as não desistem, estão sempre que podem trazendo à tona a sua visibilidade.

2 RELATOS ESCRITOS: CAPTAR AS OCUPAÇÕES PELA MEMÓRIA ESCRITA DE SEUS PARTICIPANTES

No capítulo anterior procuramos entender o contexto e os acontecimentos em torno das ocupações estudantis de 2016. Neste capítulo temos um propósito básico: refletir sobre como podemos acrescentar um olhar por dentro dos acontecimentos ocorridos. Nesta direção, o propósito é aceder às visões/narrativas dos sujeitos que realizaram as ocupações que permita escrutinar os significados e sentidos dessa agência. Para tanto, precisamos resolver um primeiro problema que é: quais serão nossas fontes? Poderíamos, a princípio, analisar depoimentos e relatos dos participantes das ocupações disponíveis na mídia e outros lugares. Mas, nossa intenção era de produzir estas fontes, ou seja, produzir narrativas e relatos sobre as ocupações, em mediação com os sujeitos.

Nossa proposta, tendo em vista essa produção das fontes, foi a proposição a um conjunto selecionado de sujeitos/as que produzissem um relato escrito sobre sua experiência de participação nas ocupações. Estes relatos seriam então analisados em busca de sentidos e significados específicos dados por estes/as sujeitos/as aos acontecimentos.

Neste capítulo apresentamos reflexões sobre relatos escritos em sua forte relação com a memória e a História. Estas reflexões estão ancoradas na historiografia e em estudos da memória. Em seguida apresentamos o processo de constituição do corpus documental da pesquisa formado por 23 relatos de memória sobre as ocupações de 2016.

2.1 APONTAMENTOS SOBRE RELATOS ESCRITOS, MEMÓRIA E HISTÓRIA

Ao escrever um relato escrito, seja ele pessoal, qual a intenção da escrita, o que pode nos dizer as palavras que lá alguém colocou no papel? O que essa pessoa gostaria de deixar para outrem? De reavivar? Ou, ainda de relatar, ali nas suas palavras para ser entendida, nem que seja, a posteriori em suas palavras, que estão num pedaço de papel a ser lido por alguém, talvez distante no tempo, ou não, que irá por sua própria interpretação, e olhos ver as entrelinhas, o que está dito nas palavras? O que essa pessoa (que escreve relato) gostaria de trazer à tona, pela escrita, por sua memória, seja de algo, que fora por ela vivido, ontem ou até anos atrás, mas que agora é rememorado? Qual, ou quais seriam as intenções? Essas seriam algumas perguntas que vamos tentar refletir e descortinar, a partir desse momento em linhas abaixo!

Trouxemos para esse trabalho os relatos escritos para jogar luz, e buscar algumas possíveis respostas sobre as ocupações secundaristas de 2016, contra as medidas neoliberais na educação.

Dado isso, consideramos esses documentos de suma importância pois são registros produzidos por estudantes, professores/as, bem como funcionários/as que estiveram nas ocupações, e que depois de alguns anos, escreveram sobre o ocorrido, agora trazido por suas memórias escritas. Primeiro, vamos dar uma atenção, e cuidado, ou seja, um foco maior, a uma ocupação em específico, que ocorreu no Colégio Desembargador Cunha Pereira, em Fazenda Rio Grande, região metropolitana de Curitiba/PR.

Por ora, pensamos, e bem sabemos, que as respostas para essas perguntas, que fizemos acima, são das mais complexas e variadas, e tem-se várias tendências, que podem trazer não uma única verdade, mas múltiplas interpretações. Ocorre que muitas, dessas pessoas, e ou, dessas memórias escritas, tem suas direções, seus devaneios, bem como suas interdições, sejam elas internas e ou externas. Ainda assim, estamos olhando para seu brilho, e isso nos é muito interessante, pois constroem as memórias, que por agora, vem a ser de pessoas que ocuparam a escola, e podem nos responder algumas dessas questões que levantamos.

Sendo assim, neste trabalho gostaríamos de refletir, bem como buscar responder alguns questionamentos, acerca das memórias escritas sobre as ocupações. Entendemos que esses registros podem nos apoiar na busca de um entendimento inicial, em que as letras escritas no papel, trazem uma memória escondida. Começamos por ora, pelas intenções de uma escrita, no caso de uma narrativa, ou um registro. Acreditamos que as intenções, as mais profundas, são de difícil acesso, e que essas (intenções) seriam muitas, e talvez a maioria delas, sejam-nos até escusas, e intangíveis, pois a memória, pode até tentar, mas nem sempre consegue resgatar tudo que se viveu, e ou, como aconteceu. Assim sendo, a pessoa, nem sempre pode colocar no papel em exatidão os acontecimentos vividos, pois eles se sobrepõem com o tempo, e não temos como resgatar tudo, ainda que desejemos. Buscaremos através da escrita das memórias, refletir sobre, o que se vivenciou, nas Ocupações das escolas de 2016.

Ao falar de memória, reflete Halbwachs (1990, p. 25):

Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos. É porque concordam no essencial, apesar de algumas divergências que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo.

Halbwachs nos sugere então, que, quando repensamos, a nossa memória busca um reconhecimento do que foi vivido, mas isso não se dá em exatidão, e aqui, acreditamos, essa seja a nossa maior pretensão, não buscamos exatidão, mas queremos o que essa memória escrita pode nos trazer a partir da escrita. Desta feita, vamos nos fazer reflexões a partir desse autor, dentre outros/as, muito importante para nossa abordagem, bem como neste capítulo, pretendemos pensar os relatos escritos, como memórias-escritas, das quais acreditamos serem muito úteis para o trabalho histórico. Como vimos podemos nos esquecer de muitas de nossas vivências, e isso faz parte da memória, como ressalta o próprio Halbwachs, mas também temos o poder de nos lembrar, e mais, a partir daí é que podemos e construímos um reconhecimento do que foi vivido, rememorando. O que para nós, seria um resgate da memória escrita dos/as que ocuparam as escolas em 2016, bem como de suas experiências, e que tentaremos, através dos relatos e das memórias escritas, trazer como reflexão, isso se dará pois, fizeram com suas próprias palavras, no agora presente, mas reescrevendo a ação no passado. O que acreditamos, é que relatos escritos, indiferentes sejam seus momentos históricos, por si só já têm um teor de memória escrita, e são altamente históricos, senão reveladores, de fatos que possam vir à tona, em nosso caso as ocupações de 2016. Também compreendemos que relato escrito, traz consigo, muitas respostas, algumas delas alquebradas, porém destacamos que ele deixa, por si só, muitas perguntas ainda abertas, ou incógnitas profundas, ainda mais, se a pessoa que a escreveu está ausente, nesse caso, como muitos outros, não podemos acessar, para além do que, o ali está, naquelas linhas descritas, então acreditamos, que é certo que haverá algumas lacunas, e nós, a princípio não vemos nenhum problema nisso, haja visto que a História como ciência está de antemão acostuada, e é bem de sua práxis, de seu ofício, trabalhar com, migalhas, e ou, fragmentos como escreve o historiador Bloch (2001, p. 74) ao definir que:

Quando os fenômenos estudados pertencem ao presente ou ao passado muito recente, o observador, por mais incapaz que seja de forçá-los a se repetir ou de infletir, a seu bel-prazer, seu desenrolar, não se encontra do mesmo modo desarmado em relação a suas pistas.

O que defendemos e acreditamos, a partir do que, e como reflete Marc Bloch, é que não estamos desamparados, pois cremos que são muitas as causas que o relato pode levantar, pois uma pessoa ao escrever um relato deixa-nos rastros de uma vida, e de muitas de suas vivências, e poderíamos, pela escrita-memória, sim e, também inferir, questões do presente-agora, ao lermos, podemos levantar questões e responder, pelo teor do que ali se escreveu, a escrita-memória, que o relato pode ser muito bem, uma memória conservada,

um momento de produção textual, uma memória-escrita de um dado momento da vida da pessoa, por isso um resgate de sua memória. A escrita, dessa maneira, talvez possa, nos dar um arcabouço, uma direção para a interpretação, juntamente a isso, acreditamos no potencial social dos relatos escritos, como resgate de lembranças coletivas, assim como atesta-nos Halbwachs (1990, p. 26), mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos". Temos por base, assim que são esses relatos que temos em mãos, uma fonte primária da experiência dos/as estudantes, dos/das trabalhadores da educação, e mesmo que individualmente produzida, nos legaram pela escrita, algo histórico e social, sobre o tema, tudo isso puxado pela sua memória, seja a individual, mas e, também a coletiva, como retrata Halbwachs, a qual a História como uma ciência humana de produção social, tem, ou aspira, como sendo a grande importância para a produção de conhecimento, ela (a memória), bem como o tempo, e dentro desse, seja a experiência máxima do sujeito (a) histórico (a), a memória, assim acreditamos, o registro escrito, ou um registro, pode ser utilizada como recurso de produção e resgate de fatos históricos, ainda mais quando pela escrita, a de um registro, poderá dar-nos, mesmo que quase uma década depois, uma ressignificação individual e ou, mais coletiva, daquilo que fora vivenciado nas ocupações de 2016. Assim, acreditamos que os relatos escritos, que vamos expor, bem como outras escritas em tempos de outrora, não morreram, e nem morrerão, pois elas também têm, e trazem à tona uma memória, aqui nas nossas, esperamos entender o que vivenciou-se, dentro das ocupações secundaristas.

Essa memória escrita, se podemos assim dizer, não é morta, inacabada, mas sim viva, dinâmica, ela está em uma constante no tempo-passado-presente, bem como nós reflete ao falar de memória Candau (2023, p. 60):

As relações de si para si mesmo, o trabalho de si sobre si mesmo, a preocupação, a formação e expressão de si, supõe um trabalho da memória que se realiza em três direções diferentes: uma memória do passado, aquela dos balanços, das avaliações, dos lamentos, das fundações e das recordações, uma memória da ação, absorvida num presente sempre evanescente; e uma memória de espera, aquela dos projetos, das resoluções, das promessas, das esperanças e dos engajamentos em direção ao futuro.

A memória, como Candau (2023), relaciona, pode ser resgatada e ponderamos que através desses registros, e a partir das ocupações secundaristas de 2016, estes nos trarão, assim esperamos, fatos e acontecimentos importantes do passado juvenil e estudantil das ocupações de 2016. Por que esses/as jovens ainda adolescentes, agiram como sujeitos/as, e hoje como adultos/as podem pela escrita, revisitar as suas ações. Ponderamos também, que

assim como os livros impressos, que trazem o tema das ocupações secundaristas de 2016, os relatos também irão, e devem, sobreviver a esta avalanche da web, isso é, mesmo com advento da internet, (registros escritos quais sejam), esperamos e cogitamos, podem assim como os livros impressos, resistir, e vão assumir posse para não sumir, e sempre vão existir como meio de comunicação social, bem como também um meio de trazer à tona algo vivido num espaço de tempo, este mesmo que seja, locado no passado, mesmo que seja longínquo, e ou, no presente momento. E que ambas as comunicações, sejam a internet, e ou, a escrita no papel, coexistam para uma democracia das escolhas.

Além disso, buscamos neste trabalho trazer os relatos, como um gênero textual relevante, mas bem ressaltamos, eles não podem, segundo as regras próprias da linguística, serem como uma camisa de força das quais, as pessoas que escreveram, ou escrevem, têm que usar sem medida, pois se assim nós o fizessemos, colocaríamos as cartas como se fosse uma religião, com seus dogmas, suas regras fixas, e nesse quesito, gostaríamos e ressaltamos, eles/as (que fizeram os registros escritos) tiveram a liberdade de escrever, conforme sua posição vivida nas ocupações, bem como sua memória atual dela. Inclusive, aqui abrimos um parêntese, e respeitamos, ao ler, alguns/mas que estavam, nas ocupações, e demonstraram-se contra elas, pois estes/estas têm todo direito de ser contrários/as às ocupações, nesse quesito é deles/as, aquilo que pensam, escrevem, ou seja, a sua memória.

Consideramos assim que há uma significação na escrita a partir dos relatos. Reiteramos que, para se pensar essa questão, deve-se observar que as construções linguísticas, bem como as composições textuais, essas que são formulações histórico-sociais, surgiram e foram sendo mudadas ao longo da própria história, em que se pode perceber, assim como se escrevia, bem como se escreve hoje os registros escritos, é, pois, uma entre outras formas de comunicação, uma prática comunicativa-social e cultural, e é resultante do trabalho linguístico e dado pelos/as sujeitos/as, bem como suas contradições, suas representações, em suas relações sociais, políticas e existências, e interativas, portanto relatos aqui é uma fonte, mas não, uma verdade, são como uma fotografia de tudo aquilo que se vivenciou, e ali nesse pequeno papel, se escreveu algumas lembranças, agora rememoradas pela escrita, essa que nos acompanha e molda nossa existência desde 4 mil anos a.C com a invenção da escrita pelo homem.

Os relatos em questão, são por ora, o resultado do trabalho linguístico, do aprendizado social da escrita, e da função da escola, e são, e serão assim, socialmente e historicamente avaliadas, em sua produção. O que também podem ser dotadas de um dado valor social-histórico-cultural, esses registros dessa maneira, terão, bem como estamos

atentos, a uma finalidade, não só, mas também, a do uso social, do uso político, e até do econômico, se pudermos assim dizer, bem como de uma interpretação, uma análise, e ou, a busca do que foi a experiência histórica das Ocupações de 2016. Parte de nossa interpretação, dos registros é pois, como uma fonte histórica, pois acreditamos como Bloch (2001, p. 72-73) no papel do historiador/a em que:

Não é absolutamente verdade, para retomar a comparação de ainda há pouco, que o historiador seja necessariamente reduzido a só saber o que acontece em seu laboratório por meio de relatos de um estranho. Ele só chega depois de concluído o experimento, sempre. Mas, se as circunstâncias o permitirem, o experimento terá deixado resíduos, os quais não é impossível que perceba com os próprios olhos.

Assim assumimos que nesses resíduos, nesses relatos, seja o das palavras que comunicam, no caso específico dos relatos, ou das escolhas, que essas pessoas fizeram, das suas ações naqueles dias, e que os/as tornaram, e as tornam, sujeitos/as livres, para relatar suas experiências, suas memórias, porém também pensamos que se estiveram naquele momento, vão usar muito bem de seus recursos linguísticos acumulados. Dessa maneira, acreditamos e refletimos, sobre a ação individualizada, e ou, social, desses/as sujeitos/as no que tange sobre as ocupações secundaristas de 2016, portanto, os relatos, podem nos auxiliar, e ou, evidenciar, esses resíduos que o historiador Marc Bloch fala, resultado do próprio trabalho linguístico, e do cruzamento interpretativo do/a historiador/a e da ação construída coletivamente, a agora-memória, perante as ocupações secundaristas, e acreditamos que os registros escritos nos tragam, assim essa memória esquecida, mas agora ativada, avivada, e que ao escrever por seus próprios punhos, sobre esses eventos comunicativos, será desta feita a memória de quem esteve lá participando das ocupações que virá à tona.

Essa escolha, dos relatos como fonte, se faz, também, em virtude de seu papel, interpretativo-comunicativo a posteriori, e talvez do elo perdido, que pode ser, resgatado na pretensão, de que não haja mais um esquecimento de um evento de tal importância histórica como foram as ocupações secundaristas de 2016. Acreditamos que a finalidade sócio-histórico-linguístico do gênero relato escrito, pode trazer, e representar muito da situação vivida nas ocupações de 2016, bem como comunicar, para além, do eu, aquilo que seja, e mesmo que a posteriori às participações nas Ocupações de 2016 dados importantes para o entendimento da dinâmica dentro das ocupações. A função da História, como disciplina, não só escolar, seria assim usar, analisar, buscar, uma relação possível, das ocupações, e esses registros, no que tange as fontes, nos vem como consideramos, buscar puxar uma memória do ocorrido nas ocupações por estes/as sujeitos/as que vivenciaram a

coisa por si mesma, na práxis, pois como nos afirma Candau (2023, p. 44):

Entre as categorias organizadoras de representação vou privilegiar aqui a memória. Seu efeito será proporcional a sua força. Denomino memória forte uma memória massiva, coerente, compacta e profunda, que se impõe a uma grande maioria dos membros de um grupo qualquer.

Acreditamos, que ao ler os relatos, como pensa Candau, ao falar de memórias, que esses/as ocupantes das escolas em 2016 fizeram memórias fortes, pois que observamos a coerência das Ocupações de 2016, em que os/as estudantes, os trabalhadores/as, lutaram contra as medidas neoliberais de o Governo Temer, em 2016, no caso da MP 476, ainda ecoa em 2024, essas memórias estão latentes por aí, e buscamos apenas através destes registros reunir umas dezenas delas, e não deixar morrer esse evento que foi, o de luta pela educação pública, este histórico momento, donde desacreditados/as tomaram as ruas, as escolas, sem partido político, ocupando por dias e semanas alguns prédios pelo Brasil a fora, dizendo um não a medidas neoliberais dos nossos representantes da democracia brasileira. Isso é vivido nas memórias, daqueles/as que ocuparam as escolas em 2016, mas que ainda ronda a nossa educação, a exemplo em 2023, no Paraná, e não só neste estado, pois estamos ainda tendo mudanças que afetam a educação, no caso o governo do Carlos Roberto Massa Junior (PSD), corremos o risco das privatizações de mais de 200 escolas, uma forte medida do neoliberalismo.

A enorme energia gasta nas ocupações de 2016, contra as medidas neoliberais, ainda não conseguiu combater efetivamente as mais novas ondas neoliberais, mas estes/as em 2016, lutaram por estes/as, que aqui do presente estão, e esses/as de hoje, acreditamos, deverão lutar por igual aos do futuro. A destruição das escolas públicas no Brasil, faz caminhos inesquecíveis e destrutivos, na vida estudantil, o que percebemos é que o projeto neoliberal ainda avança forte, na vida de muitos/as estudantes brasileiros/as. Porém, dado os acontecimentos posteriores a 2016, passou-se sete anos, e parece que há um amortecimento dos/das estudantes, não só deles/delas, pois também o atual governo federal, Luís Inácio Lula da Silva (PT), prometeu rever o Novo Ensino Médio (NEM), que foi a causa maior das ocupações de 2016, mas não o fez, e aquilo que alguns/algumas esperavam a reforma ocorrida em 2017, durante o governo de Michel Temer (PMDB) está em pleno vapor, com algumas modificações, aqui e acolá, mas segue sendo imposta, mas as ocupações secundaristas, ou a sua memória, ficará para a história da educação, apesar de avanços e solavancos, não podemos esquecer jamais.

2.2 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CORPUS DA PESQUISA: 23 RELATOS

ESCRITOS SOBRE AS OCUPAÇÕES DE 2016

Para concretizar nosso propósito de pesquisa nesta dissertação, usamos como fonte 23 memórias-registros, de cunho pessoal, e exemplares dos mais variados, porém únicos, pois foram escritas por quem esteve na ocupação, em específico, os do Colégio Desembargador Cunha Pereira, pois estes/estas, estiveram diretamente ligados/as a 2016, ou seja, vivenciaram a coisa por si só. Traremos uma memória-escrita dos/as estudantes, dos/as funcionários/as, dos/as professores/as que estavam nas ocupações secundaristas, e pretendemos analisar a sua importância como documento histórico de resgate da memória das ocupações. Talvez alguns/algumas das escritas bem como das memórias, sejam mais positivamente importante a nossa reflexão, que outros/as, mas mesmo que indiretamente, as valorizamos muito, pois são as escritas-memórias daqueles/daquelas que estiveram lá no front das ocupações secundaristas, e que, portanto, nos legaram a importância disso, bem como nos oportunizaram as suas memórias-escritas, para este trabalho, o que consideramos uma fonte, muito importante, e que nos aproxima da nossa ideia de pesquisa mais pura, ou seja, é muito relevante para entender a dinâmica das ocupações secundaristas de 2016.

As memórias-escritas, que aqui remetemos, são discursivas-narrativas, e retratam, e ou trazem, como pretendemos, algumas das práticas cotidianas, das ocupações secundaristas, bem como, e também, algumas das visões de mundo, sobretudo das vivências, das ocupações, trazem, se assim podemos dizer, um pouco do que os/as que ocuparam as escolas em 2016, pensavam, sentiam na pele. Nessas ocupações, assim o que houve, nos interessa, pois são memórias, agora escritas, postas no papel, que poderão nos comunicar, por elas mesmas, as ideias de como os/as ocupantes, se viram diante das ocupações, como se sentiram diante da ação, bem como vivenciaram ao final, as ocupações de 2016, e jogam assim uma luz, sobre uma memória-individual, e ou, mais coletiva, mas não só, pois também reflete o social, de dentro das ocupações, pois eles/elas não estavam em único círculo, mais sim, o de uma ação propriamente dita. Desta feita, acreditamos que essas memórias-escritas, são os/as testemunhos/as de uma memória daqueles/as, que ali estiveram, bem como pondera ao falar de memória, Candau (2023, p. 35):

Mesmo que as lembranças se nutram da mesma fonte, a singularidade de cada cérebro humano faz com que eles não sigam o mesmo caminho. Os atos de memória decididos coletivamente podem delimitar uma área de circulação de lembranças, sem que por isso seja determinada a via que cada um vai seguir.

Essas memórias-escritas, ponderamos, devem trazer, por si só, uma lembrança, daquilo que foi individual, mas não só, pois também do que foi vivido ali coletivamente,

bem como reflete Candau, essas lembranças são ímpares, pois cada um/a que esteve nas ocupações, buscou ao escrever, por seu, e de seu, ponto de vista, sua lembrança do acontecido-vivido, o resgate de sua memória pertence a si, bem como os sentimentos, as suas emoções, ou seja tudo é da pessoa, porém vivido coletivamente. Esses registros-memórias, ressaltamos, foram buscadas e escritos em diferentes momentos, dado as circunstâncias dos/das atores/as que são diferentes entre si, e ao escreverem, pois, alguns/algumas são só meus/ minhas colegas de trabalho, da escola onde atuo, mas temos também, os registros de ex-estudantes, que ocuparam a escola em outubro de 2016, isso faz quase uma década, tempo em que a memória pode ser modificada. Também temos as memórias-escritas de ex-estudantes, funcionários/as e professores/as de outras escolas, e de outras ocupações, que entramos em contato, por via Facebook.

Para a coleta das memórias-registros estabelecemos num primeiro momento, três passos bem básicos: a) primeiro pesquisamos os/as ex-estudantes que participaram da ocupação em 2016, aqui em específico os/as da Escola Des. Cunha Pereira, situada no município da Fazenda Rio Grande, nosso foco inicial e principal da pesquisa, pois a princípio gostaríamos de ter usado somente os registros dos/as ex-estudantes que ocuparam esta escola, em que leciono, porém, como se passaram oito anos, tivemos um grande problema, no item da comunicação, pois os entravam em contato, seja pelo Facebook, ou pelo *Whatsapp*, e muitos/as deles/as davam um sinal positivo, mas no decorrer dos dias, das semanas, não davam mais retorno, ou seja, não respondiam mais o contato. Desta feita, nosso tempo foi se esgotando; b) como nosso propósito inicial não deu muito certo (íamos coletar registros somente dos/as estudantes), passamos a procurar num segundo momento, funcionários/as, da escola, contudo também foi complicado, pois eles/elas prometiam e dia a dia, dada a cobrança temporal, não faziam, ou davam muitas desculpas, como a falta de tempo; c) num terceiro momento, intimidados pelo tempo da escrita da dissertação, fomos para professores/as, pois grande parte dos registros deles/as deveria, assim manifestar, algo objetivamente, o que nos era muito importante, pois seria uma memória-escrita das ocupações pelas suas escritas. Porém muitos/as, não fizeram, nos deixando no esquecimento. Então avançamos, naquilo que podíamos, com o tempo se esgotando.

Numa etapa seguinte, tentamos reunir os/as estudantes na escola, para que ali eles/elas pudessem ao se encontrarem escrever as suas memórias-registros, o que em um primeiro momento, parecia uma ótima ideia, não foi possível. A direção nos barrou. Essa troca, se assim acontecesse, como havíamos proposto, seria muito proveitosa. Mas a direção achou melhor não fazer o encontro na escola, e não nos deu a autorização para usar

o espaço, pois, segundo a mesma, o governo do estado do Paraná tem uma política contrária a qualquer coisa que seja, do modo (encontros), mesmo que seja no caso, uma simples reunião dentro da escola de ex-estudantes. Isso fez com que mais uma estratégia nossa, para coletar os registros não desse certo, e nosso tempo ia se esgotando. Nosso propósito inicial era reunir, no caso da Escola Desembargador Cunha Pereira os/as ex-alunos/as para que em pares, e ou, grupos conversassem sobre a ocupação de 2016, mas não deu certo.

Na sequência, prosseguimos com nosso trabalho, e depois de alguns contatos, mais próximos, algumas memórias-escritas começaram a chegar, pudemos então dar sequência, e prosseguimento com nossa pesquisa, bem como nas leituras teóricas sobre as ocupações secundaristas. Para prosseguir na questão da memória, pois ela será a base desse capítulo, trazemos uma definição, dentre outras, do historiador Legoff (1990, p. 426), ao falar de memórias:

Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.

Le Goff reflete ao falar de memória, sobre uma coisa importante, o esquecimento, algo que nos interessa, é muitíssimo, pois na nossa interpretação, os governos no Brasil, e no caso do atual aqui no Paraná em pleno 2024, ao que nos parece, quer esse esquecimento, pois a memória das ocupações das escolas em 2016, ainda ecoa, e pouco se fala dela, mas também segundo Le Goff, há o transbordamento, pois essa memória se expande. Este governo atual, do Paraná, fazia parte do governo Beto Richa (PSDB) que combateu as ocupações no Paraná com toda a força em 2016, inclusive com forte uso policial, como se estivesse numa guerra contra os/as estudantes, ECA e outros similares de direitos dos/das adolescentes, ao que parece nunca existiram para ele. As ocupações secundaristas retrataram muito bem como a classe de políticos, usam seus desmandos para com a educação, de como usam investimentos pesados, em propagandas para apagar com mentiras, e Fake News, o que querem, impor como a memória verdadeira de suas atuações orquestradas. Deve-se a isso, pois essa memória, negativa para eles (governos) não é boa, para suas carreiras, portanto, eles/as buscam, a todo custo, ofuscar, diminuir, até matar se possível, essa memória, pois a escola, e eles/as sabem muito bem disso, pode-se produzir os novos/as cidadãos/as, aqueles/aquelas que não votam neles/as. Denunciamos aqui, que

este governador na atualidade (2024) o senhor Carlos Roberto Massa Júnior (PSD) fazia parte do governo à época, das ocupações no Paraná, o Beto Richa (PSDB), esse que nos legou, assim como o Ratinho um não, a educação, dentre outras coisas como o fatídico Massacre de 29 de abril em que estudantes e trabalhadores/as da educação foram violentados/as pelo governo na Praça Nossa Senhora de Salette, em frente à ALEP.

O que gostaríamos num primeiro momento? E não deu certo. Era trazer os/as estudantes, para uma roda de conversa, assim sendo iríamos reativar, memórias, durante as conversas entre eles/as, mas tivemos, e ficamos com o não do diretor, esse encontro, caso desse certo, seria (o encontro-memorial), a nosso ver, uma reunião-memória, onde os/as estudantes teriam ali, voltando à escola, ao espaço que ocuparam em 2016, ao prédio, em que todo aquele arcabouço, de lembranças, sentimentos, poderia ser a oportunidade, dada a eles/as, fazer seus relatos orais, uns para os outros/as bem como se lembrar de fatos, que foram marcantes, uns/umas lembrariam-se disso, outros/as daquilo, e ao final escreveriam as suas memórias em comunhão. Mas a direção achou melhor não e nós mudamos o objetivo, sentimos muito nesse dia, foi mais um fracasso.

Porém, e apesar do problema, de conseguir as memórias-escritas, tínhamos que dar continuidade na coleta das mesmas, pois são as nossas fontes mais importantes. E antes de prosseguir, façamos uma pequena reflexão. Por que tivemos muitos problemas ao coletar as memórias-escritas? Inclusive a que ainda espero, uma das que considero a mais importante, a da outrora adolescente, aguerrida e ocupante do colégio Estadual Senador Manoel Alencar Guimarães, a atual deputada mais jovem da nossa política, Ana Júlia, do PT. Bem, acreditamos a começar pelas promessas de muitos/as que não foram e nem seriam cumpridas, que falaram sem compromisso, pois nosso ideal de arregimentar os registros apenas no colégio Des. Cunha Pereira, e lá não fizeram, já nos deram uma mostra.

Por isso não foi tão fácil como imaginamos no início da pesquisa. O tempo e as pessoas, são às vezes complicados/as ao nosso domínio! Alguns/algumas ainda assim parece não entenderam muito bem a proposta, apesar de explicarmos muitas vezes, o que nos fez aceitar inclusive alguns/algumas, que nos fizeram, mais um bilhete do que uma carta, propriamente dita, por mais que foi explicado fortemente sobre nossa pesquisa. Na sequência, e em acordo como o orientador desta dissertação, fizemos um modelo impresso, para ser mais prático e visual. Reconhecemos que essa foi a pior parte do trabalho, e no qual demandou-nos uma enorme energia, o de contar com a boa vontade das pessoas em fazer uma simples memória-escrita, claro que não obrigamos ninguém a isso, mas sentimos muito a falta de comprometimento das pessoas conosco, e com a sua própria memória,

dado os fatos grandiosos que foram as ocupações de 2016.

Sobre a constituição das memórias-escritas, como corpus da nossa pesquisa, gostaríamos de salientar, que ainda, que estas são de cunho pessoal, produzidas sem regras tão fixas, pois dadas as dificuldades, e foram muitas, íamos deixando de lado o rigor que tínhamos a princípio, e as que chegavam, já considerávamos muito boas. Muitas das memórias-escritas, gostaríamos de ressaltar, ao final de contas, foram produzidas por diferentes pessoas, com variação de idade, sexo, e até no grau de escolaridade, pois alguns dos/as nossos/as escritores/as somente terminaram o Ensino médio, bem como outras/os já estavam terminando a Faculdade, e ainda outros/as como professores/as tinham até mestrado, no momento da coleta (2023), dado que já faz quase uma década das ocupações secundaristas, no que acreditamos ser interessante, pois podemos aferir, se houver, memórias fortes, como nos ressaltava Candau (2023), ao tocar em algumas delas, o que para este seria uma memória, cuja, que depende de algumas variáveis, como o tamanho do grupo, a escuta, a coesão, etc. Assim sendo essa (memória) deve ser massiva, coesa, coerente, compacta e profunda.

Para o feitiço e composição das memórias-registros não colocamos regras rígidas na escrita, pois pretendíamos, e focamos mais na escrita-registro como resgate da memória, e assim acreditamos que se isso fosse feito (colocar imposição de regras) tiraria a espontaneidade da escrita, bem como podia cercear as memórias, conduzindo as pessoas a trabalharem, mais num texto por vezes, do que menos na sua criatividade e memória, do que trazer suas lembranças, o que não gostaríamos que acontecesse. Deixemos elas/eles, então numa relação bem aberta e livre com a escrita, ao passo que, nos informariam, e subsequente trariam, na memória-escrita, o queríamos, ou seja, as memórias mais fortes, por elas produzidas, iriam ser dessa feita espontâneas, simples, porém delas, sem a pressão de regras rígidas, não pusemos que era uma coisa formal, mas quem o quisesse podia ficar livre para fazer. Ressaltamos ainda que a delimitação de 23 memórias-escritas em questão, se apresentou adequadamente e suficientemente para ilustrar, e responder, o que pretendíamos, na nessa pesquisa, pois teríamos assim diferentes visões, das ocupações secundaristas, bem como, das memórias delas/deles do jeito que as colocariam, e pelo viés das suas escritas, que assim sejam fidedignas, o que é nosso objeto maior de estudo e apreensão, pois poderíamos assim, trazer essas memórias, quais sejam e representam eles/elas.

Ainda gostaríamos rapidamente de explanar a questão da ética, no caso da escrita das memórias, que nos chegaram, no caso que vamos usar como fonte. Tivemos a

felicidade, e talvez, a sorte de fazer contato direto com as pessoas que as escreveram, inclusive alguns deles/as foram meus/minhas ex-alunos/as e também outros/as são meus/minhas colegas de trabalho, portanto cremos, que dado à lucidez delas/deles não teremos, nenhum problema do uso das suas escritas, dado que sabiam e cremos, explicamos, o que era, e para o que era o feitio da escrita, portanto nosso propósito. Inclusive muitos/as tencionaram, e assim nos desejam, segundo suas intenções, ter acesso ao trabalho depois de pronto, dessa forma acreditamos, que não teremos nenhum maior problema, dado a ciência do que estamos pondo em jogo.

Dando sequência ao trabalho, acreditamos que tal procedimento nos parece o mais pertinente, pois nosso foco central, na pesquisa, corrobora, com as práticas comunicativas de uma memória-escrita, pois são construídas por indivíduos que vivenciaram um momento histórico, dado a nossa educação única, e no caso das ocupações secundaristas de 2016, elas (memórias) podem então traduzir um desvelamento pela escrita, pelo viés do relato, isso é a nossa fonte de pesquisa mas consideravelmente importante. Mais que isso, gostaríamos de repetir, uma vez mais, que a nossa atenção, se volta para uma busca, e ou, descrição dos fatos, dentro das ocupações, daquilo que eles/as vivenciaram, e no agora presente, conseguem resgatar, pela escrita, e pensam sobre esse ato, e assim o definem, segundo eles/as, daquilo que ainda tem em mente, vivo, e ou, pensam, pois levaram das ocupações de 2016, para suas vidas. Procuramos por estas memórias- escritas, algo no sentido da organização, e do funcionamento, bem como uma reflexão do social, do político, e cultural, também gostaríamos de refletir sobre as questões históricas imbricadas, nas memórias, em que uma ação de um indivíduo em particular, importa, mas não só, ela, pois nessas ocupações, o social foi forte, e esperamos que ao produzir uma escrita, anos depois, ela possa, e nos traga, assim por sua percepção, ou seja, a memória pela escrita da escrita, do ocorrido, através de textos, aqui em questão, e que consideremos, evidentemente, como o fundamental dela (memória) como agente simbólico no processo de produção de recepção, de transmissão, ligação, daquilo que eles/as vivenciaram e trouxeram à tona anos depois através da elaboração mental e descritiva do momento vivido, sendo assim captada, por ora, pela escrita, por suas experiências passadas, a escrita pelo seu presente, em resgate de seu passado.

As memórias-escritas, sendo assim, são gêneros textuais, como nos apresenta Silva (2002, p. 25):

Nesse sentido é que entendo que os gêneros textuais se apresentam como forma de ação social para viabilizar e construir a interação verbal, por conseguinte, como forma de instaurar as práticas de socialização dos (e entre) os sujeitos. Acredito, de igual modo, que, sem a relação de socialização e sociabilidade dos

(e entre) sujeitos, no seio das práticas comunicativas, os gêneros historicamente não existiriam.

Os relatos, como resgate escrito da História, foram e ainda são produzidas pela humanidade para poder comunicar uma ação individual, mas não só, pois há ali, e cremos, o social, há ali, também um movimento político, ou até uma prática extremamente existencial, transportando através da memória, da escrita a posteriori, e aqui defendemos, isso, sua grande importância para a história como ciência, seria esse resgate do passado, não como ocorreu tal e qual, mas daquilo que foram as ocupações, como se tirássemos uma fotografia dos/das ocupantes de 2016, não uma imagem total, mas uma escrita dos acontecimentos por quem viveu a coisa por si. Estes/estas que ocuparam as escolas em 2016 podem até terem tido/tidas seus esquecimentos, pois foram muitas as suas ações e emoções naqueles dias e noites que lá passaram, então a memória como pesquisamos não guarda tudo, ela reescreve, ela interage umas memórias com as outras, e muito do que vivemos no nosso dia a dia, as vezes pode passar em branco, visto que nosso cérebro precisa e assim o faz, uma limpeza de muitas das coisas que vivenciamos e, ao dormir, recria essas memórias. Mas aqui acreditamos, que ao dar-nos um bom tempo para eles/elas escreverem as suas memórias, estamos falando aqui de meses, eles/elas conseguiram resgatar muitas das suas vivências daqueles fatídicos dias de 2016.

Claro que também não podemos nos iludir, porque como escreve Candau (2023, p. 24), cada um de nós tem uma ideia de sua própria memória e é capaz de discorrer sobre ela para destacar suas particularidades, seu interesse, sua profundidade ou suas lacunas: ele aqui trata então da questão da metamemória. Candau refere-se a esta memória em que, não é uma memória coletiva de algo, mais sim uma memória mais individualizada, que cada um de nós tem de algo que acontece, ou aconteceu, no convívio social, então as Ocupações de 2016, podem ter suas representações sociais, políticas e ou culturais, mas cada um/a dos/as que ocuparam as escolas em 2016 tem sua própria memória sobre os acontecimentos, e eis que nas cartas, ou naquilo que pretendemos, e iremos descrever nas páginas abaixo, buscamos e esperamos, mostrarão que cada um/a traz uma memória, essa que é única do evento, mas que, somadas, refletidas, comparadas, podem nos dar um norte para entender melhor o movimento que consideramos de alta grandeza como movimento social. O relato, dessa feita, pode trazer para a História, uma fonte, e esta como ciência de análise das fontes, dos fatos, se apropriar da memória como uma construção funcional das razões e dos fatos, pois acreditamos que uma carta, mais do que testemunho, é quase uma oralidade-escrita, e como nos salienta Fridman (2006, p. 111):

O mais importante: apenas os letrados têm condições de funcionar efetivamente neste sistema político, tendo em vista que todo o trabalho burocrático, que o governo e o partido produzem, exige o domínio da leitura e da escrita. Como consequência, para ser candidato a um cargo, alto ou baixo, é preciso saber ler e escrever; caso contrário, o sujeito não tem utilidade no estado burocrático.

Vemos que o ato de ler e escrever na História da humanidade passou a ser algo de extrema importância, inclusive faz parte do poder burocrático, entendemos isso, como uma necessidade diária de comunicação. E mais, Fridman, ao tratar da obra de Godoy, nos coloca a par de uma reflexão importante, a escrita como poder, um poder que pode assegurar as leis, mas não só isso, também pode fazer valer uma existência ou não dessa mesma, como se configura nossa constituição, a carta Magna, a ser consultada sempre que há demandas. A exemplo se fôssemos pegar uma carta que alguém escreveu na Idade Média não teríamos como testemunhar, realmente sobre a vida dela, mas se essa carta pode trazer rastros, e é claro, podemos até intuir algumas coisas a partir dela, relato que nos chegou em mãos.

Assim, o/a historiador/a do presente faz, como todos/as, uma interpretação do relato, como documento e fonte, ele/a escreve, claro que com um método, sobre, aquele conteúdo da carta a partir do seu olhar, e dos/as personagens que escreveram no passado desse modo há o resgate do acontecido no presente, então existe esse cruzamento entre a História e a memória, contida num relato, o que principia a partir de seu resgate, uma nova verdade.

As memórias, por si só, não refletem as identidades, mas elas estão geralmente interligadas ao estudo da História, podemos inferir, que é através dos relatos que temos alguns recursos para trazer novamente uma vivência passada, e se pudéssemos, num simples exemplo, pegar registros escritos de moradores/as mais antigos/as de uma cidade, e reconstituir por suas escritas, sendo elas quais forem, assim teríamos ali conhecido uma memória deles/as, de suas vivências com familiares, amigos, tipos de governos que acreditavam, e, se possível, essas cartas também, nos oportunizariam a valorização do cotidiano, o mais próximos das pessoas, e ou, dos grupos sociais que conviveram e convivem com essas pessoas, bem como, acreditamos isso, ser um resgate de suas tradições e costumes que, talvez, se perderam, e não foram passados de geração para geração, visto que a cultura é muito dinâmica, mas a escrita pode eternizar algo, nesse sentido da memória a qual acreditamos pode estar nos relatos.

Assim nosso cotidiano, ou uma parte dele, poderia se tornar memória, se também escrevêssemos relatos, possibilitando o acesso, pela escrita-memória aos que não estiveram

ao nosso lado, nem viveram conosco, e está escrita poderia trazer desta feita, vários níveis da nossa realidade, bem como da comunidade, a exemplo a situação econômica, a questão política, a social, e até, a cultural em que se encontrará, pois ao escrevermos um relato, pelos tipos de papéis pela tinta e até pelo próprio domínio da cultura de quem as escreveu, pode-se por um registro simples, e ou uma carta quaisquer perceber o domínio da cultura mais letrada. A memória, aqui pressupõe-se, que é aquela que é ressaltada pelos vários registros da vida cotidiana, mas muitas vezes não posta no papel. Sendo assim, a escrita-memória, no caso de um relato, seria uma seleção de alguns eventos, e reunirá algumas das experiências mais comuns das pessoas que as escreveram, portanto, podem trazer os saberes, as emoções, as decepções etc.

Ao buscar escrever os relatos, buscamos eternizar um ou outro motivo, escolhemos guardar uma parte da nossa história, deixar uma memória-escrita, para a História, um vestígio da nossa existência. Assim, ao tratarmos dos registros escritos como fonte de memória das ocupações de 2016, refletimos sobre sua importância para o estudo da História, bem como para a memória e identidade daqueles/as que as escreveram. Supomos assim, que essa (a escrita, o registro) é fundamental para o desenvolvimento das pesquisas da própria História, porque a vida é um testemunho, ela é uma História, e esta não existiria em tese sem uma memória do vivido. A memória poderia, aqui em nosso trabalho, pelo viés dos registros escritos, e acreditamos, ter várias funções, e a que mais damos valor, é a de preservar a identidade do movimento das Ocupações de 2016, e também claro, demonstrar pelas escrituras das próprias pessoas, as suas representações, esse que é um termo muito caro a História, e que antes de prosseguir, gostaríamos de trazer uma definição, entre tantas outras de Santos (2011, pág. 32), em que:

O pressuposto do qual partem os autores que trabalham com as representações sociais é de que os fenômenos humanos podem ser conhecidos e explicados a partir de uma perspectiva coletiva, mas sem ignorar o indivíduo. Trata-se de uma forma de conhecimento que tenta construir uma realidade comum a um conjunto social.

Pelos relatos e subsequente suas escritas, acreditamos nas ações das pessoas, no seu relato-histórico, bem como no individual e no coletivo, mas também não, e em nenhum momento, ignoramos a sua individualidade, pois, repetimos que: é nas palavras escritas, que nasceria uma representação, mais individualizada, como veremos nas descrições mais detalhadas abaixo dos relatos, mas também há ali, e não podemos ignorar, há algo de coletividade, aquilo que foi das ocupações, pois suas ideias ali expostas, nas escrituras, assim dizendo, podem nos trazer, uma representação e não o caminho total a seguir pelas

águas do rio, mas uma/s trajetória/s de como, se deu/deram, a/s participação/participações dessas pessoas nas Ocupações de 2016, e é da sua própria representação do que elas pensam, que aqui seria para nós, um dado histórico-biográfico dos mais importantes.

3 ELABORAÇÕES DA MEMÓRIA: AS FALAS DOS SUJEITOS DAS OCUPAÇÕES

Neste 3º capítulo traremos a análise dos registros escritos de alguns/algumas agentes que ocuparam a escola no ano de 2016, nosso foco será maior para o Colégio Des. Cunha Pereira, no qual leciono e tive contato maior com quem fez os relatos escritos, porém, temos outros/as que são de outras instituições e escolas ocupadas à época, que nos legaram sua experiência por escrito. Sendo assim houve mais de uma experiência, em que cruzamos as vividas de um contexto com outra/as. Esses relatos e registros escritos, e que vamos trazer, refletem o que os/as sujeitos/as pensaram a partir de suas memórias, eles/elas são estudantes de ambos os sexos, funcionários/as bem como educadores/as, diretores/as, a época, dessa maneira construímos uma linha de raciocínio, que acreditamos trará luz aos dados que eles/elas escreveram a partir de suas memórias, sendo assim pretendemos analisar/apresentar a partir da visão desses/as sujeitos/as como se deu as ocupações de 2016, bem como pretendemos dialogar com cada registro de forma a trazer, e sintetizar algumas das suas representações acerca dos termos utilizados por eles/elas, e que são mais recorrentes, e ou, importantes como: aluno/estudante; governo; política; polícia; resistência; luta, etc.

Pelas memórias escritas sobre suas ações passadas, ou em seu relato-histórico, e no que possa trazer, é que pode nascer uma ideação, mais individualizada, mas também coletiva de como as ocupações de 2016 se deram na coletividade, ou aquilo que foram as ocupações secundaristas. Pensamos que as ideias expostas nas escrituras, assim dizendo, podem nos trazer, as representações de como estes sujeitos veem o fenômeno.

Em muitos escritos esta memória parece estar ainda muito forte e viva em sua mente, o que reflete uma experiência e um passado, ainda presente nesse tempo-atual, apesar dos anos que se somaram (Candau, 2023). Com a escrita houve então um processo de construção/recuperação, de como lemos o passado. Pois esse processo de escrever sobre suas lembranças, no caso das ocupações, podemos dizer que, para quem escreveu, deu-se uma abertura, um acesso às informações, talvez muitas delas armazenadas, mas pouco acessadas, e que agora a escrita, o fez como que ocorresse por meio dela, um reconhecimento, ou a lembrança da importância daquilo ocorrido, no caso das Ocupações de 2016.

Esse reconhecimento é uma espécie de associação, do ocorrido no passado com o tempo atual. E um passado não muito remoto, pois as medidas neoliberais daquele momento, o das ocupações conferem com as de hoje, e permeiam, uma experiência de

tempo vivido, agora lembrado, e envolve um processo de comparação do passado e do presente, daquelas informações de outrora com a memória-presente de agora no ato da escrita. O ato de recordar, assim envolveria a lembrança de um fato, não só um, talvez, mas a associação de muitos outros. Esses são eventos, e ou, objetos, prédios, ruas, pessoas, ações, que a memória busca, fazendo assim uma redescoberta, seja esta direta ou indireta das informações que a própria memória conserva e agora trás em cena.

O reconhecimento de tudo que se passou, no caso das ocupações não é fácil, mas requer e necessita de um processo, e acreditamos que a escrita seria esse primeiro passo, ao escrever, há uma recordação incompleta, mas que, se inicia, requer assim um complemento, mais a escrita já é uma das etapas de lembrar, de relembrar. A escrita, subsequente a leitura sobre o que se escreveu, pode, acreditamos fazer a recuperação de vários acontecimentos da memória, e a escolha pela escrita nos faz acreditar que as informações não são das mais corretas, mas que sim, nos trás alguns elementos e acontecimentos a serem recuperados, repensados.

Mas não podemos deixar de mencionar que a memória e o esquecimento caminham sempre juntas e em paralelo. O esquecimento tem por si só, diferentes causas, e pode ser característico das idades, pois algumas pessoas ao passar dos anos esquecem muitas coisas, mas muitas vezes uma forma que acreditamos ser eficaz de combatê-lo é pela repetição, a escrita pode assim, pela repetição de palavras e ideias, reativar essas memórias, para alguns isso é aprendizado, para outros é rememorar. Então, essa memória, para ser eficiente, deveria depender só da repetição? Não acreditamos que escrever mil registros, ou cartas do mesmo tema seja produtivo, mas à luz de alguns critérios específicos, isso pode nos ajudar, e escrever sobre algo acontecido, anotar datas e fatos, seria um deles. Isso é preferível, e não deve ser uma repetição mecânica, mas sim uma repetição ativa em contrária à repetição passiva, escrever por escrever.

A memória é muito essencial para a aprendizagem, inclusive do que se viveu, mas também ela depende de como as informações foram armazenadas, se tornaram valiosas, se fizeram sentido, pois assim na memória, criam-se a base para ligar novos conhecimentos, isso se dá no cérebro por associação, que é uma característica não só do aprender, mas também do relembrar. A lembrança é uma relação quase que contínua, e se dá ao longo de nossas vidas, porém a escrita nos dá um bom auxílio para tal empreitada. Claro que há pessoas de mais idade, que precisam fazer esse resgate com mais constância e outras não.

3.1 INFORMAÇÕES SOBRE OS/AS RELATANTES.

Idade aproximada da maioria , docentes e funcionários/as	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Cargo que exercia em 2016	Estudante e feminino	Estudante Masculino	Fizeram Ensino Superior pós-ocupação em 2016
Entre 30-50	10	11	11 docentes	5	2	4, sendo 3 do sexo feminino
Idade aproximada da maioria , dos/das discentes			1 diretor geral			
25- 30			1 diretora auxiliar			

Começamos pelo registro escrito do professor P. de Geografia, em que ele escreve, e assim põe em suas memórias sobre as Ocupações, em especial do Colégio Des. Cunha Pereira no qual ele lecionava em 2016:

Um movimento de estudantes foi iniciado em vários pontos do Estado, em várias escolas começaram a aparecer ocupações e, isso chamou a atenção da mídia e da comunidade. Um certo intercâmbio entre os estudantes de vários colégios começou a ocorrer, principalmente com o uso das redes sociais, visto que a chamada mídia oficial não tratou do assunto com imparcialidade.

Como vemos e já tratamos em outras linhas mais acima neste trabalho, a mídia tradicional, aqui ele não se atentou para o movimento dos/as estudantes, ou seja, não passava, segundo os noticiários, de alguns/algumas adolescentes sendo eles/elas mesmo/mas, e poderíamos dizer que até houve certo desprezo por eles/as, e como lemos nesse fragmento, destacamos que o professor P, em seu registro escrito, levanta essa questão, de que a mídia não estava atenta ao movimento, ao menos num primeiro momento, e ainda, segundo Candau (2023) traz outras memórias fortes, dentre elas, a de que a recém-organização dos/as estudantes, por que havia um movimento, nas ocupações, ou seja, os/as estudantes tinham uma ação conjunta, mesmo que mínima para a sua idade, tinham desta forma, uma noção do que queriam, não eram simples baderneiros/as, como depois a mídia tradicional por vezes iria apregoar.

O professor P. de geografia, ainda escreve que:

Esse movimento chegou até o colégio onde eu trabalhava e o Grêmio Estudantil, organizado com os alunos, decidiram ocupar o colégio, estimulados pela ocupação em outros colégios da mesma cidade. A direção do colégio foi comunicada e o processo se deu de forma organizada, ordeira e pacífica. Os funcionários foram dispensados, o Núcleo Regional de Educação comunicado e os alunos trancaram os portões do colégio.

Segundo seu relato, não percebemos o emprego da violência por parte dos/as estudantes, e sim, pelo contrário, eles/as eram, segundo as suas palavras ordeiros/as e pacíficos. Neste aspecto ele aponta, como veremos a seguir, que as ocupações tinham uma programação organizada, com oficinas e discussões sobre os acontecimentos do momento. Ele destaca ainda o papel do Grêmio Estudantil presente nesse momento das ocupações, no caso mais específico aqui o do colégio Des. Cunha Pereira. Lembramos que se a escola tem um grêmio estudantil, já é um fator político de integração social, ainda mais se ele é ativo. Como destaca ainda o professor P:

Como professor atuante no colégio, demonstrei meu apoio através das redes sociais e também levando alguns itens como cobertores, colchões e comida até o colégio. O que vimos foi uma ocupação organizada com algumas oficinas de música e discussões acerca dos acontecimentos. Uma pena os governos não olharem com carinho os anseios da população e suas reais necessidades. Mas ficou claro que nossos alunos demonstraram civilidade, organização social e conhecimento político. Essa geração percebeu que eles podem e devem ser vozes ativas na sociedade.

A memória que nos é relatada pelo professor (P) suscita a relação que ele tem com a educação, ao se afirmar como professor atuante. Suas estratégias de apoio às ocupações foram: usar as redes sociais e fornecer recursos básicos aos estudantes para viabilizar a ocupação como cobertores e alimentos. Em sua visão a responsabilidade das ocupações era a falta de sensibilidade do governo. O professor P. apresenta ainda aquilo que ele acredita ter sido o movimento das ocupações, foi um dos poucos momentos em que as aulas fizeram efeito prático e sentido na tomada de decisão dos/as estudantes. Quando ele diz que esses/as alunos/as perceberam que podiam fazer parte das decisões políticas por eles mesmos.

Passamos agora a outra carta. Trazemos neste momento um outro registro escrito da A. C, uma ex-estudante e ocupante de escola, que nas suas memórias escreve no início o seguinte:

Hoje penso sobre essa ocupação e penso em três grandes verdades: acho que só hoje me dou conta da grandiosidade daquilo que fizemos. Na época, eu confesso, com um pouco de vergonha, que eu não fazia muita ideia do que estava acontecendo, do que eu significava para nós e para aqueles que viriam. A tamanha pilantragem daqueles que propunham aquela reforma.

As memórias da ex-aluna A. C em 2016, agora postas no papel, de quando ainda era uma adolescente e estudante do Ensino Médio, estão muito fortes. Segundo ela, na época não tinha muita ideia do que estava acontecendo. Aqui é muito importante o que a mesma faz, ao distinguir, o hoje-presente, de um passado, em que participou das ocupações, desenvolvendo outra percepção temporal. Acreditamos que, possivelmente,

comparando as memórias, agora e escrevendo-as, ela pode refletir sobre e entender a sua ação de 2016. A escrita lhe deu assim um poder de rememorar o passado e talvez de entender o presente e um ver um futuro próximo. Neste processo ela destaca o que denomina de três grandes verdades: 1) a de que a consciência da dimensão, significado e importância do fenômeno que se passava não estava clara para seus participantes quando os fatos ocorriam; e que esta consciência só viria depois, como exercício da memória; e 2) a consciência da tamanha pilantragem dos proponentes da Reforma. A terceira, como veremos mais abaixo, será o conhecimento de si.

Vejamos em outras linhas o que A.C descreve sobre isso:

Mas eu confesso que hoje, eu reconheço aquilo que fizemos. Era de uma força política, de uma força de resistência muito grande. Embora na época eu não entendesse, eu admito novamente, mas eu tentava, estudava, via vídeos, escrevia macetes. Tentava e perguntava.

Ela denomina as ocupações de força política de resistência, mas admite não ter noção disso na época dos acontecimentos. Ao mesmo tempo ela se descreve como uma estudante que buscava através de vários recursos como vídeos e textos, que escrevia, para tentar entender, compreender, interagir com o momento político, que se preocupava com o que ia acontecer, queria como ela mesma disse, entender a fundo a manifestação, a conjuntura. A estudante em questão parece que realmente entrou de cabeça nas ocupações visto que, como ela descreve, estava à frente de situações políticas importantes:

Teve uma vez, numa reunião com os pais, para explicar aquilo que estávamos fazendo e explicar a forma que tínhamos escolhido para nos rebelar, e eu fiquei responsável por me apresentar e acolher os pais, recebê-los e dar início a reunião. E até hoje me lembro do quanto me preparei para isso e embora houvesse muita preparação e discussão com meus colegas eu fiz meia-boca, tive que decorar e acabei lendo na hora.

Trata-se aqui do desafio posto pelo movimento a alguns jovens: assumir a liderança, fazer uso da palavra em público para argumentar e convencer interlocutores. Não apenas seus colegas, mas os pais. Usar a palavra em público para explicar as escolhas e razões do movimento. Diante do desafio, do temor de falhar nessa tarefa pela qual ficou responsável em nome do coletivo, ela se prepara em discussões, mas ao fim utiliza uma estratégia: ler o que queria dizer, sem falar do improviso.

Era muita responsabilidade para uma simples estudante de Ensino Médio? Talvez sim, mas ao ler o registro escrito dela, bem como de muitas/os dos/as estudantes que ocuparam as escolas em 2016, sentimos que estavam tão acreditados em suas ações e que sabiam da importância de participar das decisões políticas, que o nervosismo era apenas uma pequena parcela de emoção que os estudantes aprenderam a lidar nas práticas ali

desenvolvidas.

A.C também relata que havia uma mútua ajuda entre professores/as e alunos/as pela causa:

E então recorri aos meus bons e velhos professores/as, nossos professores, que na época nos ajudaram muito, não só nos apoiando nessa luta, não só nos levando suprimentos, não só discutindo com a comunidade e indo passar noites conosco, mas também tomando as nossas dores pessoais enquanto alunos.

Trata-se de um depoimento marcante que dialoga de forma muito próxima ao do Professor P. Os professores aqui são retratados como bons e velhos professores, uma expressão que denota carinho e cumplicidade de uma longa relação. Ela destaca as formas de apoio dos docentes: apoio à luta dos estudantes; auxílio com suprimentos e alimentação; cuidado em velar as noites com os estudantes (inclusive como veremos auxiliar na calada da noite para evitar exposição); e sobretudo a empatia com as dores pessoais. Tal relato corrobora com o do Professor P. que fala do apoio nas redes sociais e na presença na escola ajudando com alimentos, participando de aulas, demonstrando empatia com os estudantes.

Em seu relato, A.C, deixa entrever que o espaço das ocupações foi um terreno de encontro de militâncias através de contatos com outras pessoas, como trazemos nesse fragmento, em que ela escreve:

Uma menina que era militante do Movimentos dos Atingidos por Barragens (MAB) me chamou para conversar, coisa que nunca tinha acontecido até ali, e disse que o movimento dela tinha oferecido apoio para que fizéssemos isso em nossa escola, e eu como venho de uma família militante (de diversas causas, incluindo as religiosas) me comprometi com ela.

Como ela afirma, o processo de mobilização deu ocasião a que fosse chamada por uma menina militante do Movimento Atingidos por Barragens para conversar sobre um possível apoio do movimento à ocupação, e permitiu que ela se reconhecendo como alguém proveniente de uma família militante assumisse um compromisso político com o movimento dos/as estudantes.

Para além dos seus contatos, que foram, segundo ela, importantes, uma tomada de decisão, a de ocupar, e ou liderar, a ocupação da escola em que estudava em 2016, ocorreu da seguinte forma:

Em uma segunda-feira, dia 17 de outubro de 2016, após o Programa de avaliação continuada (PAC) no domingo, ocupamos a escola. Em uma assembleia que já começou conturbada pois tínhamos alunos que foram contra e esses três alunos eram do barulho, mas como a maioria vence... Nos dias que passaram foram bem difíceis, como eu acho que foi para todas as escolas e alunos, os professores tinham que nos ajudar na calada da noite, a comunidade estava em peso nos atacando, e por conta disso uma das professoras xingou uma vizinha da escola por estar nos gravando, alguns membros da equipe pedagógica fizeram piadas ofensivas a respeito de nós, o conselho tutelar bateu na nossa escola e todas as noites precisávamos de um adulto para dormir com a gente.

Segundo seu relato, o processo de tomada de decisão foi feito de forma democrática em assembleia. Mas, até mesmo por isso, foi um processo marcado por tensões e divisões. Foram assim dias difíceis e conturbados, segundo ela. Podemos perceber a divisão entre docentes que apoiaram e membros da equipe pedagógica que faziam piadas ofensivas. A reação de parte da população, com uma das vizinhas da escola filmando a atuação dos estudantes. Os ataques da comunidade. O medo de docentes que tinham que se ocultar para oferecer ajuda na calada da noite. A ação do Conselho Tutelar exigindo a presença de um adulto para estar presente na escola.

Foram duas semanas de ocupação, lutando, e ela relata que nesse momento aprendeu inúmeras coisas. A.C não é mais a mesma e em sua memória, a escola passou a ter outro sentido, isso lembramos faz parte da memória, alteração, escalonamento, esquecimento, de em outras memórias ou reconstrução dela com novos sentidos. Acreditamos que as ocupações criaram, dessa feita, novos sentidos da escola como espaço de conhecimento. Mas, um ponto fundamental e aqui voltamos ao que ela denomina de terceira verdade, é como este processo contribuiu para um autoconhecimento, um conhecimento de si. Segundo suas palavras:

Bom, e a terceira verdade, pelo menos para mim, é que hoje eu sou uma pessoa e quase uma psicóloga 1000% mais indignada, mais envolvida, militante do MAB desde 2017, próximo a luta sindical desde 2015 e movimento estudantil desde 2016. Acredito nessa indignação porque é só a partir daí que há transformação.

No relato escrito pela ex-ocupante A.C, é muito interessante notar o fato de rememorar, de reavaliar, isso pode nos auxiliar a pensar historicamente, pois o que outrora era uma adolescente em 2016, em que ocupou uma escola do campo, contra as medidas neoliberais, hoje uma mulher formada, com consciência segundo ela, da sua participação nos movimentos sociais, e aqui tomamos a liberdade de trazer uma escrita comparativa em que NETO (2011, p. 49) quando reflete sobre a memória:

Nesse esforço por rememorar o passado por meio de fatos considerados relevantes ou que, por algum motivo, deixaram suas marcas, também se atribuiu um sentido para a própria vida, para as relações familiares e sociais, o desenvolvimento da vida profissional, as escolhas e posicionamentos.

A.C, ao trazer o passado à tona, pela memória, no caso pela escrita, ela se percebe profissional, militante social e consciente de si, de sua trajetória, envolvida e indignada. E vale sublinhar sua frase final: só a indignação traz transformação. Mesmo depois de sair da escola, para muitos/as, sua memória não cessa, não acaba, e talvez ela, como demonstra Candau (2023, p. 61) possa:

Através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto

no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido.

O diretor de escola Desembargador Cunha Pereira, que vamos denominar de M, para manter sigilo, começa seu relato da seguinte maneira:

Cada escola, naquele tempo, os grêmios tinham bastante voz dentre os alunos, era organizado, o movimento estudantil, e todo o processo que tinha. Então, o que aconteceu? O grêmio da escola era liderado pelo Papion, pela Elaine, o pessoal lá, vários, uma piaçada gente boa, uns alunos bons, e pode ver que tem tudo hoje, são pessoas boas que têm suas famílias, trabalhadores, e esse pessoal organizou, fez um manifesto com os alunos, com os pais, que iam sair em caminhada em relação ao Cunha Pereira, a Janaína, desculpa, que era a presidente do grêmio, não era mais o Papion, era a Janaína, com Regina, a Janaína. Daí o que aconteceu? Se organizaram, organizaram os alunos e saíram em caminhada do Cunha Pereira, foram até a Andriguetto e do Andriguetto desceram, cada grupo de escola foi passando pela César Carelli, desceu, foi até lá onde é a PAE hoje, no Jacomar, e subiu a praça Brasil.

O diretor M. ressalta em seu relato detalhes como os nomes de ruas, os lugares, as pessoas e sobre como aconteceu, a ocupação, refletindo o quanto seu conhecimento e lembrança, ou sua memória, ainda está muito viva da ocupação. Ele se lembra dos nomes, no caso a ex-aluna J, que comandava o Grêmio estudantil do colégio em 2016. Seu relato traz sujeitos identificados, aponta protagonistas, reconhece a organização dos/as estudantes através do Grêmio Estudantil. E detalha as ações que foram desencadeadas no processo de ocupação, especialmente a caminhada:

E as escolas, cada uma veio da sua região a pé, e com carro de som, e se encontraram lá, na Praça Brasil, ali do lado da prefeitura, onde ocorreu as falas ali, várias gente falou, alguns professores, até eu falei no caminhão de som na época, falando pra eles que eles apoiavam o movimento deles, estava dando apoio pra eles, mas era uma situação que quem tinha que estar aí, liderando, era eles, então teve bastante fala de alunos, presidente de grêmio de várias escolas, e saindo dali, algumas escolas da Fazenda Rio Grande foram ocupadas pelos alunos, como no Brasil inteiro teve ocupação, e o Cunha Pereira teve ocupação, a gente teve uma organização, a gente chegou lá, os alunos falaram que ia entrar, ia posar, a gente como diretor não ia tirar ninguém à força de lá, a gente só fez um checklist na questão dos materiais, fechamos a secretaria e a parte administrativa, eles ficaram nas salas de aula, nós fechamos o refeitório, fechamos a cozinha e onde guarda as merendas, daí ficou só o leite pra entregar, daí eles liberaram, os pais receberam os leites na escola e eles fizeram a ocupação.

Em seu relato M. destaca o caráter organizado do movimento, a ocupação de um espaço simbólico da cidade, ao lado da prefeitura, o apoio de caminhões de som, e o protagonismo dos estudantes na fala. Estudantes que ele já se referiu como piaçada gente boa. E afirma sua postura de acolher democraticamente a decisão dos/as alunos/as: *a gente como diretor não ia tirar ninguém à força de lá*, descrevendo as medidas que tomou para assegurar um processo seguro e tranquilo, inclusive com a entrega de leite na escola.

Nas lembranças do diretor M, algo importante, que podemos destacar, além de

outras coisas, é como se deu a ocupação do colégio em questão, bem como a violência institucional para cima dele (como diretor), como se ele fosse o culpado da invasão o que ele se lembra do ocorrido contraria muitas vezes o que a grande mídia trazia, e nas palavras dele:

Nesse momento algumas horas depois, a polícia veio até mim com a ordem do promotor de justiça da época de Fazenda Rio Grande, que eu não lembro quem que era, que era pra levar eu lá no Fórum também, porque veio o Rizzone e eu esqueci o nome do outro lá, do outro policial na época, não era o Batista, era o Rizzone e o Oliveira, eu acho, não lembro o nome dele, acho que era o Oliveira, mas o outro policial, que era pra mim ir lá, daí eu falei, eu vou com o meu carro, ele falou, não, você vai com nós, tem que ir na viatura, então andávamos de viatura, daí eu fui de viatura, porque o promotor queria falar comigo, chegou lá, eu fiquei lá sentado, daí eu esperei, esperei, daqui a pouco veio o promotor querendo que eu assumisse a bronca falando que eu era organizador do manifesto.

Seu relato revela os procedimentos das autoridades da justiça e da polícia militar: o envio de uma ordem verbal do promotor; a ação dos policiais para levá-lo para falar com o promotor; sua condução em viatura policial, e a acusação por parte dessa autoridade judicial de que era organizador do manifesto.

A violência contra as Ocupações bem sabemos, foi feita muitas vezes às escondidas da sociedade na calada da noite. O relato do diretor, M, confirma uma atuação discricionária das autoridades, pois inclusive queriam que ele assumisse que a ocupação teria sido incentivada por ele. Enquanto, como vimos, foram os/as estudantes que tomaram a iniciativa. Em outras linhas o diretor M, se defende, e mais um constrangimento, o de estar diante da lei sem ser infrator da mesma, ele continua seu relato:

Eu não sou organizador de nada, sou diretor da escola, eles ocuparam lá. Daí ele deixou eu umas duas horas lá falando, não sei quem que é, não sei o que, tal, daí ficou lá dando lição de moral, falando que eu tinha que ser responsável, porque não sei o que, não sei o que, eu falei, não, toda escola tá ocupada, eu sou responsável pela escola, na época, daí até de tarde pra você tomar a posição, daí eu falei, eu não, o pessoal toma a posição lá, eu vou fazer o que, eu não sei quem que é, tem que ir lá ver quem tá ocupando a escola, a parte minha de direção tá lá, daí eles se chamam, isso é por conta deles, e eles se organizaram dentro da escola, né, daí depois o promotor queria saber quem eram os pais dos alunos, daí se os pais estavam sabendo.

Percebe-se que o promotor, segundo suas palavras, queria achar culpados/as, fazendo para tanto um tipo de interrogatório que na prática exercia forte pressão psicológica sobre o suposto responsável. Isto denota, de certa forma, como as autoridades ficaram desorientadas com o processo dessas ocupações, inéditas por parte dos/das estudantes, e que não se admitia que eles/elas estivessem sozinhos/as à frente disso. No caso aqui relatado pelo diretor, o promotor queria colocar nomes e acreditava, que pressionando-os teria. Mas o diretor era experiente e sabia que esse movimento era

legítimo, também ele próprio, ao que parece, acreditava no que os/as estudantes estavam fazendo, com ele relata:

Os alunos ficaram alguns dias lá, quando saíram deixaram a escola limpa, né, levaram colchão, levaram comida, fizeram, na época cartazes, né, tinha apresentação de música, dança, fizeram poesias, várias coisas que fizeram. Então não tinha também o manifesto da ocupação, só, mas também tinha eventos relacionados à cultura também, né, que foram, acho que foi o que fez crescer aquele pessoal, que daquele pessoal que estava na ocupação. A maior parte deles viraram estudantes da federal. Tem até uma que hoje tá fazendo medicina, uma das ocupantes lá, né, que ocupou a escola na época, não me lembro o nome dela, outros tão fazendo outros cursos na federal, curso importante, então a gente vê que o manifesto deles levou eles pro lado da educação também, pro lado do terceiro grau, né, vendo como era importante na época aquela discussão.

O relato do diretor M. corrobora a fala do Professor P. sobre a forma ordeira e pacífica da organização de atividades dentro das ocupações. A partir de ambos os relatos surgem atividades como aulas, apresentações de música e dança, leitura de poesia, limpeza, organização de refeições, dentre outras. Mas, o que sobressai do relato do Diretor M, é sua visão sobre os estudantes que participaram da ocupação, pois a *maior parte deles viraram estudante da federal*, ou seja, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), uma das universidades públicas mais disputadas do estado. Inclusive uma aluna que ingressou no curso de medicina. Finalizamos esse relato do diretor M, percebendo que a ocupação no Colégio Desembargador Cunha Pereira, como ele nos relatou em sua escrita, foi criminalizado, talvez por isso mesmo ele destaque o valor intelectual e moral desses/dessas estudantes que lá estiveram em 2016.

Dando sequência aos registros, vamos refletir por ora, sobre a memória da ex-aluna do colégio Desembargador Cunha Pereira, a aluna J, que estava à frente do Grêmio Estudantil em 2016, vejamos o que ela lembra e diz sobre as ocupações:

É com grande entusiasmo que compartilho com você minhas memórias e reflexões sobre o tempo em que fui uma das estudantes que participaram ativamente da Primavera Secundarista no Colégio Cunha Pereira, em 2016. Essa jornada foi, sem dúvida, uma experiência transformadora, uma fusão da paixão pelo movimento estudantil e dos conhecimentos que adquiri nas aulas de história e filosofia. Recordo-me dos primeiros dias, quando nós, jovens estudantes, nos reunimos para discutir as reformas educacionais propostas pelo governo, e então a importância de nossa voz coletiva e a influência do passado sobre o presente se tornaram claramente evidentes.

Como se pode notar a estudante J. guarda uma memória bastante positiva de sua experiência na ocupação do Colégio Des. Cunha Pereira. Ela deixa claro que foi uma experiência transformadora que permitiu a *“fusão da paixão pelo movimento estudantil e dos conhecimentos que adquiri nas aulas de história e filosofia”*. Possui uma lembrança viva dos debates sobre as reformas educacionais, clareza de ser jovem estudante e do significado de constituir uma voz coletiva" e de pensar as relações passado e presente. Em

sua fala utiliza uma forte metáfora de que o movimento foi uma Primavera Secundarista.

A estudante J. se entende ativista, e proativa, foi líder do Grêmio estudantil. Revela uma visão ampla dos movimentos sociais, e foi uma liderança. Suas memórias escritas são resgatadas como se tivesse vivido hoje toda aquela ação. Sabemos que ela tem conhecimento de História, e das aulas dessa disciplina pela sua escrita, e como cita e relaciona as coisas, nesse fragmento:

Após entender a importância do movimento estudantil que estávamos realizando, concluí que aquele era tão importante quanto os movimentos estudantis em diferentes partes do mundo, como o Movimento Estudantil de Maio de 1968 na França e os Protestos Estudantis de 2011 no Chile. As narrativas de estudantes corajosos que se ergueram contra sistemas opressivos nos inspiraram e nos lembraram da importância de não apenas reivindicar nossos direitos, mas também de sermos agentes ativos da mudança.

Essas citações sobre episódios históricos em analogia com as ocupações, e as correlações das suas memórias, revelam que sua percepção do fenômeno transcendeu o tempo e o espaço paranaense e brasileiro. Há clareza de que movimentos do passado foram uma inspiração e uma lembrança para que os/as estudantes fossem corajosos/as como os do passado e se tornassem —agentes ativos/as da mudança.

O que também nos admira nesse registro escrito da ex-aluna J, é a organização do pensamento, pois como a mesma define, o que era importante, ou que ela acreditava ser, os conteúdos aprendidos para se tornar um/uma cidadão/cidadã, bem como ela relata sobre as aulas de filosofia:

Os ensinamentos da filosofia também moldaram nossa abordagem. À medida que debatíamos estratégias e planejávamos ações, pensamentos de filósofos sobre justiça, igualdade e democracia se faziam presente nos debates. As discussões sobre a ética da participação cívica e a responsabilidade em defender o que acreditávamos eram enriquecedoras.

Vejamos que essa é a memória da estudante J, no seu registro, é como citado já citado no trabalho, e em Candau (2023), que ela desenvolveu uma memória forte, e é significativo que para ela, quando estudante as aulas de humanas, fizeram alguma reflexão sobre o papel da educação em sua vida como futura cidadã. Mas, apesar disso, e é importante ressaltar, que as coisas não foram tão fáceis para aqueles/as que ocuparam a escola pois como ela relata:

No entanto, a jornada não foi isenta de desafios. Enfrentamos oposição e ceticismo, e as demandas práticas da organização e da comunicação exigiam disciplina e habilidades de liderança que ainda estávamos desenvolvendo. Mas cada obstáculo se transformou em uma oportunidade para aplicar os princípios aprendidos, seja a resiliência demonstrada pelos movimentos do passado ou a reflexão filosófica sobre como moldar a sociedade.

Como estamos observando pela escrita do registro dela, as dificuldades foram

principalmente relacionadas à oposição e ao ceticismo. Mas, que isso, e também foi impulso para dar maior organização, e melhorar a comunicação do movimento: transformar os obstáculos em oportunidade. E consciência agora de que se tratava de um processo de formação:

Olhando para trás, vejo que a Primavera Secundarista foi muito mais do que um simples protesto. Foi um momento em que a educação formal se encontrou com a educação da vida, quando os livros de história e as reflexões filosóficas ganharam vida nas ruas e nas salas de aula ocupadas. Foi uma fusão de teoria e prática, de aspirações e ações concretas. Acredito que o conhecimento da história e da filosofia nos ajudaram a entender nosso papel no mundo e a moldar o futuro que desejávamos. Que as lições da Primavera Secundarista e a influência dos conhecimentos adquiridos possam continuar a inspirar a geração atual e as que virão.

O registro da ex-aluna J, foi para nós esclarecermos naquilo que buscamos compreender, a memória produzida a partir da escrita dela, trouxe-nos à tona a sua vivência histórica como líder que ocupou e esteve à frente das/dos outros/as em 2016. Seu olhar em retrospectiva amplia os sentidos do movimento, que extrapola os limites de um simples protesto, na medida em que representa para ela o encontro de algo maior: a fusão entre teoria e prática, entre educação formal e educação da vida. Assim, o conhecimento das disciplinas escolares (história e filosofia) ganha o sentido prático de conectar a compreensão do mundo com o papel que se pode exercer nele como sujeitos/as para moldar o futuro.

Como ela relata em suas memórias da escola, do ensino que receberá, é possível perceber que ela reconhece o papel da escola e da luta em prol da educação, principalmente dados os últimos anos e o ataque à educação. E aqui talvez nos caiba uma breve reflexão, sobre as disciplinas de filosofia e história e seu papel. Almeida Neto (2010, p.29) em seu livro, *Representações Utópicas no Ensino de História*, ao citar Christian Laville, e a guerra de narrativas, afirma o seguinte:

A crença de que através do ensino de História seria possível regular consciências e comportamentos, aglutinar descontentamentos e decepções, catalisar movimentos de transformações, seria, para esse autor, apenas e tão somente uma vã ilusão. No entanto tem mobilizado esforços e paixões.

Almeida Neto (2011) trabalha nesse livro com a ideia de utopia no ensino de História que, segundo o autor, poderá ou não se concretizar. Na educação não podemos, segundo ele, afirmar com certeza, que o ensino de história se dá da maneira como queríamos, no caso, produzir cidadãos críticos. Mas, a estudante J, como vimos, destaca como as aulas de História e Filosofia tiveram um importante papel em sua compreensão do movimento e de forma ampliada seu lugar e papel no mundo. Talvez, nem tudo seja, ao fim

e ao cabo uma vã ilusão, e que sim, também seja possível *aglutinar descontentamentos e decepções, catalisar movimentos de transformação*.

Passamos a outro registro escrito, que contraria essa no quesito da ocupação, gostaríamos de frisar, antes de prosseguir, que aqui no registro escrito, da ex-aluna J, temos uma memória positiva, mas a que traremos agora, já adiantamos de antemão, combate essa memória da ex-aluna. Isso cabe no que Jelin (2014, pág. 9-10) traz sobre a memória quando: a memória tem então um papel altamente significativo como mecanismo cultural para fortalecer o sentimento de pertencimento a grupos e comunidades. Esse pertencimento pode ser mais forte em alguns do que em outros, e cremos que para a ex-aluna J, mediante seu relato, as ocupações tiveram uma conexão mais forte e uma memória sua, diferente da memória que descrevemos na sequência. A secretária do colégio Desembargador Cunha Pereira, que vamos denominar de S. começa seu registro escrito com estas palavras:

No ano de 2016 no Colégio Estadual Desembargador Cunha Pereira-EFM, eu Rosângela estava na função de secretária da escola e no mês de outubro houve uma OCUPAÇÃO dos alunos, a princípio alunos do Grêmio Estudantil e logo alunos de séries/anos diversos também ocuparam a escola. A princípio os alunos estavam reivindicando a questão de algumas disciplinas de humanas que seria retirada da grade curricular dos mesmos e também uma lei MP 746.

Ela usa a palavra ocupação em caixa alta, talvez querendo denotar algo, o que já aparece em princípio, na sua escrita, e ou, nas suas palavras percebe-se que ela também sabe o porquê, do ocorrido, ou demonstra saber, o porquê dos/as estudantes terem ocupado a escola, como ela põe: *a princípio os alunos estavam reivindicando a questão de algumas disciplinas de humanas que seria retirada da grade curricular dos mesmos e também uma lei MP 746*.

Essa noção de causa-efeito corrobora num primeiro momento, que sua memória da ocupação é ainda, mesmo anos depois marcante e forte, como já citamos a partir de Candau, julgamos pelos detalhes que ela traz por si só, que ela fez uma memória forte da ocupação. Ou ainda, pela sua percepção do movimento. E talvez diferente daquilo que pensava, à época como nos coloca Candau (p. 73, 2023) em que: esse ato de memória nunca é uma reprodução pura do acontecimento ausente, mas, em sua forma mais acabada, uma construção que exige a participação das funções psicológicas mais elevadas, ela ainda possa mudar e trazer outras coisas de suas memórias, caso escreva. A secretária, S. produziu seu registro escrito, como já trouxemos, exercendo sua reflexão a partir das palavras e de sua memória sobre essa ocupação, com um ponto de vista diferente, quando relata que:

Eu como funcionária e secretária da escola tive muita dificuldade de trabalhar

pois as vezes os órgãos como NRE solicitava algum documento, histórico ou alguma situação que estava precisando resolver da prestação de conta ou assuntos adversos, e eu com o diretor éramos barrados na entrada,

Assim é que o/a historiador/a pode usar essa fonte e as interpretar sem tirar, ou e ou, por mais ou menos brilho naquilo que se produziu. As memórias da secretária, S. como estamos percebendo são fontes e de grande importância, pelos detalhes que ela traz, como a MP 476, dentre outras coisas, mas ela destaca e nos parece uma certa negativa ao movimento, e se compararmos aos outros relatos, o dela é o que demonstra o quanto, não ficou muito satisfeita. Porém não estamos descartando o seu relato, pois ela a princípio já conseguiu resgatar muito daquilo que ela vivenciou ao escrever sobre, as ocupações, bem como nas suas palavras abaixo em que:

Um grupo de alunos responsáveis pela ocupação tiveram uma conversa com o diretor da época, que era o Marlon, e ficou resolvido que a escola seria desocupada por todos os profissionais (professores, funcionários) amigavelmente. Lembro que os alunos se organizavam nas salas com colchão, fogão, geladeira e ficavam se revezando. Também faziam trabalhos diferenciados no refeitório como palestras, discussões com outros alunos que vinham até a escola sobre assuntos políticos e relacionados ao que estavam lutando.

Essa palavra que ela usa amigavelmente corrobora com a ideia do professor P. citado acima, em que o mesmo usou-a em outro sentido, mas destaca que a ideia de que a violência na ocupação nem sequer existiu, essa percepção, do que estava acontecendo ali, a visão da secretária S. bem como do professor P. infelizmente não seria capaz de mudar a opinião alheia, pois a mídia, como vimos não estava ao lado do movimento. Sua percepção da ocupação também corrobora com outros/as em que:

Também faziam trabalhos diferenciados no refeitório como palestras, discussões com outros alunos que vinham até a escola sobre assuntos políticos e relacionados ao que estavam lutando.

Na sua escrita ela traz não uma única memória, mas que compartilha a outras memórias, pois esta é individual, mas também coletiva, e é no papel, na escrita que se vê muitas vezes, o revelou-se aos/às outros como a si mesma, algo que pensava sobre a ocupação. Ela como os demais percebeu a ocupação por si só, vejamos que além das oficinas, das palestras, os/as estudantes segundo ela discutiam política. também em seu relato ela descreve como se sentiu, bem como ela reviveu, isso é importante pois os sentimentos fazem parte da memória, e ao escrever sobre, como são seus sentimentos, ela resgata memórias como nesse momento:

Eu como funcionária e secretária da escola tive muita dificuldade de trabalhar pois as vezes os órgãos como NRE solicitava algum documento, histórico ou alguma situação que estava precisando resolver da prestação de conta ou assuntos adversos, e eu com o diretor éramos barrados na entrada, as vezes a Guarda Municipal se deslocava até a escola para amenizar e acompanhar nossa entrada dentro da escola no setor da secretaria.

Suas palavras trouxeram reflexões, bem como ela viu a ocupação, entre outros relatos, isso nos deixa perceber que o governo pressionava, não só o diretor, mas às escondidas, mas no caso dela uma trabalhadora, exercendo papel burocrático deveria cumprir sua tarefa. talvez sua negativa primeira impressão da ocupação. Tencionamos que se fosse uma greve geral na escola, ela estaria sendo levada a furar o movimento, no caso das ocupações, essas pessoas são obrigadas pela pressão da ordem estatal, a serem ordeiras, e estão ali, para fazer o que se deve. No caso específico dela, sendo a secretária da escola, o burocrático não podia parar e isto estava acima das reivindicações estudantis. Finalizando o seu relato escrito ela revela:

Entendo que naquela situação realmente alguns alunos estavam lutando por causas maiores e pelos direitos dos mesmos, principalmente a continuidade das disciplinas que auxiliavam na formação de pessoas pensadoras. Porém também conseguimos identificar que teve uma minoria de alunos que usaram a ocupação como baderna, por exemplo alunos que não estavam frequentando diariamente as aulas, mas frequentavam todos os dias a OCUPAÇÃO só para desordem, onde isso acabou enfraquecendo o movimento. Não lembro exatamente, mas durou uns 15 dias, e com pressão policial e da SEED os alunos desocuparam a escola deixando tudo limpo e organizado.

Vejamos uma menção moral, ou uma denúncia, que em outros relatos não veio à tona, acerca do movimento, a sua percepção da ocupação de que uma parte dos/as estudantes iam lá só para a desordem, em que segundo ela acabou enfraquecendo o movimento. Reparamos também que ela usa a palavra baderna, para se referir a uns/umas que estavam na ocupação, como uma denúncia, de apesar de lutarem por seus direitos, também ela usa a palavra desordem e é claro, usa novamente a palavra ocupação em caixa alta, pois nas palavras dela, há uma certa dubiedade, dentro do movimento, compreendemos que ela por vezes apoiava, quando diz que o movimento era justo, mas em outras vezes usa palavras como baderna para se referir ao movimento como desordem. Assim ela reconhece a luta por direitos dos/das estudantes, porém acredita que a desordem foi o motivo que fracassou o movimento, bem como as pressões da polícia e da SEED. Antes de avançarmos para outro relato escrito, gostaríamos de refletir brevemente sobre essa questão do ensino de História, pois nos parece que há aqui um fator de representação e até geracional, visto que a secretária, S. tinha teve uma representação do movimento que percebe-se em linhas gerais não foi favorável a ele, mas e se, comparado ao da ex-aluna J. e líder da ocupação, bem como da maioria dos relatos, pode-se notar o contrário, ou seja, a maioria foi favorável ao movimento inclusive ajudando, como nos relatos de professores e estudantes pudemos observar. E isso trará uma memória, própria e única de como cada um/a, viu-se no movimento, e como reflete Simpício (p. 59, 2011) ao tratar da memória e

ensino de história e representações:

O caráter dessas inevitáveis distorções da memória manifesta-se como uma trama de variáveis que estão envolvidas no ato de lembrar, selecionar, valorar, analisar, atribuir significado, ressignificar, representar o passado agora filtrado pelo presente. A memória se apresenta como uma representação que se sobrepõe às representações do período rememorado, constituindo-se como sucessivas relações de presença/ ausência que resistem ao tempo.

Nessas condições o aprendizado de História para a ex-aluna J. bem como a memória e sua representação de uma geração, para outra, interfere no que se pensa, bem como sua vivência, e mais, em suas memórias armazenadas, o que não são iguais, mesmo se tratando de uma mesma situação, no caso a ocupação do colégio Des. Cunha Pereira, lembrando que uma era estudante à época, e a outra trabalhadora, os pesos por si só já são diferentes. Só uma observação antes de avançarmos, vamos transpor relatos de diferentes posições, na medida do possível, para que possamos compreender melhor as ocupações e trazer os pontos de vista, se contrários e ou congruentes em suas memórias por elas mesmas. Passamos ao relato escrito do professor A. de geografia em que reflete, no início de sua escrita sobre as ocupações:

No ano de 2016 eu trabalhava na rede no Colégio Anita Canet e também na rede particular no Colégio Acesso acompanhei as manifestações ocorridas naquele ano, tanto que no Colégio onde eu trabalhava houve ocupação pacífica por parte alunos, muitos professores se mobilizaram para ajudar os estudantes, principalmente para não perder o ano letivo como dar aula no meio do pátio da escola reunindo dezenas de alunos, ou simplesmente com alimentação no meu caso...

O professor P. usou uma palavra que vem se repetindo em outras memórias, pacífica, vemos que a ocupação, aqui em seu relato é de outra escola, não mais o Des. Cunha Pereira, mas esse colégio que ele cita está próximo, ou seja, fica também na Fazenda Rio Grande, sua memória como de outros/as foi que o movimento se realizou de maneira pacífica, por parte dos/das estudantes, então podemos chegar a uma conclusão básica, a maioria dos relatos traz que as ocupações foram até aqui tranquilas. Sua memória escrita também como de outros/as mostra uma ajuda mútua entre docentes e discentes, em que ele diz que muitos *professores se mobilizaram para ajudar os estudantes* nas ocupações. Isso potencializa o que se escrevera em outros relatos. Também segundo, e nas palavras dele, podemos perceber que havia professores dentro das ocupações, *para não perder o ano letivo como dar aula no meio do pátio da escola*, isso demonstra uma boa relação, e comunhão de objetivos, apesar de os/as professores/as não poderem demonstrar apoio explícito. Aviso o leitor/a que o Anita Canet, é uma escola de pequeno porte situada na região metropolitana de Curitiba, em Fazenda Rio Grande, e que assim como Curitiba,

sendo essa a capital, teve inúmeras escolas ocupadas, mas muitas vezes não aparecia na mídia comercial. O professor P. como trazemos abaixo também descreve que a:

Reforma do Ensino Médio proposta pelo governo do então presidente Michel Temer, tentando tornar o Ensino Médio mais flexível, alinhado a demanda de mercado e sociedade, só piorou as condições de escolarização e com o objetivo de aprofundar o aluno em uma determinada área de conhecimento, para ele se qualificar profissionalmente e desenvolver o empreendedorismo, transformando o aluno em mão de obra barata para futuras gerações, deixando de lado aquele sonho de entrar numa faculdade, não houve debate com a sociedade sobre essa mudança imposta pelo governo simplesmente ela tomou forma e hoje está demonstrando a sua ineficácia.

O professor não cita a palavra neoliberalismo, mas quando relata: *alinhado à demanda de mercado e sociedade*, traz em pauta reflexões acerca do tema, e demonstra discernimento do que a reforma iria gerar para o futuro dos/as estudantes, pois segundo ele estaria transformando *o aluno em mão de obra barata para futuras gerações*. Como perceber-se os relatos estão sempre, ou na maioria das vezes, em sintonia, conversando entre eles, aqui a exemplo no relato dele, a uma grande noção, como a da secretária S. da maldade embutida na reforma de não priorizar algumas disciplinas alinhando a educação, no caso Ensino Médio para o mercado.

E como dissemos acima, vamos revezar os relatos para entender as dinâmicas. Traremos agora o registro escrito de uma outra ex-aluna e participante da ocupação do colégio Desembargador Cunha Pereira, a E. que descreve sobre suas memórias desta maneira:

Venho compartilhar minha experiência com as ocupações promovidas por secundaristas em 2016, o ano da Primavera Estudantil. Ano em que, uniu-se uma grande quantidade de estudantes com o objetivo de impedir o sucateamento da educação pública.

Vemos nestas palavras que a ex-aluna demonstra certo alinhamento com os movimentos estudantis, pois ela usa uma palavra a Primavera Estudantil, e faz referência um pouco antes aos/as secundaristas, isso por si só, traz uma ideia, ou noção básica, de que muitos/as dos/as estudantes, e no caso dela, fizeram uma breve reflexão sobre a ocupação, principalmente quando diz sobre o objetivo de impedir o sucateamento da educação. Isso demonstra que ela estava compreendendo o que ocorrera. Também nas palavras dela, temos que os acontecimentos ocorridos em 2016:

Nessa época encerrava-se meu 6º ano do ensino fundamental no Colégio Estadual Desembargador Cunha Pereira, e sem dúvidas participar desse ato foi um momento de grande impacto em minha perspectiva de futuro.

A palavra que ela usa, *grande impacto*, *demonstra* uma memória forte, bem como uma análise do passado-presente. Nas palavras, ou na perspectiva de futuro, que ela coloca,

teríamos uma relação histórica, como reflete, Jelin (2002, pág. 12): *as experiências também são moldadas pelo horizonte de expectativas, que se refere a uma temporalidade futura, e como ela se vê no passado e no tempo futuro*, a ex-aluna E. produz em si, supomos, para si, uma temporalidade, em que se reflete uma memória, a da ação do passado, e a partir da escrita de si, lembrando dessa maneira os fatos de dentro da escola, no caso dela, da ocupação, fazendo uma relação de passado-presente, em que ela mesma diz:

No caminho da busca por nossos direitos, haviam debates sobre a importância de movimentos (anteriores e atuais) e como influenciavam a sociedade, trazendo abordagens históricas e filosóficas a fim de estimular a sede por democracia e enriquecer o conhecimento e argumentos dos estudantes ali presentes.

Vejamos que ela cita a importância dos movimentos antes e atuais, e os debates, ocorridos em que não diretamente, mas indiretamente, a história e a filosofia. Ela continua suas memórias escritas, em que pese:

Apesar de uma jornada minada de desafios, as ocupações foram uma forma de demonstrar o interesse dos estudantes na política e como ela influencia na vida de cada um. A colaboração mútua para alimentação, limpeza, organização no geral, mostra a força que uma união social faz, transformando mentes e mudando futuros.

A palavra e memória dela sobre a colaboração aqui conversa com outras memórias como a da aluna A.C, em que citou a colaboração dos velhos e bons professores no caso da ex-aluna E. são os/as estudantes, mas isso remete segundo ela, *uma força*, algo que está atrelado ao social, como traz Jelin (2002 pág. 13) ao trabalhar a questão da memória dentro do âmbito social em que: *experiência incorpora vivências próprias mas também de outros que tenha sido transmitido*. Isso se dá quando ela coloca que: *transformando mentes e mudando futuros*. Percebemos então que segundo ela, as experiências passadas, transforma e são incorporadas a outras. Vemos que a participação da ex-aluna E na ocupação do Des. Cunha Pereira, fez com que tivesse uma experiência única, e trouxe a ela uma prática social, pois nas suas palavras: *as ocupações foram uma forma de demonstrar o interesse dos estudantes na política e como ela influencia na vida de cada um*. E ao final de sua escrita-memória E. descreve que:

Anos se passaram e a forma como me recordo desse momento, é de fato, com orgulho de ter feito parte. Uma época inspiradora e que moldou pensamentos que me acompanham até hoje, esse movimento impactou positivamente no meu processo de socialização política e me ajudou a compreender fases da vida, espero que outros tenham essa visão, inspirando-os a sempre ter força e união.

Nas suas memórias, como estamos percebendo, ela diz que a ocupação moldou seus pensamentos, lembramos que as memórias são feitas de esquecimento e resgate, de

algumas escolhas conscientes e outras não tão conscientes e que talvez, as marcas de suas memórias afetivas, no caso dela, uma aluna do sexto ano a época, daquilo que ela vivenciou, está ainda muito vivo para ela. Passamos agora ao relato escrito da professora A. em que descreve sua participação e traz suas memórias da ocupação de 2016:

O ano de 2015 havia sido um ano agitado para a classe de professores no Estado do Paraná, a truculência do governo e a repressão policial do dia 29 de Abril, marcariam a história dos professores, estudantes e pais. A greve que sucedeu esse episódio teve um apoio da comunidade que nós professores não esperávamos, e a força da classe desde as bases acadêmicas até os aposentados, foi de uma realização ímpar em nossa história. Não é possível pensar as ocupações sem voltar a esse episódio, digo isso, pois os estudantes ao verem a luta dos seus professores, ao apoiarem uma das maiores greves da história (se não a maior) e verem ressurgir a escola como espaço democrático, sentiram que poderiam também marcar essa história.

Ao escrever seu relato, a professora A. diz que não é possível pensar as ocupações de 2016, sem antes avaliar como o governo, no caso, paranaense em 2015 agia, agiu, bem como era seu modus operante diante das manifestações, referente a educação, que nas palavras dela: *a esse episódio, digo isso, pois os estudantes ao verem a luta dos seus professores*. Temos que ela está se referindo aos professores que antes das ocupações bem como os/as estudantes lutaram pela educação, e ambos os casos, seriam reprimidos/as dentro de suas escolhas. Só para situar o leitor, as greves e protestos, ocorriam na educação já desde anos anteriores, isso é referentes às pautas neoliberais, outrora educadores/as, mas agora em 2016 os/as estudantes, então o relato dela resgata uma outra memória da educação, no caso ela coloca essa como importante para pensar 2016. Como ela continua:

O ano de 2015 havia sido um ano agitado para a classe de professores no Estado do Paraná, a truculência do governo e a repressão policial do dia 29 de Abril, marcariam a história dos professores, estudantes e pais.

Como percebemos pelas memórias da professora A. estão fortes, e tem-se nas suas palavras uma relação entre os dois movimentos, um em que ela era professora, e outro que vendo as ocupações de 2016, parece estar ligada aos acontecimentos. Pois ainda segundo ela:

Entra o ano de 2016 com um debate muito presente sobre políticas da educação e uma certa ansiedade dos estudantes por assuntos que entravam seus espaços através das mídias, era o ano que aconteceria um dos principais golpes da nossa democracia, a educação sabia que estaria no centro desse furacão, e lá estávamos nós, linhas de frente defendendo e passando aos nossos alunos um espírito de não nos calarão. Sem esses fatos, as ocupações não seriam tão grandiosas.

Em suas memórias, podemos perceber, pelas suas palavras, que a professora A. usava o espaço da sua aula para produzir debates, acerca do tema educação e política, como ela descreve: *a educação sabia que estaria no centro desse furacão, e lá estávamos nós, linhas de frente defendendo e passando aos nossos alunos um espírito de “não nos calarão”*. Percebe-se ainda que a professora usava desse espaço na sua disciplina, e que os

temas política e educação estavam ligados a sua leitura, bem como os estudantes entravam nesse espaço pela mídia, ou seja, buscavam estar atentos/as. Porém a professora, ao que nos parece queria ir além de apenas estar em sala, discutindo como ela descreve:

Começo a perceber a agitação dos estudantes quando chamam uma primeira assembleia estudantil na escola onde eu trabalhava em São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba. Alguns estudantes do Colégio Estadual do Paraná iriam comparecer, traziam uma espécie de movimento unificado de escolas públicas. Meu coração batia a mil por hora, sentia um imenso orgulho em ver os estudantes se organizando e se mobilizando uns aos outros. Não foi consultado, nenhum professor foi, a direção muito menos, me parecia ser um acordo que vinha de uma cúpula, fiquei sabendo nos corredores e como quem não quer nada assistir da arquibancada.

A questão emocional é um fator muito importante para fixar as memórias, e vemos isso quando ela descreve que: *Meu coração batia a mil por hora, sentia um imenso orgulho em ver os estudantes se organizando e se mobilizando uns aos outros*. Seu relato demonstra ainda um certo engajamento a princípio nas ocupações, visto que: *fiquei sabendo nos corredores e como quem não quer nada assisti da arquibancada*. Isso demonstra que ela queria estar lá, ouvir, se inteirar sobre a ocupação. Para além disso, como vemos em seu relato havia uma espécie de conexão entre escolas, quando se diz que: *alguns estudantes do Colégio Estadual do Paraná iriam comparecer*. O que representa que havia relação entre os/as estudantes fora da escola. E no caso do relato podemos assim determinar que na História, no caso de um relato escrito, ele é de uma relevante importância por que há no resgate, do acontecido, algo político, entre os/as estudantes da ocupação, e ainda teríamos como reflete MENDES (2019, pág. 207) ao falar do testemunho que:

O testemunho, além do seu aspecto de memória declarativa – eu estive lá! – também apresenta a possibilidade de arquivamento até ser erigido em prova documental. A disponibilidade de a testemunha retificar sua declaração permite que o testemunho seja tomado por escrito, inscrito em um arquivo, que o abrigará como um vestígio.

O registro escrito dela, bem como de outros/as que aqui estamos analisando sobre as ocupações, e suas memórias parecem e nos trazem uma reflexão atual de como se fosse hoje, ou estivesse acontecendo as ocupações, é como se ela descrevesse um fato perto de nosso olhar, bem como dando uma real situação da sua vivência a posteriori, suas lembranças parecem vivas como ela descreve:

No dia marcado, bateram nas salas de aula e pediram para que os colegas pegassem suas cadeiras e fossem a quadra da escola, era período noturno e muitos de outros períodos estavam lá, ainda não haviam pais envolvidos e a maioria dos professores preferiu ir para sala dos professores, mexer no celular, algo assim. Mas eu fiquei de longe, ouvindo e admirando, sentiram que poderiam confiar em mim. Alguns dias seguiram e o debate aconteceu dentro e fora de sala, aconteceu de uma maneira diferente na mídia, então em casa eles não sabiam o que dizer sobre a reforma do Ensino Médio, então dissemos que precisavam estudar. Fizemos leitura da MP, falamos sobre Escola sem Partido, descrevemos o que era o Todos pela Educação foi uma semana agitada.

É importante notar que, segundo suas palavras: *a maioria dos professores preferiu ir para sala dos professores, mexer no celular, algo assim*. Essa lembrança coloca para ela talvez as emoções das mais profundas, e das quais ela sentiu naquele momento sobre a participação, ou a não, dos educadores/as na ocupação, visto que ela sendo uma educadora, vivenciou isso, porém sua memória contraria muitas outras, que aqui até agora expomos, pois os/as professores participaram, como podiam, e ela traz pontos importantes, que segundo aqui vimos, é que havia, ou houve, muita parceria entre professores e estudantes, no caso dela, e outros/as, mesmo que às escondidas, dado que haveria futuramente as penalidades governamentais aos/as que participaram, sendo bem mais pesadas aos/as professores/as. Porém como vimos até aqui, as memórias são de cada um/a e traz consigo o que cada um/a vivenciou, mas nos permite também ter um leque, de posições, de visões, do que foram as ocupações de maneira geral, a professora rememora, bem como outras, a sua visão da ocupação, e reflete, e bem, nos lega, o acontecido historicamente dizendo de 2016. E como segundo estamos compreendendo, nos parece que ela queria estar dentro da ocupação, e por escolha, não por força como ela relata: *Mas eu fiquei de longe, ouvindo e admirando, sentiram que poderiam confiar em mim*. Sentiram que podiam confiar, no caso os/as estudantes, isso porque, como já trouxemos em outros relatos, nem todos/as eram a favor das ocupações, e havia gente contra eles/as. Também é importante trazer o fato de que em nenhum momento outros/as em seus relatos descrevem ou falam que os/as estudantes, juntamente com professores/as faziam a leitura *da MP, falamos sobre Escola sem Partido*, descrevemos o que era o “*Todos pela Educação*” foi uma semana agitada. Isso se dava em razão de que alguns estudantes das escolas tinham um desconhecimento do que era o movimento, visto que foi algo inédito em nossa educação. Como ela descreve:

Muitos colegas estavam em choque, chamaram a polícia, os pais não estavam entendendo nada, começaram a chegar as informações que outras escolas estavam passando pela mesma situação. Foi o melhor dia da minha vida como professora.

Percebe-se em seu relato que segundo ela: os colegas *chamaram a polícia*, e ao analisarmos melhor a sua escrita, percebemos que o clima dessa escola estava conturbado, bem diferente de outras escolas e de relatos que trouxemos antes, mais propriamente do Des. Cunha Pereira. E ainda avançando suas memórias estão carregadas, como estamos verificando, há muita emoção, pois segundo ela diz: *foi o melhor dia da minha vida como professora*. Também não podemos esquecer que das suas memórias vem aquilo que ela vivenciou, ou o que ela por si põe no papel, reflete-se assim tudo que ela acredita ter lembrado, mas que isso ela nós dá detalhes imprescindíveis como esses:

Até que em uma manhã os primeiros alunos colocaram um cadeado no portão que dava acesso às salas de aula, colocaram TNT nos vidros da sala dos professores para que não tivéssemos acesso ao que eles estavam fazendo, pensei: começou a revolução! Rsrsr...

Então como se pode perceber os/as estudantes tinham agido e agora a escola estava tomada, inclusive como ela coloca, tomaram a sala dos professores, muitos/as desses/as que antes parecia estar sem apoiar o movimento agora, pareciam ajudar pois:

Nesse dia começaram a ser criados os grupos de whatsapp de professores que apoiavam as ocupações, alguns alunos criaram grupos de apoio com os adultos, mas no começo estava tudo muito misterioso e nada silencioso, até então o barulho estava dentro da escola.

Interessante notar que nas suas memórias iniciais não vem a ideia de ajuda mútua, de professores/as para com os/as estudantes, e agora mesmo que indiretamente isso acontece, talvez por que os professores/as precisavam saber como ia se dar a ocupação, essa como estamos entendendo difere das outras que vimos, que é quando os/as estudantes comunicaram a direção e assim o fez, porém as coisas começam a se realizar como ela diz em que, e isso não foi diferente de outras ocupações:

Nos primeiros dias começamos a receber muitas mensagens dos alunos pedindo comida, água, gás e foi assim que alguns professores começaram a ter acesso à escola.

Agora segundo ela com ocupação ocorrida de fato, e nas suas memórias, pode-se perceber que havia um pedido de ajuda aos/as professores/as por parte dos/das estudantes como houve em outras ocupações, teve-se uma cooperação, isso se porque estes primeiros (educadores/as) não podiam participar diretamente das ocupações, dado que o governo poderia até dar sanções, e exonerar em última instância. Porém e apesar disso, não como regra, mas muitos/as professores/as estavam indiretamente ligados, como a própria professora nos põe em suas memórias, alguns começaram a ter acesso a escola. Isso confere não só uma memória aos/as estudantes dentro do movimento, mas as próprias pessoas ligadas a ele, e a memória, em que segundo GAGNEBIN (2006, pág.87):

Na história, na educação, na filosofia, na psicologia o cuidado com a memória fez dela não só um objeto de estudo, mas também uma tarefa ética: nosso dever consistiria em preservar a memória, em salvar o desaparecido, o passado, em resgatar, como se diz, tradições, vidas, falas e imagens.

Ora preservar a memória, como a dela e de muitos/as outras aqui não é tão fácil, mas deveríamos assim fazer, ou seja, ter um cuidado com memória, é legar às novas gerações oportunidades de conhecer o passado, ou seja, é uma tarefa ética, e trazer luz sobre do acontecido para o presente no passado confere a história quase uma obrigação. E vejamos ainda que segundo o relato da professora A. e da escola que fora ocupada, em

2016, pode-se fazer parte da memória e da história da própria escola, e assim poderíamos usar essa memória, para combater as narrativas, *fakes*, que talvez a internet trouxesse como se as ocupações tivessem sido coisa de gente sem noção, de baderneiros/as, arruaceiros/as, pois segunda ainda a professora:

Quando comecei a ter a oportunidade de entrar nas ocupações, conseguia perceber que uma experiência de autogestão era muito presente, eles se organizavam para tarefas simples do dia como cozinhar, limpar o banheiro, organizar os turnos...

Como se percebe, no relato dela, a palavra autogestão demonstra como em outros uma organização, e pela sua ótica, essa palavra autogestão, quer dizer que havia uma organização, de tarefas, mas que combate, o que a mídia apregoava, coisas como cozinhar, limpar banheiro, partia dos/das estudantes, e como vemos cuidaram do espaço escolar como se estivessem nas aulas. Ainda sobre a organização ela continua:

Eles faziam oficinas, debates, convidavam pessoas, migravam para outras escolas para dar apoio, levar o que sobrava, bater papo, faziam encontros nas escolas centrais com faixas, gritos de ordem e ajudavam a divulgar para as pessoas qual era a finalidade das escolas estarem ocupadas.

A memória dela posta na escrita, nos lega muito do acontecido, mas a palavra migravam nos interessa em maior teor, pois isso demonstra que havia para além de uma autogestão do cotidiano, uma ligação com outras ocupações, o que no seu relato demonstra, o que já dissemos em outros momentos a questão da horizontalidade, pois que, entre as ocupações também não havia uma liderança partidária, o que ela confirma já foi dito em outros relatos, mas traz novamente a comunhão de escolas em prol da educação. E também reflete que a escola apesar de ocupada, era o local de aprendizado, para fora dela, como ela coloca nessa parte: *ajudavam a divulgar para as pessoas qual era a finalidade das escolas estarem ocupadas*. Ou seja, importante ressaltar, que essa questão das ocupações expõe algo para além dela, pois segundo ela, os/as estudantes se preocupavam ao que pensavam referente às ocupações, por isso a organização de coisas como a limpeza e conservação da escola, para dar a população visibilidade, mas não só, pois havia debates, e muitos/as deles/as e ainda iam para a rua informar a população, ou seja, trazer a versão deles para o entendimento a outras pessoas. Isso inclusive depois lhes deu apoio com a comunidade escolar pois esta passou em parte a ajudar, como ela ressalta que:

Começaram a se envolver mais com os professores quando precisavam de suporte para manter as ocupações, principalmente nos contatos com os advogados, MP, sindicatos e partidos, haviam redes de apoio gigantes em volta do que estava acontecendo. E isso era extremamente importante e reconfortante para os pais que apoiavam o movimento.

Isso reflete que, como ela diz, foi importante e reconfortante aos pais, também se percebe fortalecia o movimento pois esse começou a ter adesão de outros/as partes, como os advogados, que poderiam auxiliar as questões de uma possível negativa do governo contra a ocupação. Mas se parte da sociedade estava ajudando, como ela escreve, outras situações dentro das ocupações movimentaram, também as escolas ocupadas, como ela relata que:

Em uma das escolas em que eu trabalhava (trabalhava em 3 e todas estavam ocupadas) tivemos um episódio extremamente perigoso, ali marcou um momento de declínio da força das ocupações perante os pais e comunidade. O fato aconteceu em uma noite, a escola foi invadida por homens com touca no rosto, colocaram alguns estudantes de joelhos e roubaram alguns celulares, falaram que estavam badernando e que se continuassem ali poderiam sofrer algum tipo de violência, foram ameaçados.

As lembranças da professora trazem à tona, coisas boas, emoções fortes, muitas nuances importantes das ocupações, mas também são permeadas por coisas não muito boas, uma coisa boa seria a ajuda dos/as professores/as e ou a tomada de decisão em ocupar a escola por parte dos/das estudantes, segundo ela, mas outras ruins acabaram infelizmente sendo permeadas e trouxeram questões negativas ao movimento como ela cita quando houve esse assalto, *em que homens encapuzados entraram na escola e assaltaram os/as estudantes*, infelizmente isso redundou uma negatividade para as ocupações, que sabemos tiveram altos e baixos, e inclusive para além da violência retratada por ela, as ocupações sofreram outras violências. O que redundou como ela destaca que:

Muitos pais não deixaram mais os filhos irem, alguns professores temendo o desfecho também passaram a questionar a permanência. O movimento enfraquecia em todo o Estado.

Vejamos que o assalto trouxe e redundou foi que medo e pânico, tomaram o lugar da esperança, e segundo ela, então os responsáveis temendo isso não deixaram mais seus filhos irem, pousar na escola, para além disso ainda alguns professores que talvez apoiassem o movimento, como ela coloca, começaram a se questionar, se o que defendiam era justo. Também porque, e apesar disso, houve outros episódios que estavam sendo jogados na mídia constantemente, ao que ela foi percebendo ao passar dos dias, como ela escreve que:

Alguns episódios de abuso de drogas, relações sexuais, violências... eram um prato cheio para a mídia e para os movimentos antiocupações que batiam de frente todos os dias em debates e brigas que aconteciam aos arredores da escola. Eu mesma recebia mensagens anônimas de alunos do MBL, de pais desejando que eu perdesse meu emprego, de outros professores preocupados em eu estar me prejudicando ao prestar apoio.

Como se percebe, ela também sofreu grande perseguição, isso quando diz que

recebia mensagens anônimas, nessa passagem de seu registro escrito ela demonstra preocupação, pois como ela coloca, poderia perder o emprego, segundo pois as pessoas a sua volta diziam que ela estava se auto prejudicando. Porém como ela mesma disse que, apesar das ameaças:

Mantive-me firme com meus alunos até que eles decidiram desocupar, a porta da nossa escola estava um grande grupo de pais gritando para que saíssem, movimentos sociais defendendo a integridade dos estudantes, policiais e o oficial de justiça com documento de reintegração de posse. Eu estava dentro da escola com meus alunos, eles choravam muito por desistir, recebíamos mensagens das escolas que estavam também com reintegração de posse, algumas já estavam desocupadas, e os advogados pela democracia orientavam a desocupação. Nesse momento os abracei, agradei a cada um deles pela chance de poder estar ali junto a eles e desejei um futuro grandioso. Eram uns 10 alunos que saíram muito tristes e com olhar de derrota.

Ela como relata esteve lá até o fim: *eu estava dentro da escola com meus alunos, eles choravam muito por desistir, recebíamos mensagens das escolas que estavam também com reintegração de posse*. Esse relato da professora A. nos traz, como o leitor já percebeu algo bem diferente, no caso dela, ocupou a escola juntamente com os/as estudantes, talvez por isso sua intensa memória emocional, e pensar nessa memória da professora, nos reflete que as ocupações muitas, no caso da que ela participou, tiveram o mesmo fim, mas como ela relata, lutaram até o fim, contra tudo e contra todos, pois: *a porta da nossa escola estava um grande grupo de pais gritando para que saíssem*. Essas pessoas gritando para que eles/elas desocupassem, representavam a sociedade? Difícil saber exatamente, pois como ela coloca em alguma outra parte de seu relato havia o MBL, estes/estas poderiam como fizeram se infiltrar entre os transeuntes, mas suas palavras denotam que estavam contra as ocupações, pois protestavam com veemência, e sem contar como ela retrata, isso tudo também ainda tiveram que lidar com as forças do governo, que era representada pelos policiais *e o oficial de justiça com documento de reintegração de posse*. Ora segundo, estamos refletindo a partir do relato escrito da professora A. não foi fácil viver nesses dias nessa ocupação, pois os/as adolescentes, ao contrário de outras ocupações não tiveram a chance de diálogo, qualquer que seja, e pela sua memória ao contrário de outras, como já trouxemos, e que consideramos foram boas experiências, essa escola fora ocupada, e desde o início teve muitas vivências ruins, a começar pelo assalto e pela não compreensão por parte da comunidade escolar. E se fizéssemos uma relação das ocupações de 2016, com as de São Paulo, em 2013, podemos dizer que o êxito dessa última foi o forte apoio popular, o que não houve segundo o relato da professora A. em 2016, claro sem desmerecer os/as estudantes paulistas, porém sem ajuda os/as adolescentes não conseguem. E assim essas ocupações sem a devida força e apoio popular estavam a findar principalmente por quê:

Os mais engajados das outras escolas foram convidados a se juntar, era comum que acontecessem muitos conflitos na frente dessas escolas, por incentivo dos grupos do MBL, mídias locais, vizinhos, denúncias e muitas calúnias

aconteceram. Conforme as aulas voltavam nas escolas, a pressão aumentava.

Vejamos que ela cita novamente o MBL (Movimento Brasil Livre), esse grupo era de direita e em linhas gerais eram contra qualquer agremiação estudantil, pois acreditavam que a política ali nas ocupações eram puxadas e mantidas pela esquerda, porém como já se viu em outros relatos, não havia nenhum partido, e ou, foi citado pelas escritas, o que ela relata sobre o MBL, que este estavam sempre tumultuando as escolas ocupadas, é uma visão dela, mas que bem sabemos corroborava com outras visões. Dessa maneira as escolas que passaram dias sendo ocupadas, agora passam a ser desocupadas, muitas delas como a que a professora relata a força, e isso ainda nas memórias dela: *A última escola a desocupar no Paraná foi em São José dos Pinhais, a escola onde eu estudei meu ensino médio*. Ela descreve que esta escola a ser a última desocupada foi a que ela estudou, essa memória da escola deve estar forte para ela, visto que ela é professora na atualidade, e participante ativa do movimento, e que também, ali estudou, e talvez isso trouxe a ela uma memória afetiva profunda. Por ora, assim finaliza seu registro escrito em que trata da *truculência da polícia e o uso dos instrumentos de força e coerção usados pelo Estado*.

O reconhecimento em sua escrita, e do que houve, no caso a violência policial e a força do Estado refletem como ela tem, ou traz na sua memória, os dias da ocupação. Essa memória de 2016, em que as escolas foram ocupadas, não seria apagada tão fácil, e pelo Brasil como um todo nesse ano, a violência estatal foi uma marca na reintegração de posse. Dessa forma, finalizamos o relato da professora A. e acreditamos que possamos compreender, pelas suas palavras e memórias, as ocupações secundaristas de 2016, ou a realidade vivida pelos/pelas estudantes, bem como professores/as oculares como ela, de uma determinada escola, e pelos seus relatos escritos, e é possível conhecer as suas memórias bem como as suas lutas e lembranças, que possuíam, cada um/a claro nas suas especificidades, no caso dela que ocupou com os/as estudantes a escola. Porém há pontos em comum, naquilo que vivenciaram nesse espaço (escola). Como percebemos nesse relato na sua memória da ocupação, de um dos inúmeros colégios de São José dos Pinhais, a professora A. teve uma experiência ímpar e bastante enriquecedora, em 2016, que segundo suas palavras, foi uma experiência e tanto, para ela, e nós compreendemos muito a partir de sua escrita como se deu a ocupação em que ela presenciou. Passamos agora a outra memória escrita, a do ex-aluno L.S. que participou da ocupação do Instituto Federal do Paraná, situado em Colombo. Ressaltamos novamente que estamos buscando intercalar os relatos para que possamos ter uma melhor compreensão das ocupações pelo viés dos/das que ocuparam, bem como de suas memórias. Em suas palavras, iniciais de sua

escrita temos que:

As ocupações de 2016, foi um marco em todo o Brasil, movimento conhecido como Primavera Secundarista, foi um movimento que tomou o Brasil todo, eu estudava no Instituto Federal do Paraná, Campus Colombo e ali travei acredito que a batalha mais dura na militância, era a insatisfação com o golpe da presidenta Dilma e os ataques a educação feitos pelo golpista Michel Temer, a PEC 746 (Reforma do ensino médio) a PEC 241 (Teto de Gastos) e a Lei da Mordaza.

Como se percebe, o estudante LS. tem uma percepção muito política das ocupações, pois segundo ele travou a mais dura batalha na militância, em especial, também quando cita, a questão do golpe, e ou, das leis, bem como o que elas representavam naquele momento para a educação como a PEC 746. Isso combate a ideia muito difundida na mídia à época de que muitos deles/as não sabiam o que estavam fazendo, e ou, eram manipulados/as, por partidos de esquerda, também traz em si, no seu relato, como ele coloca, essa ocupação e como foi contra os ataques a educação feitos pelo, segundo suas palavras, golpista Michel Temer, bem como traz a PEC 746 (Reforma do ensino médio) a PEC 241 (Teto de Gastos) e a Lei da Mordaza, referenciado o saber do porquê das ocupações. Percebe-se ainda que a palavra Primavera Secundarista, e que em outras memórias essa palavra também foi trazida em contexto, o que demonstra que a memória como já citamos, segundo Candau, pode ao mesmo tempo ser individual, e bem social, vejamos que a estudante J. já havia usado essa palavra para se referir ao movimento estudantil, e que ambos os relatos, corroboram que foi um marco em todo o Brasil, também vejamos que ele cita a questão política quando:

Ao longo da ocupação, vivenciamos momentos de grande aprendizado e crescimento. Aprendemos a organizar assembleias, a debater ideias de forma construtiva e a trabalhar todos unidos na busca por soluções. Foi inspirador ver como a comunidade estudantil se uniu em prol de um objetivo comum, superando diferenças e fortalecendo laços.

Nas palavras dele e na sua escrita é ponderante e forte, dentre outras palavras a política, como organizar assembleias, debater ideias, isso ainda segundo ele trouxe um grande aprendizado e crescimento, as ideias ali estavam voltadas para a questão de buscar soluções e claro ao movimento estudantil, em que ainda segundo ele:

A ocupação não foi apenas um ato de resistência, mas também uma oportunidade para expressarmos nossas vozes e sermos ouvidos. A mídia local e nacional deu atenção ao movimento, ampliando o alcance das nossas reivindicações. Foi emocionante perceber que éramos capazes de gerar impacto e despertar a atenção da sociedade para as questões que considerávamos cruciais para a melhoria da educação. Além disso, a ocupação nos permitiu compreender a importância do diálogo construtivo entre estudantes, professores, funcionários e a administração escolar.

As ocupações deram um grito a juventude, como o estudante L.S coloca, e para

serem ouvidos/as, não apenas pelo governo, visto que as ocupações se deram contra a reforma, mas é também serem ouvidos/as pela sociedade, como ele destaca que: *a ocupação não foi apenas um ato de resistência, mas também uma oportunidade para expressarmos nossas vozes e sermos ouvidos*. Também segundo seu relato, vemos que acreditava que as ocupações trariam um impacto social, para a educação, pois poderia segundo ele: *despertar a atenção da sociedade para as questões que consideravam cruciais para a melhoria da educação*. Percebemos ainda que as suas memórias, traz uma discussão, acerca das questões políticas, o que elencaria outras questões, até porque segundo ele: *a ocupação nos permitiu compreender a importância do diálogo construtivo entre estudantes, professores, funcionários e a administração escolar*. Dessa maneira, a educação segundo o seu relato o estudante estaria na pauta de discussão, mas não só para os/as estudantes, mas também pelo reconhecimento do todo, pelo diálogo, como ele relata, que para além de professores/as era para os/as que ali estavam, no caso funcionários/as, ou seja, a administração escolar. Essas memórias da participação na ocupação de 2016, foram sendo resgatadas inclusive porque elas se tornaram emocionais, esse fator é tão importante quanto o racional, e no caso dele como descreve, mais ainda pois: *para mim ainda tem um gosto muito especial, dormi no colégio, ocupando no dia no meu aniversário, o que me mostrou que não importa o eu, sempre o que lutamos são pelas vitórias coletivas e de toda a comunidade!* Isso demonstrado nas palavras dele reflete ainda que, pois para além de ser seu aniversário havia outras coisas em jogo, no caso em que ele descreve, que é pela coletividade, e pela comunidade, vemos que a luta dele era em prol da maioria, mas que ele elencou uma coisa a outra, sua vida pessoal a vida coletiva, isso que Candau já nos trouxe, a memória nunca é somente individual, mas sim e coletiva, como ele segue abaixo, em que:

Ao recordar esses momentos, sinto uma gratidão imensa por fazer parte de um movimento que não apenas marcou a história no nosso país, mas também evidenciou a importância de nos envolvermos ativamente na construção de um ambiente educacional mais justo e democrático. É esse movimento de 2016 que me faz ser quem eu sou hoje e lutar cada dia mais por um país melhor, sempre olhando para a coletividade.

Percebemos pelas suas palavras um sentimento, de que ele fez parte, desse coletivo, e que essa memória das ocupações, no caso dele, estão muito fortes, fez sentido para ele, e que segundo *ele o fez ser quem ele é hoje*, então ao acompanhar a ocupação do IF, o estudante LS. teve uma experiência com a democracia, com a política dentre outras coisas, como ele descreve, aprendeu a olhar para a coletividade. Passamos agora a outro relato escrito o da professora M. em que vamos buscar intercalar o relato de uma/a docente com a

de um/a estudante à época, das ocupações para que possamos entender melhor a dinâmica em que deu as mesmas. Suas memórias descritas começam dessa forma:

No ano de 2016 estava ausente das atividades escolares, pois estava de licença prêmio no mesmo período em que houve a ocupação da escola pelos alunos, na época em que era o governador Beto Richa, os alunos estavam reivindicando contra a reforma do Ensino Médio. Mesmo não estando presente acompanhei o processo pela mídia e também através dos colegas que me passaram as informações. Vários professores apoiaram os alunos, oferecendo inclusive alimentos enquanto estavam nas escolas. Pena não terem alcançado o objetivo almejado.

Interessante notar que ela não estava na escola à época das ocupações, porém acompanhou pela mídia, e percebeu que *vários professores apoiaram os alunos, oferecendo inclusive alimentos enquanto estavam nas escolas*. Esse apoio que a professora aponta, mesmo sendo uma testemunha ocular, ao longe, como ela disse, também esteve presente em outros relatos, o que demonstra segundo ela, e os/as demais, que os/as estudantes tiveram apoio, mesmo que selado, também notasse em seu relato que, ela estava atenta ao que estava acontecendo na escola ocupada, pois além de acompanhar pela mídia, ainda conversava com os colegas sobre. Vejamos que a memória individual, apesar de não estar na ocupação, se faz a serviço de outras memórias, ou seja de uma memória da coletividade, outros/as memórias apoiam-se nessas, e essa pode construir uma outra memória que estará atrelada a um grupo, a uma vivência social, e histórica. E como ela relata, que foi através dos colegas que passaram as informações, que ela teve por si que *os alunos estavam reivindicando contra a reforma do Ensino Médio*. O que constitui que a memória da professora M. mesmo que não estivesse diretamente na ocupação, fez da sua relação com os/as estudantes uma comunhão de sujeitos correspondentes. Assim a professora M. mesmo longe estava atenta às ocupações, e ao que parece acreditava nela, como relata: *pena não terem alcançado o objetivo almejado*. O relato dela foi sucinto, diante de outros, mas também importante, pois trouxe-nos elementos que como outros, corroboram com a ideia de que muitos/as professores ajudaram bem como podiam, e ou estavam torcendo positivamente, no caso dela, de longe, para que as ocupações chegassem aos seus objetivos. Trazemos por ora, o relato escrito da ex-aluna e ocupante do colégio Desembargador Cunha Pereira, a qual denominados de C. que em seu relato escreve que:

No ano de 2016, houveram manifestações estudantis reivindicando questões de investimentos e melhores condições para o meio escolar e também na intenção de barrar projetos como "PEC DO TETO DE GASTOS", "ESCOLA SEM PARTIDO", e a medida provisória do "NOVO ENSINO MÉDIO".

Vejamos que a ex-aluna C. ao contrário da professora M. tem uma memória das ocupações delineada para barrar projetos, ela sabe o porquê das ocupações, e traz essas

questões, quando diríamos, pelas suas palavras em caixa alta, frisa três questões que os/as estudantes estavam, segundo ela querendo barrar que é a PEC dos gastos, a Escola sem partido, e o NEM, que seria a reforma do Ensino Médio, principal motivo das ocupações. Em outras partes de sua escrita ela acrescenta, ainda que houve *diversas manifestações na tentativa de "acordos" e melhorias, porém sem sucesso diante ao governo*. Podemos nessa sua memória, ou observar, que para a ex-aluna C. o governo não daria chance ou causa favorável aos estudantes, o que desencadeou a ação, e é isso que ela coloca a seguir, em que diz: *até que de forma pacífica no dia 3 de outubro iniciaram-se as ocupações em escolas e universidades com o intuito de intensificar as reivindicações*. Percebe-se nas memórias que a ex-aluna C. traz consigo uma noção da força do movimento, também como outros usam a palavra pacífica para se referir a ação, e no caso trás que para além da escola, como ela relata, havia a ocupação em universidades, e é ainda notável isso, pois ela percebe a extensão do movimento. Ainda sobre a palavra pacífica, importa dizer que como em outros relatos, as ocupações não foram de modo algum violentas, pois como estamos percebendo não só no seu relato, mas em maioria, senão todos tinham essa memória de que havia a moção de preservar o movimento contra o vandalismo e ou atos violentos, talvez para não manchar as ocupações. Seu relato continua com suas memórias trazendo, que para ela:

Foi um belo ato onde se juntaram forças para conquistar e fazer com que direitos e interesses comuns entre alunos, professores e sociedade se mantivessem, fazendo com que a educação pública não perdesse muito do que já havia conquistado. Hoje, vejo esse ato, como uma atitude linda e corajosa de união, que deve permanecer até os dias de hoje, para as lutas diárias que a educação pública enfrenta.

Importante ressaltar, a natureza emocional das palavras dela, mas não só, pois como ela pontua e como memórias de pertencimento a luta, bem como reflete Jelin (2001. p. 9-10) ao falar de memória, em que: ela tem então um papel altamente significativo como mecanismo cultural para fortalecer o sentimento de pertencimento a grupos e comunidades. Como estamos entendendo a memória da estudante, em questão, reflete em comum, algumas outras memórias, como a ideia de mudança, de interesse em comum, de movimento e pertencimento daquilo que era possível, ou do fazer algo em prol do futuro, de uma luta pela e para a educação pública. Então, ao lermos os registros escritos e as memórias, de cada um/a desses/as sujeitos/as implica que devemos saber que é uma questão psíquica, social, cultural, e histórica da pessoa e traz suas memórias, crenças e aspirações, mas essas só podem ser possíveis se vividas coletivamente, na ação dos outros/as, também há uma ação individual, ou seja, no corpo social temos o/a indivíduo/a.

A história como ciência busca, ou tende, a uma reconstrução do passado, sempre a partir dos elementos deixados, no tempo, que os/as historiadores/as denominam de fontes, o que a partir da Nova História Cultural, tem-se ampliado e muito o conceito do que é uma fonte. Para manter alenta e viva a memória, geralmente as pessoas deixam registros, às vezes consciente ou não, esses rastros, ou fragmentos, é que permitem o trabalho de resgate do passado no presente. Sendo assim, esperamos que esses relatos escritos tragam para nossa pesquisa uma memória sobre as ocupações. Dando sequência aos relatos, depois dessa pausa, traremos o professor C. e como outros relatos que trazem suas memórias das ocupações cremos que é sempre do ponto de vista de quem esteve lá. O professor C. inicia seu relato, em que:

Apesar de parecer algo inédito e que estaria atrapalhando o bom andamento das escolas, foi um momento muito importante de reflexão política e social, tanto para o corpo docente como para o corpo discente da Escola Cunha Pereira. Os alunos se tornaram protagonistas de uma ação no interior das escolas que não se via há muito tempo no Brasil.

Ao que se percebe do professor C. nas suas reflexões, traz a importante palavra *protagonista*, ao se referir ou citar os/as estudantes, como seres que fizeram a ação, nos coloca a ideia de que os/as estudantes tomaram a iniciativa, e como já discutimos, sem serem aliciados/as por partidos políticos. Dando sequência a sua escrita ele diz sobre a ocupação: *foi um momento muito importante de reflexão política e social, tanto para o corpo docente como para o corpo discente da Escola Cunha Pereira, vejamos* que os/as alunas segundo ele, ensinaram bem como aprenderam então ele reconhece nos/as estudantes, um potencial e isso confere uma convergência dentro da educação, donde os dois lados, ao que parece, no nosso entendimento, que agora estão do mesmo lado. Isso se deu, como vimos em outros tantos relatos, pelas muitas parcerias que estes/ estas estabeleceram, dentro e fora das ocupações, aqui em específico, ele cita a escola Des. Cunha Pereira, mas como trouxemos isso (parceria), também houve em outras escolas. Porém no caso dele, e de seu relato escrito, isso acontecia em que:

Por morar próximo à escola, fiz alguma visita aos ocupantes do espaço escolar e, pude sentir, que eles queriam realmente ser protagonistas da sua educação, muito embora, tivessem muitas dúvidas.

Ele diz sentir, que ao visitar a ocupação percebe-se a vontade de mudança, por parte dos/das estudantes, mas também, segundo ele, havia muitas dúvidas, dos/as estudantes, deveria ser normal pela idade e pela extensão do que faziam. Percebemos segundo suas palavras, também que, o professor, que denominamos de C. teve uma alta reflexão sobre a importância do movimento, das aulas de humanas, e da sua condição de professor, ao qual ele relata, que: *então, creio que as aulas das disciplinas da área de humanas tiveram um*

papel fundamental para despertar nos jovens o desejo de serem sujeitos da própria educação. Quando ele cita as disciplinas de humanas poderíamos fazer uma ponte com o relato da estudante como a J. que também, como outras, mencionou a importância das discussões em História bem como das aulas de Filosofia, e afins, então acreditamos que as ciências humanas, segundo alguns relatos, talvez tenham contribuído para as ocupações, de alguma forma, e se não, para que elas ocorressem ao menos para dar um lampejo nos encontros e nas discussões nas ocupações como já trouxemos segundo as memórias em oficinas e aulas extras que haviam. Ele também faz uma pergunta sobre o papel da escola e se responde:

Muitos se perguntavam: quem poderia ser o mentor de tais atitudes por parte dos estudantes? Mas não havia necessidade de fazer grandes buscas, porque a escola deve ser o espaço onde os jovens e adolescentes vão se formando como cidadãos.

Vejamos que para o professor C. e em suas memórias, tem plena consciência e diz que a escola é um espaço de criação da cidadania, então ele crê que esses/essas jovens, como podemos perceber na escola se apropriam do espaço como aprendizado para a cidadania, também ele complementa essa ideia, em que: *ser cidadão é participar ativamente na sociedade questionando o que não parece certo e fortalecendo o que parece bom para o coletivo.*

Então para ele, a escola deveria ser ocupada, e ainda segundo ele, as humanas, como ele colocou, devem ter contribuído positivamente para isso, pois ao discutir questões como cidadania, talvez tenha trazido alguma benéfica reflexão pró-ocupação. Finalizado a sua escrita, o professor C. traz que:

Não foi um período sem frutos como os órgãos ligados ao sistema educacional quiseram fazer crer. Além das atividades realizadas por eles no dia a dia da ocupação, também fez a sociedade debater o assunto de forma mais séria. Oxalá tenhamos mais momentos em que a juventude se expresse politicamente para melhorar a sociedade.

O relato reflete certo otimismo, para com o movimento quando diz que: *não foi um período sem frutos como os órgãos ligados ao sistema educacional quiseram fazer crer.* Então a sociedade segundo ele, deveria ao menos debater o assunto de forma mais séria, finalmente ainda ele parece ser um grande otimista das ocupações, quando menciona que: *tenhamos mais momentos em que a juventude se expresse politicamente para melhorar a sociedade.* Percebemos que para o professor C. a ocupação teve um teor político bem acentuado, e que a sua crença de que ela (escola) cumpriu seu papel de forma muito objetiva. Passamos agora a outro registro, de um ex-aluno que estudou no colégio Des. Cunha Pereira, mas que nesse ano de 2016, não o ocupou a escola, mas que cremos

também tem um crédito, o que reflete para nós, mais uma contribuição importante para nossa escrita, ao mesmo tempo em que a maioria até aqui ocupou fisicamente, ele pode nos mostrar qual seria sua visão como estudante da escola neste ano, mas que não ocupou, ou seja, dar-nos uma visão de estudante que estava ao longe de sua escola ocupada. Veremos, o aluno em questão é o I. e ele descreve sua memória da ocupação desta forma:

Apesar da falta de clarificação – a respeito das ocupações estudantis em 2016 – quando me recordo, bem como, minha não participação neste, considero um marco para a educação pública, no que tange à luta contra o descaso constante contra esta, agora sendo propagada não apenas pelos profissionais da educação, mas também por seus alunos, onde se mostraram responsáveis pela educação que recebiam e passariam a possivelmente receber, e contra decisões de vias unilaterais.

Ele começa dizendo que não sabia o que era o movimento, e ao contrário dos demais relatos de estudantes, o ex-estudante I. não entendia muito o que estava acontecendo, mas considerava um marco para a educação, talvez ele não tivesse a dimensão do movimento, por que não estava em contato como outros/as dentro das ocupações. Mas ele deixa claro que ao usar a palavra, *descaso*, ou seja, apesar de ele não estar na ocupação, sentia que algo não estava certo. Como ele deixa transparecer nesse trecho abaixo:

Assim sendo, é um movimento que não deve ser recordado apenas como uma semana sem aula mas algo que ocorreu com motivos e perspectivas claras para com a promoção, e respeito com a educação pública.

Percebe-se também no seu relato um reconhecimento do movimento, como dissemos apesar de não participar da ocupação em si, quando diz que ela não foi uma semana sem aula, mas que isso, ou seja, a sua posição a favor do movimento apesar de não estar lá, reforça sua posição de que era estudante e que a ocupação não era uma luta dos/das profissionais da educação, como outrora, ele cita, mas que sim, no agora era uma luta dos/as estudantes. O relato do ex-estudante I. foi sucinto, mas trouxe uma visão interessante, de um estudante que apesar de não ser ativo e ocupar a escola como outros/as, deixa transparecer que era a favor da ocupação, apesar de não ter a noção exata do que era a mesma, estava refletindo sobre o que houve. Passamos ao relato da professora K. que também nos legou a sua memória das ocupações, em escrito, e como relata:

Gostaria de ressaltar que sou filha da escola pública, e que a escola que me estimulou, inclusive a ser professora, não existe mais, ela foi devorada pelos ideais neoliberais. A minha escola era um espaço de liberdade docente, portanto, meus professores se permitiram criar, ser eles naquele espaço. Com isso, nós também éramos convidados a fazermos o mesmo.

Ela começa sua memória, como percebemos, voltando ao passado, antes estudante de escola pública, agora professora, mas do que refletindo como era antes quando

estudante, ela faz uma comparação com a escola de outrora e da atualidade, em que reflete, como ela diz, uma escola *devorada* pelos ideais neoliberais, outros/as não usaram dessa palavra, e talvez a professora K. teve uma percepção mais acurada das questões políticas dentro do movimento como fez o professor C. ao tocar nas questões políticas imbricadas. Ainda se percebe como ela, coloca que a escola mudou, e que esta era um lugar de liberdade, e ao que nos parece a professora K. tem uma leitura, ou faz essa, das históricas mudanças dentro da educação a partir da sua memória. Dando sequência ao relato da professora K. e sobre sua memória, ela escreve que:

E, para isso, havia nesta escola uma semana cultural onde participávamos sem medo, com entusiasmo, motivação e apoio direto de nossos professores. Havia também um festival de música, onde os músicos eram convidados a participar, e aqueles que não possuem nenhuma habilidade musical, a assistir, o que era meu caso.

Nós é de extrema importância perceber que ela coloca os professores, como em outros relatos como apoiadores/as, claro que aqui nas palavras dela é sobre as atividades na escola, mas traz consigo uma lembrança muito parecida de outros relatos, a de que havia, e sempre houve o reconhecimento dos/as estudantes de que os/as professores/as estavam em uma educação conjunta, é o que vemos que ao ocuparem em 2016, os/as estudantes bem queriam que assim fosse, mas os/as professores/as não podiam demonstrar esse apoio direto, como outrora, dado as punições. Também percebemos que, segundo ela e suas memórias da escola, ou do passado, eram culturais práticas que a professora K. descreve em seu relato, como jogos, teatros, músicas e afins. Práticas que segundo ela seguem uma pergunta: *Enfim, por que essa escola, que parece tão ideal, foi dilacerada pelos ideais neoliberais? E qual o interesse nisso? Subordinação!* Instigante o relato e a memória da professora K. pois a noção de que houve uma escola e agora há outra escola, e que está sendo imposta reflete a noção temporal de espaço-tempo, ou seja, a base da história como ciência de que trabalha com as transformações e as permanências. Nesse relato percebemos também, ao que ela diz, pela segunda vez, que há os ideais neoliberais interferindo na organização da escola em que ela percebe, que a escola de 2016 é uma outra:

Retomamos 2016, eu diretora auxiliar, não mais estudante, mas ainda um espírito livre. Eles, estudantes, ocupando uma escola contra uma reforma violenta que assola o nosso sistema educacional, talvez, um último suspiro de uma escola ainda livre, que resistia, apesar de tudo.

Agora ela como diz, que *não é mais estudante*, e nos parece a que K. vê na ocupação essa luta *contra uma reforma violenta*, porém e também, devemos nos atentar para outras palavras importantes dela, em que diz, ser a ocupação de 2016, *um último suspiro de uma escola livre*, sua memória parece querer, e estar relacionando o passado, ao presente, uma

escola que estudará, e uma reforma que pretendem destruir, segundo ela, desta maneira vem uma memória-lembrança dessa escola que ela estudou e da escola que não existe mais. Ainda suas memórias da ocupação trazem a tona momentos tensos em que:

Diante disso, um argumento foi prontamente utilizado pelos homens que não gostam da educação: eles estão sendo manipulados pelos seus professores, e passamos a ser punidos, caso fornecessem apoio a eles. Alguns, inclusive, foram punidos a posteriori, sendo exonerados de seus concursos públicos e julgados em tribunais morais.

Nesse momento importante a sua memória, nos revela para além da punição aos docentes, coisa que como vimos era feito às escusas da sociedade, e ao movimento, porém ela aponta casos mais graves, e julgamentos como ela usa morais, ou seja, algumas pessoas difamaram o movimento, jogando a culpa em cima dos/as educadores/as, isso vem ao paralelo de que o diretor M. sofreu, pois queriam os homens que não gostam da educação que ele assumisse a causa, o que em última instância poderia se assim o fizesse perder o cargo, pois estava diante de um promotor de justiça. Isso se dava ainda, mais forte segundo ela pois:

Nossos estudantes seguiram um fluxo, uma onda de indignação, compreendida por alguns, que iniciavam suas críticas políticas, e um pouco nebulosa para outros, meio incompreendida, incerta, mas que estavam juntos, apostando que suas ações eram as certas a serem feitas naquele momento, e que a causa era deles, e não apenas nossa, de seus docentes.

Como ela deixa claro havia estudantes e estudantes como ela coloca, alguns/algumas entendiam o movimento outros/as nem tanto, mas estavam juntos, isso fez com que as diferenças fossem esquecidas em parte, até porque também a ocupação como ela coloca:

Em nossa escola as coisas não foram tão truculentas, não fomos punidos pelas ajudas que prestamos, pelas comidas que levamos, pelos livros que emprestamos, pela internet que liberamos aos nossos estudantes. Nossas relações eram amistosas, inclusive fomos avisados, enquanto gestão, que a escola seria ocupada.

Essa ocupação não foi violenta, e ou, truculenta como ela relata, e mais os/as estudantes tinham nas suas palavras uma boa relação com os/as professores/as. Isso como vimos nem sempre aconteceu nas outras ocupações, ou seja, essa relação amistosa como ela coloca. Para além disso,

talvez alguém leia isso e considere ruim, um comportamento adestrado. Mas analisando, mesmo agora, não considero uma ação —disciplinarl, mas de respeito e confiança em nós, pois sabiam que não seriam impedidos, que não atrapalhariamos em sua luta, e que fariamos o que estivesse em nosso alcance pois apoiávamos o movimento e tínhamos total noção da gravidade do que estava por vir na educação, caso aquela reforma fosse realizada.

Interessante que ela usa a palavra adestramento para se referir aos/às estudantes no caso dessa ocupação, palavra que como ela diz, não representava uma disciplina dos/às estudantes, mas sim a confiança mútua, para além do respeito, aos/as professores/as, e no caso ela sendo da gestão, não agiu contra a ocupação, bem como houve em outras ocupações, como aqui relatamos, também é salutar, que a direção, bem como professores/as viram essa ocupação do colégio Des. Cunha Pereira, pois em outros relatos, percebemos que, como a da diretora K. diz, o movimento se deu de forma que respeitou-se, como ela escreve, a vontade dos/as estudantes, por e para, lutarem em prol da educação. Outra coisa que notamos no relato-memória da diretora K. e que deu êxito ao menos no início para esta ocupação em específico, é que ao menos nessa escola, havia apoio mútuo ao movimento. Isso como ela destaca, pois que: *eles também receberam ajuda de seus cuidadores, que apoiavam a sua causa. Talvez sem a devida compreensão sobre o que estavam lutando, mas apoiaram mesmo assim.*

Esse é um detalhe importante, e que não vimos em outros relatos, pois ela usa a palavra *cuidadores*, que poderíamos chamar de família, esse é um dos poucos relatos escritos e que traz uma importante análise do movimento, não que os outros sejam menosprezados, mas visto que ao descrever a ocupação em seus pormenores, no caso a participação da família inclusive, sua memória nos deu, o quão a importância da família, talvez seja o diferencial da durabilidade e eficiência, de um movimento de jovens como esses/essas, pois em se, tratando de estudantes de 12 a 18 anos, que dormiram na escola por dias e noites, eles, os/as cuidadores/as foram peça fundamental dentro dessa ocupação. Porém como ela mesma entendia, nem tudo era só:

Flores, lembro da pressão do Núcleo de Educação, que queria, a todo custo, que convencessem os estudantes a saírem da escola para que as aulas retornassem. Mas não fizemos, aguentamos, e garantimos seu direito à luta.

Bem lembrado por ela, apesar do apoio da família, de suma importância os/as estudantes ainda tiveram que lidar com *a pressão do Núcleo de Educação*, que a todo custo como colocou o diretor geral M. queria achar um/a culpado/a, mas no caso dela a pressão era para maior pois era professora e gestora, então havia uma duplicidade, de cobrança, que tinha de cumprir como ela escreve, em observação a mantenedora. Ela finaliza seu relato:

Acrescentando que nem essa escola existe mais, nem a minha, da minha juventude, nem a deles. Elas foram demolidas, e no seu lugar foi erguido um muro, novamente, um currículo engessado, com pouquíssimo conteúdo crítico, com alicerces precários e embasados na cultura do empreendedorismo, sobretudo de si mesmo. Afinal, se nada der certo, a culpa é deles mesmo, visto que não se esforçaram o suficiente.

Assim vemos em seu relato e nas suas palavras finais, o desencadear das ocupações, uma lá mais acima, o neoliberalismo, outra o currículo, e o empreendedorismo, questões essas que seu relato nos oferece como reflexão, e alta qualidade, ou seja, a K. percebeu muito bem por que a ocupação se deu, pois ela se colocou em situação de aluna, e trouxe memória de sua juventude atreladas ao seu presente de 2016. Ainda questionando-se sobre a escola do passado, e se esta existe, ela reflete que: *a escola não é mais a mesma*, e mais que nunca, ainda essa que está posta no caso a que foi ocupada, *põe a culpa no/na estudante quando der errado*, no qual complementa, for uma característica do neoliberalismo. Com relação ao currículo, ela diz que ele é pouco crítico, e engessado, o que poderíamos confirmar que ela tinha noção de que as ocupações estavam no caminho certo, pois se dessem mais um passo, poderiam ter vitória sobre o governo. Passamos agora a outro relato de memória, o da pedagoga, R. importante ressaltar antes de tudo que, ela bem como outras/os, estiveram nas ocupações, de fato, e no caso da pedagoga R. assim como outros/as pessoas trabalhavam em mais de uma escola, como ela relata que na época trabalhava em dois colégios no município de Colombo, Colégio Abraham Lincoln e Colégio Estadual Heráclito Fontoura Sobral Pinto.

Percebemos que, o relato da R. bem como outros professores/as, que nos deram a sua memória escrita, tiveram experiências um pouco parecidas, porém ao mesmo tempo, cada escola ocupada tecia à sua maneira de lidar com as coisas. Isso proporciona uma memória ímpar, pois em cada escola teve uma visão dos acontecimentos:

Vivenciei duas situações, em uma das escolas houve o controle por parte da

direção para que de modo algum a escola fosse ocupada, na outra os estudantes de ensino médio e Formação de Docente é que lideraram e esboçaram suas ideologias partidárias e políticas, era percebido que alguns estudantes nem sabiam ao certo o que estavam fazendo, mas queriam expressar seu sentimento estudantil e de pertencimento as ideias que refletisse os anseios da adolescência.

Vejamos que no seu relato a direção de uma das escolas agiu para que, como ela diz: *de modo algum a escola fosse ocupada*, e como vimos isso é bem contrário do colégio Des. Cunha Pereira que segundo os relatos, teve uma contrapartida de liberdade por parte da direção, ou seja, é notável em suas memórias que, houve por parte dessa direção o impedimento de ação dos/ das estudantes, inclusive ferindo seus direitos. Também em seu relato, como ela compara as escolas ocupadas e é perceptível que havia adolescentes confusos, com a ocupação, mas que ainda assim, houve o sentimento estudantil, ou seja, queriam fazer parte da ocupação. Ela continua nas suas memórias a escrever que:

Sem dúvida ao meu ver iniciava-se a expressão dos estudantes em reivindicar, de alguma forma, seus direitos e até dizer que o momento era de um grito e o clamar de que queremos voz para as decisões educacionais.

Como ela reflete, e escreve, a seu ver o momento era de *um grito e o clamar de que queremos voz para as decisões educacionais*. Essa reflexão e memória por parte dela nos dizem sobre a questão, de que, apesar de perdidos/as, eles/elas queriam ser ouvidos/as, também o relato dela traz outra dimensão importante, pois a maioria dos que aqui expomos, foram de estudantes e professores/as, mas no caso dela é uma pedagoga, ligada a educação, mas tendo uma reflexão em paralelo. Também é notável que em suas memórias:

Permito dizer que na conjuntura que configurava o momento, sentia uma certa preocupação e ao mesmo tempo um orgulho dos estudantes que estavam sendo sujeitos da manifestação política que ali estava sendo configurada. Ressalto que o orgulho define-se no entendimento de nossa querida LDB que em seu Art. 1º diz: educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais estavam expressando seus direitos de lutar e dar voz onde muitas vezes não se dão ouvidos. portanto afirmo que nossos estudantes

Vemos que ela reflete, e acreditava que os/as estudantes *estavam sendo sujeitos da manifestação política que ali estava sendo configurada*, isso corrobora com o professor C. quando defende que a ocupação no caso de Des. Cunha pereira estava contribuindo para a formação de sujeitos de ação, e como em outros relatos, as ocupações, tinham para além da noção política, a manifestação estudantil, o que ela demonstra em outra passagem no entendimento da lei, e dos direitos dos/as estudantes de protestar em que: *ressalto que o orgulho define-se no entendimento de nossa querida LDB que em seu Art. 1º. A manifestação por ela, do entendimento da lei, como vemos, é um direito constitucional,*

está na LDB (Lei de Diretrizes e Base) e ainda segundo ela, os/as estudantes: *estavam expressando seus direitos de lutar e dar voz onde muitas vezes não se dão ouvidos, portanto afirmo que nossos estudantes*, o seu relato da R. vem a esclarecer que o movimento segundo ela, era legítimo, e no caso a sua memória era de que as duas escolas relatadas por ela não foram invadidas, o protesto era validado pela lei. Porém como vimos as ocupações tinham que lidar com as contrariedades, não só dos diretores/as que eram contra, mas como ela relata:

Naturalmente que escutava críticas por parte de alguns colegas de trabalho sobre o movimento estudantil ali instalado, mas também um movimento de interação lindo de professores que não podiam expressar-se, mas que tinham seus estudantes para manifestar a democracia.

Esse relato nos reflete, como ela diz, algumas posições contrárias aos estudantes, mas também um apoio novamente de docentes, como já mencionamos, pois havia também, segundo ela, apesar de contrários/as, *um movimento de interação lindo de professores que não podiam expressar-se, mas que tinham seus estudantes para manifestar a democracia*. Viver essa contradição de não poder participar das ocupações diretamente no caso dos/as docentes, em que ela relata, também existiu em outras ocupações, e como ela descreve, também havia uma forte interação entre ambos/as, apesar de isso ser proibido. Outra coisa que nos remete a uma memória forte, no caso dela, citando aqui mais uma vez Candau, é que R. passados os anos, em que muita gente pode nem ter mais lembranças, é que ela traz as ocupações, muito nítida, e escreve que:

Nossos estudantes na ocasião lutavam contra a MPPEC 55/241, que tratava da Reforma do Novo Ensino Médio, que retirava, grosso modo, algumas disciplinas essenciais (Filosofia e Sociologia), e uma escola sem partido, ou seja, era nítido que estávamos diante de um governo neoliberalista, que em hipótese alguma queria pessoas pensantes, mas mão de obra barata. Houve significativa repercussão já que se mantiveram as disciplinas no currículo, mesmo que com um número menor de aulas.

Vejamos que a memória e relato da R. bem como da K. traz posicionamentos acerca da questão do neoliberalismo, tanto uma como outra, usou esse termo, de maneira distintas, nessas palavras dela, *ou seja, era nítido que estávamos diante de um governo neoliberalista, que em hipótese alguma queria pessoas pensantes, mas mão de obra barata*. Então ao ler o relato das memórias escritas da pedagoga R. podemos perceber para além de seu posicionamento, de que a ocupação era legítima, segundo ela citando a LDB, há ainda uma certa *satisfação* em ter visto de perto as ocupações, das duas escolas em que atuava, como ela ressaltou, e descreve no final de seu relato:

Como disse de todo este processo, acompanhei os alunos do Colégio Abraham Lincoln que após o movimento das ocupações tornaram-se representação muito forte, constituindo o Grêmio estudantil e sendo frente de muitas atividades

pedagógicas nesta escola. Esses estudantes participaram de encontros sobre as ocupações e escreveram um Artigo que faz parte do Livro “O Verso e Reverso da Práticas Pedagógicas na Educação Básica”. Nele os estudantes contam sua experiência.

Podemos perceber pelo relato da pedagoga que essas duas ocupações, a do Colégio Abraham Lincoln como outros, não saíram vitoriosas contra a reforma, mas que ainda assim as *ocupações tornaram-se representação muito forte, constituindo o Grêmio estudantil e sendo frente de muitas atividades pedagógicas nesta escola*. E para além disso, como ela descreve, houve uma guinada nas práticas escolares daqueles/as, a partir de então, como a participação deles/delas, ao escrever um artigo para o livro, “*O Verso e Reverso da Práticas Pedagógicas na Educação Básica*” e assim falar de suas experiências sobre a ocupação também fizeram memórias daqueles dias. O relato da pedagoga nos trouxe uma reflexão diferente, pois como dissemos acima, estamos intercalando os relatos, e muitos deles perpassam, em ser de estudantes e educadores, no caso dela, tivemos uma visão mais pedagógica, inclusive pela sua citação de leis. Por ora passamos a outro relato, novamente de uma professora, a M. que em seu relato descreve que:

sou professora do Colégio Estadual Desembargador Cunha Pereira, desde 2003, venho por meio desta Carta Testemunho, relatar um pouco de minhas lembranças do período de Ocupação das Escolas pelos alunos.

Vejamos que ela inicia seu relato dizendo que está na escola desde 2003, ou seja, levando em consideração 2016, ano da ocupação, muitos/as dos/das que ocuparam a escola, fartamente foram seus/suas alunos. Como ela deixa claro, abaixo:

Na época lecionava, entre outras turmas, para o terceiro ano da aluna que era líder do Grêmio Estudantil de nossa escola. Ela era uma pessoa bastante engajada e comprometida com a luta por uma escola pública de qualidade. Então, quando as questões da mudança do Ensino Médio começaram a ficar mais acirradas, comprometendo o futuro dos estudantes, ela e mais um grupo de alunos ocuparam nossa escola.

Reparamos que nas suas memórias, ela cita a aluna e líder do Grêmio Estudantil à época, e a professora M. também usa a palavra engajada, palavra que em outras memórias também foi trazida à tona por aqueles/as ao se referir ao movimento, e a política, e ainda ela pontua que a aluna: *era uma pessoa bastante engajada e comprometida com a luta por uma escola pública de qualidade*. Isso para a nossa pesquisa tem um peso, pois nas memórias da professora, a ocupação se deu porque houve, segundo ela, as mudanças no E. Médio, ao que ela relata ser aqui em específico o colégio Des. Cunha Pereira. Ela prossegue da seguinte maneira:

Depois, juntos com outros alunos, foram ocupando outras escolas do município. Nesse período ficamos sem aulas, pois as salas foram tomadas por alunos que aqui ficaram por alguns dias. Eu não tive contato com eles nesse período.

Apenas ficava sabendo das ações. Eles, cientes da luta, se organizaram para manter a ocupação por um período considerável. Penso que foi uma luta justa e que fez toda diferença na vida desses estudantes. Infelizmente, apesar da luta desses estudantes, não conseguimos barrar tal projeto.

Como podemos verificar a professora M. não foi a ocupação como outros/as que nos escreveram seus relatos, mas ainda assim, como ela diz, estava sempre atenta, e como vemos ao contrário do relato da pedagoga R. aqui muitos/as estudantes estavam, como ela diz: *cientes da luta, se organizaram para manter a ocupação por um período considerável*. Se comparamos de imediato a ocupação desse colégio com a de outros, segundo a professora M. vemos que essa ocupação teve uma forte liderança estudantil, e também como já trouxemos outros relatos, essa ocupação teve um diferencial, a participação da comunidade, como nos escreveu a professora K. dos seus cuidadores. Ainda coloca, a professora M. que: *penso que foi uma luta justa e que fez toda diferença na vida desses estudantes*. Quando ela diz na vida desses estudantes, não podemos esquecer de suas palavras iniciais, em que ela relata que está nessa escola desde 2003, ou seja, a mais de 20 anos, vemos que essa memória dela, é ímpar, pois para ela a ocupação talvez tenha feito a diferença para os/as estudantes, bem como para ela. O relato da M. foi um como outros, breve, mas nos trouxe uma reflexão importante em que, ela aos seus 20 e poucos anos de educadora, nessa mesma escola, teve como experiência uma visão das ocupações, mas que elas, como finaliza: *infelizmente, apesar da luta desses estudantes, não conseguimos barrar tal projeto*. Constatamos que por esse relato, apesar de breve, nos trouxe a percepção da professora M. de que as ocupações, não saíram vitoriosas, mas que na vida dos/das estudantes isso fez a diferença. Avançamos a outro relato escrito, de uma ex-aluna e ocupante da escola, em 2016, a G. seu é breve e começa assim:

Em 2016 aconteceu um ato que marcou muito minha adolescência, foi quando estudantes tiveram uma enorme voz após se revoltar contra a Medida provisória 746 que previa uma mudança no ensino médio e a PEC 241 que estabelecia um teto para gastos públicos direcionados para as escolas públicas.

Vejamos que como ela mesma diz, essa memória marcou a sua adolescência, mais que isso, diz, que os/as estudantes *tiveram uma enorme voz*, essa memória aparece em outros relatos, ou seja, memória congruentes, como a pedagoga, R. em que ela citou essa palavra em sua memória, de outra escola ocupada ao se referir aos/às estudantes. Também há de se notar no relato da G. que ela cita as duas medidas provisórias, como referencial à ocupação, ou seja, nos parece que havia por parte dela o entendimento do porquê da ocupação. E isso é bem retratado nessa outra parte da sua escrita, em que:

Lembro que na época me senti poderosa, pois consegui decidir sobre meu futuro e da minha filha que ainda nem existia, pois hoje sei que se não fosse a ocupação

das escolas, a educação pública estaria mais escassa e danificada pelo governo que pouco se importava.

Essa projeção dela para o futuro, em que segundo ela nem existia sua filha, reflete sobre seu passado, como uma memória boa, bem como ela diz, *de se sentir poderosa*, isso se deu, pois, uma memória corrobora a ideia de que a ação está não só no passado, mas no futuro, e, mas que isso, a memória pode ser uma projeção do passado no futuro. E é também interessante fazer uma reflexão que ela faz, por si só, sobre as ocupações, de como elas (as ocupações) trouxeram o/a jovem para a política, como ela relata: *durante esse ato, conseguimos aprender mais sobre política e ainda assim manter a escola em atividade com aulas extracurriculares fornecidas pelos próprios alunos*. A estudante G. em sua memória, reflete positivamente o que aprendeu sobre política, bem como outros relatos de estudantes que já trouxemos, e como ela põe, na ocupação houve aulas extracurriculares, também houve essa memória de outras ocupações, ou seja, a educação, pela e para a educação, como vimos em outros relatos, não parou. Ela finaliza seu relato em que:

Concluo dizendo que em 2016 consegui amadurecer, adquirindo ainda mais sede por ajudar nosso país a ter governantes que pensem mais em nosso povo e em qualidade de estudos e vida.

Trazemos agora o relato das memórias do professor F. em que temos que:

O ano de 2016 foi marcado por um avanço sem igual das forças políticas hegemônicas sob a educação e eu, particularmente, considero como um ano chave para compreender o início do processo de retrocesso que a educação e, especialmente, a carreira dos educadores que sofreriam a partir de então.

Nas palavras de início do professor F. ele destaca que o ano de 2016, foi muito importante para compreender, o retrocesso na educação, pois não eram só os estudantes que, segundo ele estavam sofrendo, isso reflete nas memórias de algumas pessoas há uma relação de causa e efeito. A memória do professor F. resgata acontecimentos preciosos que estavam em jogo na cena da educação, como *a carreira dos educadores*, pois, isso que ele fala é também referente e sobre as ocupações, como veremos, mais adiante, pois ele fala das políticas hegemônicas desse ano. E mais ainda ele trás um paralelo para que isso ocorresse, em que:

Tínhamos vivo na memória a cena vergonhosa do Massacre de 29 de abril, momento em que o governador Beto Richa (PSDB) juntamente com a maioria dos deputados da ALEP usaram da força e truculência para votar a qualquer custo um pacote de medidas que precarizava ainda mais a carreira docente, sendo o mais absurdo da questão uma mudança na legislação que permitia ao poder executivo acesso a recursos destinados a aposentadoria dos servidores (eram 8 bilhões de reais do fundo previdenciário).

Ele cita o massacre de 29 de abril como um ataque à educação, e de uma violência estatal sem tamanha, e que não podemos deixar de mencionar como ele diz: *usaram da*

força e truculência. A mesma que como vimos foi usada em algumas ocupações depois no caso de alguns relatos, para com as ocupações, como a professora que citou o roubo dentro da escola, e ou as coações do governo, no caso do uso da força e truculência usada para com os/as educadores/as nas greves anteriores a 2016, não podemos esquecer que muitos/as desses estudantes estiveram ao lado dos/das professores/as em algumas greves.

O professor F. vai em seu relato situando, o ano de 2016:

No plano nacional sofremos o Golpe de 2016, no qual o vice presidente da república, juntamente com o legislativo e o judiciário, assume o governo e impõe a população um plano de governo que, para assegurar o pagamento de juros da dívida e a competitividade da indústria e comércio nacional, retira direitos historicamente adquiridos da classe trabalhadora, retirando o pouco de avanço em políticas sociais e seguridade conquistados a duras penas no governo petista. Em resumo, a situação era desanimadora, sobretudo para quem se dedicava ao serviço e ao atendimento à população oriunda da classe trabalhadora.

Como ele diz, havia no plano nacional uma questão política desanimadora, em que vai desaguar em 2016 ser dado o golpe, e o governo que assume impõe à população um plano de governo que não lhes representa. Quando ele traz de sua memória o golpe, isso corrobora com o ano das ocupações, e segundo ele, esse ano foi bastante negativo para a classe trabalhadora no Brasil, ainda mais devido as reformas e principalmente a aqueles que se dedicam a população, aqui entra a educação pública. A memória do professor F. trás, como vemos, um panorama dos acontecimentos políticos, de 2016 e 2017, como ele relata em sua memória:

Dentre o pacote de ataques que estavam em curso, destacamos a Lei 13415/2017 que alterava o formato da etapa educacional que apresentava maior fragilidade no contexto brasileiro: o Ensino Médio. Esta mudança foi colocada em vigência por meio de medida provisória presidencial, algo inédito (e extremamente autoritário) nas reformas educacionais já feitas no Brasil. O fato de tratar-se de um governo golpista num contexto de população ainda (minimamente) organizada levou a uma forte reação de diversos segmentos contra essa reforma.

Ele coloca que o governo usou de medidas autoritárias, a referência é ao fato de que as medidas provisórias do então governo para além do golpe, como ele cita, foram medidas rápidas, como ele coloca de maneira inédita. E como aponta em seus registros escritos, ele não foi o único, houve um movimento contra as medidas do governo, pois a sociedade estava, como ele pondera, minimamente organizada, mas ainda assim estava. Nos interessa também a questão, para além de outras, que ele traz, que houve forte reação de diversos segmentos, percebemos isso pelos relatos em que não só as escolas foram ocupadas, mas universidades e os institutos federais, ou seja, mais gente lutou contra essa reforma, apesar de ter tido maior força entre os/as secundaristas. Ainda de acordo com a sua memória e escrita:

Eu pude acompanhar e, na medida do possível, participar ativamente deste fato. Eu era professor do Colégio Estadual Desembargador Cunha Pereira, uma escola que contava com um grupo de estudantes muito ativos e engajados no movimento estudantil. Foi organizado para outubro de 2016 um grande ato municipal em Fazenda Rio Grande contra a Reforma do Ensino Médio, contando com estudantes de várias escolas que seguiram erguendo suas faixas e acompanhando um carro de som num percurso por vários bairros da cidade.

Vejamos que novamente, o colégio Des. Cunha Pereira é citado e o professor F. bem como outros/as que participaram dessa ocupação, claro que como ele coloca, como podia, traz ele ainda a palavra engajados bem como também ativos, e ao que aparece, em seu relato e memória o professor F. liga isso ao movimento estudantil, e como vimos no relato da professora M. isso se dava por relação a aluna J. que estava à frente do Grêmio, o que fortalecia o movimento, até por que como ele diz:

Foi organizado para outubro de 2016 um grande ato municipal em Fazenda Rio Grande contra a Reforma do Ensino Médio, contando com estudantes de várias escolas que seguiram erguendo suas faixas e acompanhando um carro de som num percurso por vários bairros da cidade.

Essa percepção se deu porque ele estava na ocupação e pela sua participação nela, como ele relatou acima. E talvez a memória do professor F. ainda seja muito nítida do movimento, e ao que nos parece estava com os/as estudantes, bem como ele relata sobre as ocupações à medida que participou dela:

À época eu realizava registros fotográficos amadores em diferentes eventos organizados pela escola (festivals de música, apresentações da equipe multidisciplinar, aulas de campo, dentre outros registros) e fui fotografar a mobilização dos estudantes.

As ocupações foram fotografadas por ele, que então se materializou numa reação, no caso dele, sua memória está para além de produzir uma escrita, mas criar uma imagem mental, isso seria de grande interesse, para o estudo das ocupações, dado sua completude, ou seja, temos duas fontes sobre o movimento em que no caso dele, há fotografias e escrita sobre o tema. E ao que nos parece para além das fotos ele se expandia para outras situações, como quando escreve:

Conversei com estudantes e professores de algumas escolas e lembro que o clima era de muita indignação com tudo o que sofriamos: a reforma do Ensino Médio, mas, também, o Golpe, o 29 de abril, a precarização da carreira, a precarização da escola, enfim, foi um evento que materializou uma reação a tudo o que sofriamos.

Como ele relata, a educação estava vivenciando um clima de indignação, e *materializou os ataques a tudo que a educação estava sofrendo*. Vejamos que ele cita a reforma do E. Médio, o Golpe e o 29 de abril, isso corrobora em parte com outros relatos, pois no caso da reforma e do golpe a Dilma, foi rememorado bastante aqui nos relatos, o

que demonstra, não só uma memória individual, no caso da dele, mas também coletiva. Seguindo-o ainda traz que:

O evento ocorreu pela manhã e quando finalizou lembro que um grupo grande de estudantes seguiram para o colégio Cunha Pereira para a realização de uma assembleia a fim de decidir os rumos daquele grupo organizado. Porém, antes mesmo da assembleia acontecer, eu e os demais professores da escola fomos surpreendidos pelos estudantes que estavam chegando da manifestação: fomos comunicados que a escola estava ocupada e que nós deveríamos deixar o prédio. Em específico comigo, lembro de uma estudante do 6º Ano vindo com uma euforia que não cabia nela me dizer professor, você precisa deixar a escola, nós estamos ocupando o prédio contra essa reforma.

Ele escreve em sua memória que uma aluna de sexto ano, estava em euforia, e pede que ele e os demais deixem o colégio Des. Cunha Pereira, como ele diz, foram *comunicados*, isso demonstra, e está em paralelo ao que outros/as professores/as disseram em suas memórias, no caso, desta ocupação, vemos que ele relata, que não houve uma violência sequer, mas sim eles/as foram, *comunicados*, ninguém os expulsou, ou houve a violência, nesta escola, o que não podemos dizer de outras, pois houve, mesmo que seja pouca, uma violência simbólica, também notasse que ao contrário de outros relatos, aqui no caso dele, que foi uma adolescente de sexto ano, diríamos que ela tinha a época 11 anos ou 12, que o avisou, também importante notar que nas ocupações como pesquisamos o fator sexo feminino prevaleceu. Com relação a ocupação, ser pacífica, isso se deu como ele escreve, pelo fato de que:

Em geral, os professores não resistiram e deixaram os estudantes no espaço exercendo seu direito à manifestação política. Porém, a reação das instituições estatais foi rápida e implacável.

Como ele escreveu, houve pouca ou nenhuma oposição, pois ali a maioria entendia o direito dos/das estudantes em protestar, e também devia ao fato de que os/as professores/as já estarem como ele bem como outros, relataram, fartos/as das medidas autoritárias do governo, porém não podendo lutar contra elas, apoiavam como vimos, a ocupação, que como ele disse, como podiam. E bem, segundo os relatos de outros/as que aqui expomos, a maioria ajudava sim os/as estudantes, pois estes/estas demonstraram-se e fizeram das ocupações, suas vozes contra a reforma. Mas a pressão vinha, como ele relata em suas memórias, *das instituições estatais foi rápida e implacável*. Como exemplo:

O conselho tutelar, órgão que zela pela integridade da infância e adolescência, se manifestou contrária à ocupação e ameaçou tomar medidas legais contra os responsáveis dos estudantes que ocupavam as escolas. A Secretaria de Educação manifestou-se contra alegando que estava ferindo o direito à educação dos estudantes.

Estes órgãos como o conselho tutelar, como vimos estavam sempre na contrariedade do movimento, o conselho tutelar bem como a Secretária de Educação, desde

o início agiram em comum para a ordem e ao lado do governo, porém em outra memória, o professor F. cruza as suas com a do diretor M. citando-o à época em que ele diz:

O professor Marlon, então diretor, recebeu ligações do NRE e do Secretário da Casa Civil (à época ocupado por Valdir Rossoni) com ameaças e foi conduzido em viatura policial até o promotor da cidade de Fazenda Rio Grande, fato que considerei um absurdo.

Seu relato e memória corroboram, como estamos entendendo e como já trouxemos com a do próprio diretor M. e a do professor P. então como diz o professor F. havia grande pressão para que alguém assumisse a ocupação, e inclusive como ele relata usaram de ameaças e foi conduzido ao promotor, fato que como ele diz, foi um *absurdo*. Esses problemas nas ocupações eram aos montes, porém não apareciam na mídia, dado que esta estava ao lado do governo. Ele continua seu relato, falando sobre:

Outras formas de resistência que sofremos foi da sociedade civil, que à época já apresentava sinais de radicalismo conservador (que veio a ser capitaneado pelo bolsonarismo tempos depois). Lembro de ser duramente atacado em minhas redes sociais, inclusive por pessoas que nem conhecia. Em uma das fotos que publiquei da manifestação, um desconhecido fez comentários deslegitimando o movimento estudantil levando a uma grande discussão, na qual eu dei uma aula sobre o problema da educação no Brasil e do problema do Ensino Médio não poder ser resolvido por meio daquela reforma.

É possível ver que suas lembranças, apesar de tantas experiências, algumas não foram tão boas, a exemplo como ele foi ultrajado nas redes sociais, tendo que se explicar, como ele diz, *dando uma aula*, o que já nos dá uma ideia de como a nossa sociedade era em 2016, como ele diz, *capitaneado pelo bolsonarismo*, isso demonstra como observamos em outros relatos como os/as estudantes, bem como professores/as simpatizantes sofreram opressão por apoiar o movimento, como em outros relatos também nos escreveram, ameaças eram a tônica da direita. Dando continuidade ao seu relato, ele coloca algumas dificuldades dos/das estudantes:

Nos dias em que a escola foi ocupada nos professores não podíamos entrar no prédio, mas, mesmo assim, eu contribui ativamente com os ocupações. Nas questões materiais, eu e minha esposa (também professora da escola), levamos mantimentos, utensílios domésticos, saco de dormir. Lembro que numa noite os estudantes me ligaram pedindo se era possível levar um botijão de gás, pois eles estavam sem condições de fazer comida.

Isso que ele relata acima, presenciamos em outras escritas e memórias em que havia ajuda dos/as professores/as, percebemos que como ele diz, não podia adentrar o prédio, mas contribuiu ativamente para a ocupação. Também ele destaca que:

Nas questões político-pedagógicas, lembro que os estudantes organizaram oficinas para manter uma rotina de estudos e debates. Neste ponto, lembro que minha esposa levou à escola uma palestrante que era sua companheira de grupo de estudos. A palestrante, que à época era doutorando do programa de

pós-graduação em sociologia, estudava juventude e direitos humanos e fez uma fala para os jovens presentes na escola.

Reparamos que apesar de muitas vezes a mídia não falar ou omitir, havia sim aulas, como ele coloca que: *Nas questões político-pedagógicas, lembro que os estudantes organizaram oficinas para manter uma rotina de estudos e debates*. Também é notório que quase nunca, e ou, nunca temos uma visita nas escolas, de doutores, mas nessa ocupação segundo suas palavras, houve uma palestra de uma doutoranda, que trouxe o tema direitos e juventude. O que não se viu segundo as memórias do professor, e de outros/as como diriam os/as que eram contra as ocupações, uma baderna. E em suas palavras e memórias finais ele escreve que:

O período de ocupação foi muito interessante, sobretudo para os estudantes que puderam se perceber enquanto protagonistas daquela instituição que historicamente tinha uma relação vertical. Quanto ao processo de desocupação, lembro de estar determinada para um sábado pela manhã. Vários professores combinaram de estar presentes para homenagear os estudantes e valorizar o feito deles. Houve (sic) algumas falas e muita emoção.

Vejamos que a palavra protagonista aparece novamente, lembramos que em outros relatos ela já apareceu, dando mais de um sentido talvez a palavra. Ele finaliza seu relato trazendo as memórias de que a ocupação se deu por encerrada, mas ainda assim, houve ainda uma homenagem aos/as estudantes, e como outro relato trouxe, houve muita emoção.

Estamos quase finalizando os relatos, e uns mais aprofundados outros mais breves, mas todos trazem em perspectiva o que foram as ocupações, claro que esta pesquisa não cobre todo o evento, mas clarifica o que aconteceu em algumas dessas ocupações as memórias são do Colégio Des. Cunha Pereira. Estamos em finalização, com os relatos, porém gostaríamos de trazer mais alguns para fechar esse capítulo. Passamos ao relato do professor P. que:

Escrevo para expressar meu testemunho pessoal a respeito das ocupações estudantis que ocorreram em diversas escolas brasileiras ao longo do ano de 2016, e também em Araucária- Pr, onde lecionava nesse período a intenção é compartilhar minha visão sobre esse movimento que, na minha perspectiva, foi um marco importante na luta pelos direitos educacionais no Brasil. Durante esse período, fui testemunha das ocupações que aconteceram em várias escolas onde lecionava, onde estudantes uniram forças para reivindicar melhorias no sistema educacional, esses jovens demonstraram uma coragem e determinação para enfrentar questões críticas que afetavam não apenas suas condições de aprendizado, mas também o futuro da educação no Brasil.

O professor P. se refere às ocupações *como uma um marco importante na luta pelos direitos educacionais no Brasil*. Vemos que ele na época lecionava em Araucária, importante para nós, pois podemos girar as memórias e ampliar a visão, sua memória, sua experiência sua perspectiva, e também seu testemunho, reflete o que outros relatos trouxeram das ocupações, ele cita inclusive que: *esses jovens demonstraram uma coragem*

e determinação para enfrentar questões críticas que afetavam não apenas suas condições de aprendizado, mas também o futuro da educação no Brasil. Araucária, região metropolitana de Curitiba, teve várias escolas que foram ocupadas, e os/as jovens dessa cidade como ele coloca, bem como em outros relatos, estavam determinados/as a enfrentar as questões educacionais, como ele menciona, para além das questões de aprendizado, ou seja, questões estruturais. Em outra parte de seu relato ele traz que:

Ao ocuparem as escolas, os estudantes buscaram chamar a atenção das autoridades para problemas como a falta de investimento na educação, a precariedade das instalações escolares e a necessidade de uma participação mais efetiva dos alunos nas decisões educacionais, a mobilização desses jovens, foi inspiradora, mostrou a força da voz estudantil e a capacidade de causar impacto positivo por meio da ação coletiva, além disso, as ocupações destacaram a importância do diálogo entre alunos, educadores e gestores para construir um ambiente educacional mais justo e inclusivo, a partir da troca de ideias durante esse período promoveu uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados pela comunidade escolar e possibilitou a criação de soluções mais eficazes e colaborativas.

É perceptível que o professor P. é mais uma testemunha ocular, e que presenciou como outros/as e bem relataram um movimento dos mais importantes da nossa educação, como ele coloca, e nas suas palavras *mostrou a força da voz estudantil e a capacidade de causar impacto positivo por meio da ação coletiva*, ou seja, o movimento das ocupações não foi algo sem sentido, e, como já frisamos uma baderna, principalmente quando ele diz que, houve uma ação coletiva, pois que nesse coletivo, havia uma ideia, um reconhecimento da maioria por e pela ocupação. Outra questão que ele destaca foi que, ele como professor percebeu que: *as ocupações destacaram a importância do diálogo entre alunos, educadores e gestores para construir um ambiente educacional mais justo e inclusivo, a partir da troca de ideias durante esse período.* A ocupação, segundo ele, não foi apenas para lutar por uma ideia, mas trouxe a importância do diálogo entre alunos, educadores e gestores. Isso flerta com outros diálogos em que se teve palavras parecidas, ou paralelas, a exemplo *a ajuda dos velhos e bons professores* ou como os próprios educadores/as viam em sua maioria esse movimento. É assim que em seu relato, bem como suas memórias escritas, como ele diz:

Ao longo das ocupações, testemunhei a solidariedade entre os estudantes, que se organizaram de maneira responsável, mantendo a ordem e zelando pelo espaço que ocupavam, esse comportamento demonstrou maturidade e comprometimento com a causa, refletindo a seriedade com que encaravam a luta por uma educação de qualidade.

Vejamos essas palavras, *maturidade e comprometimento com a causa*, ela é uma referência a outras palavras, como engajamento, já utilizada e destacada em outras memórias, o que demonstra que havia uma conexão entre os propósitos dos/das estudantes

ainda que equidistantes, dentro das ocupações, e os relatos trazidos confirmam, que elas não eram bagunça, balbúrdia, baderna, ou coisa assim, mas que os/as adolescentes tinham a noção, do que pretendiam. Ele prossegue com suas palavras, em que:

As ocupações estudantis de 2016 deixaram uma marca em minha memória, pois representaram um momento em que os jovens brasileiros se uniram para reivindicar seus direitos fundamentais. Fica registrado a minha admiração pelos estudantes envolvidos e minha esperança de que as mudanças desejadas tenham deixado um legado positivo para as gerações futuras, espero que este relato possa contribuir para uma compreensão mais abrangente do significado e do impacto das ocupações estudantis de 2016.

É nítido, como ele coloca, a importância que deu às ocupações, e que a sua memória, e sobre as mesmas, como ele deixa transparecer, deixaram uma marca, em que ele descreve: *as ocupações estudantis de 2016 deixaram uma marca em minha memória, pois representaram um momento em que os jovens brasileiros se uniram para reivindicar seus direitos fundamentais*. Seria assim na sua vida uma espécie de memória profunda, poderosa, e ao mesmo tempo algo esperançoso. Trazemos agora nosso penúltimo relato, o da professora J. que:

Lembro-me de ter acontecido uma passeata dos estudantes secundaristas no centro de Fazenda Rio Grande. Esta passeata reivindicava diversos direitos e sobretudo questionava as novas configurações do Novo Ensino Médio que estava em vias de aprovação. Depois da passeata os estudantes dirigiram-se às escolas da região, adentraram e informaram à direção e aos docentes que estavam ocupando o espaço que era deles e que ali permaneceriam até que fossem atendidas as suas justas reivindicações.

Vejamos que ela começa sua memória com a lembrança seguinte: a *passeata reivindicava diversos direitos e, sobretudo, questionava as novas configurações do Novo Ensino Médio que estava em vias de aprovação*. A palavra passeata, e reivindicava direitos, reflete uma prática política comum, e na sequência como ela relata, *adentraram a escola*, em nenhum momento segundo ela, invadiram, ou houve o emprego da violência. Em outras passagens de seu relato ela continua em que:

No meu entender os estudantes utilizaram do seu direito constitucional de fala e de reivindicação de direitos, embora as autoridades locais e governamentais tentassem criminalizar o movimento. Durante o tempo em que estiveram no interior do colégio, os estudantes tiveram atividades todos os dias.

Ela como outras pessoas, que nos legaram suas memórias, percebe que não havia nada de errado dentro das ocupações, bem do contrário, como ela reflete e coloca, *durante o tempo em que estiveram no interior do colégio, os estudantes tiveram atividades todos os dias*. Isso fica claro em outros tantos relatos como do professor F. o qual relatou a presença de uma doutoranda, ou de outros/as de que havia oficinas diárias nas ocupações. Vejamos como ela segue sua linha de escrita sobre isso:

Tiveram aulas de diversos temas, atividades recreativas, debates, além de uma incrível organização entre eles. Mantiveram a escola em perfeito estado e até fizeram melhorias. Cortaram a grama, fizeram jardim, limparam, lavaram. Criaram um sistema de organização para as tarefas domésticas e de alimentação.

Para além disso, descrito da organização da ocupação, ainda ela nos traz uma é importante lembrança, que mantiveram a escola, em perfeito estado, ou seja, o respeito a instituição era maior do que muitos apregoavam, e por vezes a mídia comercial trazia. Ainda como ela relata, eles/elas tinham (estudantes) uma organização incrível, pois ao que se percebe tinham um objetivo maior. Ela finaliza seu relato com essas palavras:

O protagonismo político dos estudantes das ocupações foi ímpar e por isso marcaram história. Após muita pressão das autoridades, aos poucos os colégios de todo o Paraná foram sendo desocupados. O Colégio Estadual Desembargador Cunha Pereira permaneceu ocupado por 21 dias. Mas os estudantes ficarão para sempre nos anais da história e na memória das comunidades locais como a Primavera Estudantil 2016.

Ela nos traz uma última memória, mas que é de suma importância, pois ela cita que este colégio é o Des. Cunha Pereira, teve um protagonismo político, e que o mesmo permaneceu 21 dias ocupado, se formos pensar em termos de resistência estudantil, e toda a pressão sofrida pelos ocupantes, desde os/as diretores/as, isso foi uma das maiores ocupações do estado do Paraná, se não uma ocupação de longo prazo até aqui levantada por nós, também importante ressaltar como ela viu esse movimento, pois segundo ela: *foi um protagonismo político dos estudantes das ocupações foi ímpar e por isso marcaram história*. Fechamos esse relato em que a professora J. nos legou a suas memórias. Neste momento traremos nossos dois últimos relatos, e aí findamos este capítulo. Até aqui vimos as ocupações, do ponto de vista, e pela ótica de cada um/a até agora, ou melhor de suas memórias. Trazemos agora a professora MI. será nossa penúltima experiência das ocupações de 2016. E essa nas palavras dela:

Nesse ano de 2016, eu trabalhava no Colégio Estadual Avelino Antônio Vieira, que fica no bairro Fazendinha, em Curitiba. Essa escola tinha um grêmio estudantil bastante atuante, e naquele ano, tanto o governo estadual, quanto federal estavam atacando as escolas com diversas medidas autoritárias, incluindo a Medida Provisória do Novo Ensino Médio. Os professores sempre conversavam francamente como os alunos, explicavam o que realmente estava acontecendo, e haviam organizado dois protestos nas proximidades da escola, que teve a participação de toda a comunidade escolar.

Ela coloca memórias, das quais também outros/as nos trouxeram que na escola havia um grêmio estudantil, isso teve fator promissor para a ocupação, no caso de outra escola, a Des. Cunha Pereira, e como colocamos várias vezes acima em outras linhas, e no relato da professora MI. ela diz que, a escola Avelino Antônio Vieira, tinha nesse ano uma o grêmio tinha uma *atuação*, que inclusive *havia organizado dois protestos nas*

proximidades da escola, que teve a participação de toda a comunidade escolar. Como observamos já de início, o relato da professora MI, reflete que esta escola tinha certa atividade de protestos. Ainda sobre o grêmio e segundo ainda suas memórias:

O grêmio estudantil que já era atuante no Avelino, decidiu ocupar a escola (não me recordo o dia exato). Lembro que o grêmio estudantil pediu autorização da direção para levar todos os alunos para o pátio, a fim de discutirem a situação. A direção autorizou e todos os alunos foram liberados.

A direção como ela coloca liberou, vejamos que segundo essa memória a escola estava ciente de que os/as estudantes tinham talvez esse direito, porque não se opôs. Atentamos também que ela diz, que:

Lembro que as ocupações começaram em São José dos Pinhais, depois em escolas como o Colégio Estadual do Paraná e o Pedro Macedo e foram se espalhando por toda Curitiba e região. Os professores, funcionários e direção ficaram nas dependências administrativas aguardando a decisão dos alunos.

Eles/elas, no caso professores/as e afins, segundo sua memória, ficaram ali aguardando, e como ela traz em seu relato, e:

Após deliberar, os alunos nos comunicaram que iriam ocupar a escola. Os professores apoiaram a decisão e fizeram uma vaquinha para comprar mantimentos para os alunos. Nesse dia, eu e mais duas professoras saímos para comprar mantimentos para os estudantes.

Percebe-se que fizeram uma vaquinha, ou seja, juntaram dinheiro para comprar alimentos, o que observamos isso em outras memórias, que como já foi mencionado havia uma cooperação entre docentes e discentes e é claro, como testemunhos entre discentes de que os docentes eram a favor das ocupações, pelo menos a maioria. Como vemos e como ela relata:

A direção liberou quase todas as dependências da escola para os alunos, mostrou como funcionava a cozinha, lembrou da responsabilidade do movimento e pediu para que os professores, os pais, direção e funcionários tivessem livre acesso à escola em qualquer horário, se fosse necessário.

Ponderamos e compreendemos aqui nessa memória que a direção, ao contrário de outras, segurou as rédeas da ocupação, pois como ela coloca, que a escola: *lembrou da responsabilidade do movimento e pediu para que os professores, os pais, direção e funcionários tivessem livre acesso à escola em qualquer horário, se fosse necessário.* Ou seja, a escola estava nas mãos dos/as estudantes em parte, por que eles/elas estavam sendo vigiados/as, e como contemplamos em outras memórias as escolas ocupadas, muitas delas após serem tomadas não deixavam ninguém entrar, isso inclusive deu brecha a secretária S. fizesse críticas a ocupação do Des. Cunha Pereira, como já descrevemos aqui, mas cada escola agia de uma maneira, isso é havia autonomia. Então dando sequência, e como ela

comunica em seu texto:

Após isso, funcionários, professores e equipe diretiva deixaram a escola. Os professores se organizavam para ir à escola constantemente para realizar oficinas de conhecimentos diversos com os estudantes, e assim se seguiu com vaquinha para mantimentos e oficinas até o final da ocupação. A direção e professores fizeram oficinas de música, de arte, de história com os alunos e sempre apoiaram os estudantes.

Vejamos que ela menciona, as mesmas atividades que outras memórias aqui expostas trouxeram, essa escola ocupada tinha oficinas para as mais diversas atividades, e é claro, como ela põe, havia apoio dos/das professores/as. Finalmente ela expõe que: *o Avelino foi uma das últimas escolas a deixar a ocupação e o fez de forma espontânea e pacífica.*

Como descrito por ela, a ocupação dessa escola, situada em Curitiba, como as demais que aqui expomos ao longo do trabalho, foram se esvaziando de forma pacífica, ou às vezes não, isso se deu pois, como os próprios relatos demonstraram, por que de maneira geral os/as estudantes só queriam ser ouvidos/as, o que é claro como foi visto pelas memórias não foi acatado pelo governo. Finalmente passamos ao nosso último relato, o do professor R. que traz:

Em 2016, trabalhava no Colégio Estadual Pedro Macedo, que fica no bairro Portão, em Curitiba. É considerado um importante colégio da região, e uma referência para outras escolas. Aquele ano foi bem difícil para a comunidade escolar, pois o Governo Federal havia anunciado uma reforma autoritária do Ensino Médio que afetava a todos.

Ele começa expondo seu relato em que cita a escola como importante referencial para a região de Curitiba, atentamos para o fato de que a maioria dos relatos expostos foram da região metropolitana, porém esses dois últimos trazem importante contribuição de professores/as da capital, Curitiba. Ele ainda explica que:

No primeiro dia de ocupação os alunos do Pedro Macedo se reuniram em um grupo bem grande, e guiados pelo grêmio estudantil tomam o controle da escola. Os alunos solicitaram que professores, funcionários e direção deixassem imediatamente a escola. Os professores se dividiram em opinião: alguns apoiaram a decisão dos estudantes, e outros ficaram contra. Alguns professores chegaram a discutir com os alunos, porém, os alunos venceram e fecharam a escola.

Como ele relata nessa ocupação as coisas não foram tão animadoras, ao contrário de outras, pois apesar de ter um grêmio estudantil, como os demais, que já trouxemos aqui, exemplos como do Des. Cunha Pereira e do Avelino, aqui houve certa confusão dos/das estudantes com os/as professores/as, isso nos traz uma novidade, pois que até agora a maioria dos relatos não mencionava essa contrariedade, ao menos na tomada da escola, pelos estudantes como ele retrata. Porém ele ainda descreve que: *os professores e pais que*

apoiaram a decisão, sempre levavam mantimentos e suporte aos seus alunos e filhos. Vejamos que na sequência ele relata que houve certo apoio, inclusive de pais de alunos/as, o que demonstra, talvez, que a comunidade desta escola estava com eles/as, e que refletiu sobre. Mas para além dessa abertura e participação, ele coloca outra situação em que:

Praticamente nenhum professor conseguiu entrar na escola durante a ocupação, devido aos conflitos e perseguições que aconteciam em frente à escola. A União Paranaense dos Estudantes vinha constantemente para dar apoio para os alunos do Pedro Macedo. Professores contrários e mais radicais davam constantemente entrevistas para a grande mídia a fim de difamar e desmobilizar os estudantes da escola.

Como estamos percebendo na escola Pedro Macedo, não foi uma ocupação pacífica e bem ao contrário de outras, aqui já retratadas os/as estudantes tiveram que lidar contra inclusive os/as docentes, como ele relata que davam entrevistas a fim de desmobilizar o movimento dos/das estudantes. E não só isso, como também, segundo ele:

Os alunos do Pedro Macedo sofreram ataques de grupos radicais de direita, como o Movimento Escola Sem Partido e o MBL, sofreram ataques de professores que diziam que queriam trabalhar e de pais de alunos que vinham até a frente da escola para protestar.

Conjuntamente a outras violências, como ele nos traz os/as estudantes, nessa ocupação ao contrário das outras, tinham inimigos/as fortes, pois somavam, agora aos pais, professores/as e ainda como ele cita, movimentos de direita. Que como ele diz inclusive:

Após diversos ataques, conflitos e tentativas de invasão, os alunos decidiram deixar a ocupação da escola. A direção nunca apoiou o movimento estudantil e após o retorno das aulas, perseguiu vários professores por apoiar esse movimento.

Assim constatamos que nessa ocupação, que será nosso último relato, das memórias e aqui do professor R. os/as estudantes ao contrário das demais não obtiveram êxito, se levarmos em consideração a escola Des. Cunha Pereira que segundo relato aqui exposto pela professora J. ficou 21 dias ocupada, e sem muitas desavenças com a comunidade e ou direção e professores/as, podemos inferir que esta ocupação da escola Pedro Macedo, em Curitiba foi uma péssima experiência para os/as estudantes, até por que, como observamos nas palavras do professor, *a direção nunca apoiou o movimento estudantil e após o retorno das aulas, perseguiu vários professores por apoiar esse movimento.*

Finalizamos nossos relatos aqui apresentados trazendo abaixo dois quadros com algumas informações, no primeiro elencamos as palavras mais utilizadas nos relatos e trouxemos uma possível tradução para elas, na medida em que fomos lendo os relatos das memórias. Já no segundo quadro trouxemos algumas informações sobre quem participou e escreveu os relatos na medida em que sabemos dessas pessoas.

3.2 PALAVRAS, TERMOS E EXPRESSÕES MAIS CITADAS NOS RELATOS

Dentre os 23 relatos que trouxemos sobre as ocupações de 2016, arrolamos algumas palavras e expressões mais citadas no quadro abaixo, bem como alguns possíveis sentidos delas no contexto:

Apresentações: essa palavra foi escrita muitas vezes se referindo as apresentações que aconteciam nas escolas ocupadas, pois tinham segundo alguns relatos escritos, haviam oficinas, teatros e demais apresentações que os/as estudantes e convidados/as faziam durante os dias das ocupações.
Memórias: a palavra apareceu em muitas escritas, se referindo ao que os/as estudantes guardaram sobre a sua participação no evento.
Primavera secundarista: esta palavra foi muito utilizada para se referir ao movimento das ocupações por alguns/algumas, principalmente pelos/as estudantes.
29 de abril: essa palavra se deve ao evento de greve em 2013, em que o governador Beto Richa agiu com extrema violência contra a educação na praça Nossa Senhora de Salette, palavra citada por professores/as na ocasião.
Greves: palavra bastante usada por alguns/algumas, principalmente professores/as para se referir ao ano anterior a 2016, em que muitos/as estudantes acompanharam as greves dos/das professores/as em prol da educação.
Direita: termo usado em política e que nesse ano de 2016, havia uma polarização muito forte vindo dessa vertente, bem como ataques às escolas ocupadas por representantes dessa corrente política.
Bolsonarismo: outro termo político para se referir aos/as que apoiam as ideias de Jair Bolsonaro à época do impeachment da Dilma.
Escola sem partido: Movimento político de direita em que se defendia ou defende que professores/as percam sua liberdade de cátedra, no caso qualquer reflexão mais à esquerda.
MBL: Movimento Brasil Livre, difusor das ideias de direita à época das ocupações em 2016, muitos/as dos/das integrantes desse movimento de direita, pregavam o neoliberalismo, e estiveram nas ocupações contradizendo as mesmas por trazer falsas informações de que elas eram de esquerda e ou apoiadas por partidos de esquerda.
Engajados/as: palavra usada por professores/as para dizer o quanto os/as estudantes estavam se dedicando às questões de luta contra o governo e a reforma do Ensino Médio.

Futuro: palavra usada por estudantes e educadores para representar o quanto estavam lutando por algo que era para além do presente.
PEC 746: Lei que o governo Michel Temer havia proposto para a reforma do Ensino Médio, e que motivou em parte as ocupações de 2016.
Debates: palavra usada por alguns/algumas estudantes bem como professores/as para se referir ao que estavam sendo feito dentro das ocupações, e inclusive antes delas pelos/as estudantes.
Vozes: vários relatos trouxeram essa palavra como se ela representasse os/as estudantes dentro das ocupações, ou seja, que eles/elas queriam ter voz, serem ouvidos/as.
Protagonista: essa foi uma das palavras mais usadas pelos/pelas professores/as ao se referir aos/as ocupantes das escolas, no sentido de que foram e ocuparam as escolas por estarem insatisfeitos/as com a educação e o rumo que ela tomaria.
Núcleo de educação: é um órgão da educação governamental e citado por vários relatos em que o mesmo, pressionou para que as ocupações no Paraná fossem findadas.
Reforma do ensino médio: essa foi a que a palavra mais utilizou-se nos relatos por quase todos/as pois sabiam que o que motivou as ocupações foi, em si, a reforma do ensino médio o que demonstra que muitos/as estavam atentos/as ao que ocorria com a educação.
Michel Temer: ex-presidente do Brasil na época das ocupações, em 2016, vários relatos citaram o nome dele e sua reforma que atingiria a educação.
Mídia oficial: palavra que apareceu em alguns relatos para se referir as notícias sobre as ocupações e de como eles/elas às vezes ficavam sabendo do acontecido, também alguns relatos dizia de sua capacidade tendenciosa de abordar o movimento, muitas vezes de forma negativa.
Grêmio estudantil: agremiação de suma importância nas escolas, e das quais quando ocupadas, e antes, teve um papel muito importante na organização e esteve a frente de muitas ocupações.
Ocupação organizada: uma das palavras mais utilizadas nos relatos, muito citada pelos educadores/as em que a citam para descrever que as ocupações eram muito arrumadas em sua maneira de estar no espaço da escola, a exemplo cuidando dos espaços sem destruí-lo.
Mobilizar: expressão bastante usada nos relatos em que os/as estudantes diziam para se organizar as coisas dentro da ocupação.
Novo ensino médio: expressão que muitos/as utilizam, e que à época se referia ao NEM, um dos motivos que as pessoas em seus relatos descrevem como determinante da ocupação das escolas.

Movimento estudantil: item que se refere aos estudantes e de suas práticas para lutarem por seus direitos, no caso essa palavra foi bastante utilizada pelos estudantes em seus relatos.

Não pretendemos alongar esta análise, mas queremos sublinhar como a maioria dos relatos traz clara referência, em suas enunciações, a sujeitos e entidades coletivos que atuaram no contexto: movimentos de esquerda ou direita, agentes políticos, são citados, dando clareza de que se tratava de um movimento político e social, no qual o protagonismo individual é importante, mas menos relevante. Há uma percepção do político atravessado pelo coletivo, pelo institucional. Outro aspecto são os enunciados que se referem a agências como vozes, engajamento, mobilização, ocupação, movimento, protagonismo, indicando reconhecimento da capacidade coletiva de tomar decisões e exercer influência sobre o mundo ao seu redor, mesmo que dentro de determinados limites sociais e estruturais.

Mais que sintetizar essas vozes e agências, dando um sentido, ou buscando um sentido, o mais importante aqui, foi trazer à tona essas vozes e sujeitos em sua própria percepção.

4 PARTE PROPOSITIVA: UM LIVRETO PARA TRABALHAR COM ESTUDANTES SOBRE SER ESTUDANTE

Nesse capítulo, o último da dissertação, trazemos a parte propositiva do trabalho. Ela consiste em um material didático, um livreto composto de algumas páginas, que produzimos em parceria com a estudante Bianca Luana T. Gomes, do curso de História da UEPG. Esse livreto foi elaborado como material para interação do/da professor/a em sala de aula com os/as estudantes para trabalhar o tema Movimento Estudantil e Grêmios Estudantis. Ele está anexado em PDF.

Nele buscamos ser prático/as e responder algumas perguntas que fizemos, ao longo do trabalho, e que compõe, ou estão, atrelados ao nosso tema de pesquisa como corpus, isso é, sobre os movimentos estudantis, em específico as Ocupações Secundaristas de 2016. Mas, que traz como questão de fundo uma reflexão sobre a força dos/as jovens, dentro da comunidade escolar, focando em extensão o Brasil e a educação em contexto.

Buscamos responder de forma bem sucinta, perguntas tais como: o que é ser estudante? O que é o Movimento Estudantil? O que é um Grêmios Estudantis? Bem como trouxemos de forma breve textos que podem auxiliar os/as educadores/as em sala de aula, isto é, quando se trata de temas como história, ser estudante, escola, movimentos estudantis e grêmios.

Nossa intenção é que esse material possa jogar luz sobre a participação e o conhecimento da importância política dos movimentos estudantis, no Brasil para a tomada da participação política e democrática, e principalmente a força que os/as estudantes têm, bem como os grêmios estudantis nas escolas, e primar pela sua necessidade e a sua representação, diante dos/das estudantes perante a sociedade atual, mas não só, pois deles depende o futuro.

Não prescrevemos, como é comum nos materiais didáticos, orientações didáticas ao professor. Trata-se de uma aposta e uma posição. Conforme Goodson:

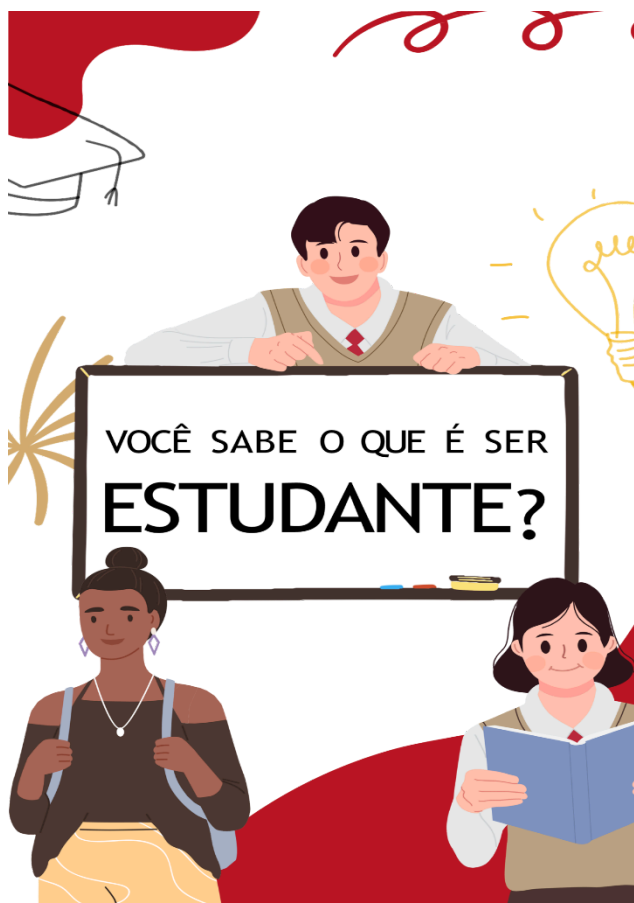
Em vez de escrever novas prescrições para as escolas, um novo currículo ou novas diretrizes para as reformas, elas precisam questionar a verdadeira validade das prescrições predeterminadas em um mundo em mudança. Em resumo, precisamos mudar de um currículo prescritivo para um currículo como identidade narrativa; de uma aprendizagem cognitiva prescrita para uma aprendizagem narrativa de gerenciamento da vida. (Goodson, 2019, p. 94).

O que Goodson se refere quando afirma que precisamos investir em uma aprendizagem narrativa de gerenciamento da vida"? Ele se refere, segundo Mello (2021, p.26) em texto onde discute a mística das prescrições, a um processo educativo onde a

aprendizagem se dá através da reflexão e da construção de uma narrativa de vida, permitindo que o indivíduo se organize e dê sentido às suas experiências e escolhas ao longo da vida. É uma abordagem que valoriza a experiência individual e a construção de identidade, buscando transformar o indivíduo através do processo de aprender, em vez de focar apenas na aquisição de conhecimento.

Por isso, o material proposto busca contornar a mística das prescrições, e ser um convite a reflexão e ação aos professores/as e estudantes. O que é ser estudante? Hoje e ontem ser estudante são a mesma coisa? Como podemos ser e agir como estudantes hoje? Quais são as condições que temos para agirmos como estudantes hoje? E no passado? Não se trata, portanto, de adquirir conhecimentos sobre um modo de ser estudante, depois realizar exercícios, e em exames aferir a competência e habilidade de ser estudante, como prescreveriam currículos e materiais instrucionais. Não se trata de uma metodologia ativa a ser aplicada na escola. Uma metodologia que promete forjar estudantes de um determinado tipo. É um convite à reflexão, para construção de uma narrativa de vida que tome a condição de estudante como elemento de identidade, quem sou eu estudante? Quais são as minhas escolhas e quais seus limites. É um convite ao questionamento da identidade.

Figura 1 - capa do livreto



Fonte: Marinelo (2025)

Figura 2 - página do livreto



Fonte: Marinelo (2025)

Figura 3 - página do livreto



Fonte: Marinelo (2025)

Figura 4 - página do livreto

ESTUDANTES NA HISTÓRIA DO BRASIL

Os/as estudantes, na maioria das vezes não tiveram voz ativa, mas se levamos em consideração que são parte do processo de produção de conhecimento escolar, e até científico, suas vozes deviam ser muito mais ouvidas. É se visto que a História como ciência, é a que busca compreender as mudanças e permanências ao longo do tempo, então, muitas das aspirações estudantis representam uma luta constante, e quase diária, entre mudanças e permanências. Mudanças, pois avançaram em algumas boas propostas, permanências por que ainda lutam, e brão que lutar, se desejam melhorias futuras.

Em termos de Brasil, se fomos analisar brevemente, temos que nas nossas "revoltas" estudantis historicamente, os estudantes deram sua participação, pois estiveram sempre presentes, como aconteceu na Inconfidência Mineira, em que os letrados, ainda que, poucos tinham acesso às ideias iluministas, debatiam, ou mais à frente em nossa história, em 1822 com a nossa Independência de Portugal, momento esses que filhos de abastados (donos de terras) iam estudar na Europa e trazia consigo as ideias revolucionárias.



O líder estudantil Ildefonso Teixeira telefona para o Brasil, numa situação ao poder de mobilização das lutas estudantis. Charge de humor publicada em "O Cruzeiro" (25/8/1962).

A ditadura militar, significou um dos mais repressivos governos contra o Movimento Estudantil no Brasil, dado que minou qualquer participação política do movimento sendo a UNE, inclusive colocada na ilegalidade.

Importante ressaltar que, enquanto a UNE, seria mais "votada" para estudantes universitários, temos nesse contexto também, a criação da UBES, em julho de 1948, no Rio de Janeiro, em que trata as demandas mais voltadas aos estudantes secundaristas, havendo trocas significativas entre esses dois movimentos.

Das muitas mobilizações, no início da criação da UBES, a mais forte aconteceu no retorno de Getúlio Vargas como Presidente em 1951. Possuindo outros planos para o Brasil, este com ideais nacionalistas, criou o movimento "O Petróleo é Nosso", e os secundaristas tiveram papel importante na defesa dessa ideia.

Por tanto, não sendo esses estudantes de hoje, ainda assim, aspiravam as "mesmas" coisas: liberdade na ação, participação efetiva na política, autonomia econômica, voz ativa nas decisões perante o mundo em que participam.

A UNE (União Nacional dos Estudantes), instituição criada em dezembro de 1938, em pleno governo ditatorial de Getúlio Vargas, momento oportuno e repressivo, não desestimulou a organização dos estudantes, estes que seguiram e marcha manifestando-se sempre contrários às regras dessa gestão, bem como de outros como veremos adiante.

A história do Brasil e da UNE continua em paralelo, e seria novamente e brutalmente maquiada por outro momento ditatorial, especialmente pela Lei Suplicy, nº 4.464 de 1964, momento em que João Goulart, o atual presidente da época, foi destituído pelos militares, estes que ocuparam o poder até 1965.



Estudantes presos na Chácaras do Alemão, em Curitiba. / Foto: DEBACONS

O movimento estudantil e a história do Brasil, mistura uma cultura de luta política, que influi e tende para o "socialismo", na luta contra o capitalismo", o movimento estudantil, estava bem articulado com as demandas sociais, e unia-se aos ideais mais progressistas, nacionalistas e mais à esquerda, se assim podemos dizer.

Na ditadura militar, os/as estudantes tiveram papel primordial na luta contra o governo militar, sendo perseguidos, mortos e humilhados. Porém, é devida a violência desse período, que houve uma pequena recada do movimento, e só ao fim da ditadura em 1985, é que a juventude estudantil pode respirar novamente.



A resistência estudantil no combate a ditadura militar. Foto: Arquivo Nacional

Fonte: Marinelo (2025)

Figura 5 - página do livreto

LUTAS E CONQUISTAS

O ano de 1988, seria um ano de grandes conquistas aos estudantes, pois apoiados pela UBES, os jovens viram a aprovação da Constituição Federal, também chamada de "Constituição Cidadã" que expressava os direitos de participação dos cidadãos, o que sempre foi uma luta do movimento estudantil. Dentre outras coisas a Constituição de 1988, trazia a obrigatoriedade do voto aos que completassem 18 anos, e estabelecia aos jovens de 16 e 17 anos o direito ao voto facultativo, ou seja, a luta valeu a pena.

Mas a luta acabou? Ainda não! Os secundaristas apenas tinham o voto, mas era preciso ainda lutar por outras causas. Com o fim da ditadura militar (1985), iniciou-se a disputa eleitoral legítima. E depois das primárias, para o segundo turno teve-se dois candidatos: Fernando Collor (PRN) e Luís Inácio Lula da Silva (PT), eleição essa realizada em dezembro de 1990.

Fernando Collor fez a promessa de governar para os "sem camisa" e "para os pés descalços", este foi eleito com 35 milhões de votos, assumiu a Presidência da República em 15 de março de 1990. Dois anos após seu governo, em 1992, devido à corrupção, os estudantes secundaristas voltaram às ruas para liderar uma das maiores manifestações da história do Brasil: o Forá Collor.

As manifestações ocorriam pelo Brasil todos os dias, os jovens liderados pela UNE, bem como pela UBES, saíram às ruas, juntamente com as milhares de pessoas, e assim estavam vestidos de preto, com seus rostos pintados em luto contra F. Collor, gritando seu l'impediment.



Jovens e estudantes se uniram em manifestações públicas, no processo do impedimento de Collor. Foto: Flickr. Disponível em: Educabrazil.



Os verde e amarelo no rosto, estudantes exigem afastamento de Collor. Disponível em: O Globo.

Finalmente, ressaltamos a representatividade do movimento estudantil no Paraná, pois a UPE - União Paranaense dos Estudantes, criada em 17 de junho de 1945, e a U.E.F. - União Estadual dos Estudantes do Paraná, ambas defendem a ideia de organizar e ampliar a participação dos estudantes nos debates que envolvem questões educacionais, é claro, fortalecer a representatividade dos estudantes, inclusive uma das primeiras manifestações contra F. Collor aconteceu em Curitiba no ano de 1991, e liderada por estudantes dessas instituições bem como das demais.



Na capital paranaense, cerca de 40 mil pessoas tomaram a região central. Foto: Antonio Costa. Disponível em: Gazeta do Povo.

Assine o site e receba a União Educacional do Paraná. www.une.org.br/pt

Fonte: Marinelo (2025)

Figura 6 - página do livreto



Fonte: Marinelo (2025)

Figura 7 - página do livreto



Fonte: Marinelo (2025)

Figura 8- página do livreto



Fonte: Marinelo (2025)

Figura 9 - contracapa do livreto



Fonte: Marinelo (2025)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa educação, historicamente, sempre sofreu e ainda vem sofrendo, um revés em seu cotidiano, e quando se fala de reformas, elas tendem inúmeras vezes, para o bem do capital, e como não temos um Plano Nacional de educação, aquele que contemple a questão mais humana, e ou, que atenda aos anseios populares, o de uma educação para a transformação social, mas sim, para os planos de governos neoliberais, onde cada um/a deles/as age como se fosse a sua ideia e noção de educação, ficamos a espera de mudanças importantes. Mudasse os móveis, dessa casa, mudasse o lugar, a posição deles, mas sem alterar profundamente o ambiente, pintam-se as paredes, sem lixar a pintura antiga, e tirar a sujeira acumulada, derrubasse a casa, sem valorizar o seu passado dela, colocasse um tapete lindo, para esconder a sujeira, a frase é: mudar para não mudar.

Assim tivemos a Reforma do Ensino Médio, ocorrida em 2016, como um andar para trás, pois enfraqueceu nossa democracia, já debilitada pela péssima educação fornecida aos estudantes em sua maioria de escola pública, e ainda impôs de maneira autoritária o rompimento dos sonhos de nossos/as jovens. As reformas parecem tão novas, mas não mudam efetivamente, nada, pois as reformas atuais da educação brasileira, como vemos e sentimos, estão buscando no passado coisas das quais não deu certo. Reforma é mudança.

Neste sentido, a presente dissertação buscou, e ou, propõe contribuir para o debate que se insere das experiências e memórias nas ocupações secundaristas de 2016, onde as escolas no Brasil vivenciaram na prática, ao ocuparem as escolas, o ensino muitas vezes teórico, dando a eles/elas uma perspectiva de democracia para além da representativa.

Apresentamos na pesquisa alguns relatos de suas memórias, numa visão interdisciplinar, em que, não só os/as estudantes, mas também outros/outras atores e atoras do ambiente escolar puderam falar de como o espaço das ocupações se deu, se fez, e se comportou, também tivemos docentes, discentes e funcionários nessa visão de panorama das ocupações de 2016, dando-nos uma trama do que foi. Para se entender as ocupações é latente percebermos que os movimentos estudantis sempre estiveram no curso histórico, seja em termos de Brasil ou não, isso se dá, sobretudo, porque os jovens anseiam por mudanças estruturais, e também por uma necessidade de ocupar cada vez mais o terreno, que é ainda inseguro e dominado por adultos.

Nesse sentido, é que localizarmos o movimento estudantil secundarista ocorrido no Brasil em 2016, bem no contexto da reestruturação produtiva do capital, em que não só se

fez a reforma do Ensino Médio, como a trabalhista e pensionista, todas se expressaram por meio das reformas, em particular, a da educação, um desejo neoliberal. Trata-se assim das ocupações de 2016, de uma revolta contra o sistema geral, mas canalizada para a educação. Nosso texto tornou-se mais enriquecido com depoimentos de estudantes secundaristas, bem como de funcionários/as que estiveram atuantes no processo de ocupação nas escolas, sem poder aparecer naquele momento.

REFERÊNCIAS

Adolescente morre em escola ocupada no Paraná. **Revista Exame**. Talita Abrantes. Publicado em 24 de outubro de 2016 às, 17h11. Última atualização em 25 de outubro de 2016 às, 16h45. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/adolescente-morre-em-escola-ocupada-no-parana/>>. Acesso em 12 abr. 2024.

AHREN, Jan Martínez. Noam Chomsky: —As pessoas já não acreditam em fatos‖ **El país**, 12 de março de 2018.

Alckmin diz que 2016, será o ano de explicar reorganização das escolas públicas.

Metrópoles, 11 de dezembro de 2015. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/06/cultura/1520352987_936609.html>. Acesso em: 03 mar. 2024.

ALMEIDA NETO, Antonio Simplicio de; MELLO, Paulo Eduardo Dias de. **Diálogos poéticos: sobre história, ensino de história, memória e educação** [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

Análise documental como ferramenta metodológica em história da educação: um olhar para pesquisas locais. (2021). **Cadernos CERU**, 32(1), 139-156. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2595-2536.v32i1p139-156>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

ANDRADE, Daniel Pereira. O que é o neoliberalismo? A renovação dos debates nas ciências sociais. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 34, Número 1, Janeiro/Abril 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/RyfDLystcfKXNSPTLpsCnZp/>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

BENJAMIN, Walter. **O anjo da História**. Organização e tradução de João Barrento - 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica 2022.

BOTTON, de Alain. **Notícias**: manual do usuário. Tradução Clóvis Marques. – 1. Ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

BRENO, Altman: **Império Globo é herança da ditadura**. Reação da Opera Mundi. São Paulo, 22 de junho de 2021. Disponível em:

<<https://operamundi.uol.com.br/20-minutos/breno-altman-imperio-globo-e-heranca-da-ditadura/>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

BROW, Wendy. **Cidadania Sacrificial Neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade** (2023). Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/1467-8675.12166>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História, ou, o ofício de historiador**/ Marc Bloch; prefácio, Jacques Le Goff; apresentação á edição brasileira, Lilia Moritz Schawarcz; tradução, André Telles,- Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORTOLON, Eugênio. **Como a terceirização e a uberização precarizam as condições de vida dos trabalhadores**. Brasil de Fato, Porto Alegre (RS), 24 de julho de 2023 às 10h29min Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/07/24/como-a-terceirizacao-e-a-uberizacao-precarizam-as-condicoes-de-vida-dos-trabalhadores>>. Acesso em: 04 mai. 2024.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira.- 1ª edição.,9ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2023,

CAMPOS, Antonia J.M; Medeiros, Jonas. Ribeiro, Marcio M. **Escolas de Luta**/ Antonia J.M Campos, Medeiros e Marcio M. Ribeiro. Prefácio de Pablo Ortellado-São Paulo; Veneta, 2016. (Coleção Baderna).

CÁSSIO, Fernando (org). **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**/Alessandro Mariano...[et al.]; organização Fernando Cássio: prólogo Fernando Haddad. – 1ª. edição- São Paulo: Boitempo, 2019.

CASTRO, Bicudo Thiago. Ecos da Memória e da Resistência estudantis: o poder do jovem de Arthur Poerner cinquenta anos depois. **Movimentação**, Dourados, v. 5, nº. 9, p. 55-77, 2018. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/movimentacao>>. Acesso: 03 mai. 2024.

CASTRO, Fernando Gastal de; FERREIRA, João Batista (Orgs.) **Neoliberalismo, trabalho e precariedade subjetiva** [recurso eletrônico] / Fernando Gastal de Castro; João Batista Ferreira (Orgs.) - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

COELHO, Gustavo. O movimento das ocupações de escolas no Rio Grande do Sul:

dinâmicas e tensões internas. In. MEDEIROS, Jonas; JANUÁRIO, Adriano e MELO, Rúrion (orgs.) **Ocupar e Resistir: Movimento de ocupação de escolas pelo Brasil (2015-2016)** São Paulo: editora 34, FAPESP, 2019, p. 172-193.

DEMerval, Saviani. **Escola e Democracia**. Editora Cortez. 6ª Edição, 1985.

DUMOULIN, Oliver. **O papel social do historiador**. 2017.

DUNKER, Christian Junior; Safatle, Vladimir. Junior, Nelson da Silva. (orgs)

Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. 2022.

FABRÍCIO, Graciella da Silva. **Neoliberalismo, crise da educação e ocupações de escolas no Brasil**. Editora Appris Ltda. 2022. 1ª edição.

FLACH, Simone Fátima; SCHLESENER, Anita Helena. Análise de conjuntura sobre a ocupação de escolas no Paraná a partir do pensamento de Antônio Gramsci. **ETD**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 165-186, mar. 2017. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-25922017000100165&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 mai. 2024.

FRIDMAN, Patrícia Claudia da Costa. The Logic of Writing and the Organization of Society de Jack Goody - Resenha. **Revista ACOALFA: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa**, São Paulo, ano 1, n. 1, 2006. Disponível em: . Publicado em: setembro de 2006.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez, 1990.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Teoria e práxis, o antagonismo entre a formação politécnica e as relações sociais capitalistas**. Scielo Brasil. Trabalho, Educação e Saúde. 24 de Agosto de 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462009000400004>. Acesso em: 07 mar. 2024.

GALENO, Renato. **Educação só tem qualidade quando é para todos**. Canal UM BRASIL, YouTube, 28 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6ggNk7A2sk0>>. Acesso em: 11 mai. 2024.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GENTILI, Pablo A.A **A falsificação do consenso: simulacro e imposição da reforma educacional do neoliberalismo**. Petrópolis, RJ; Vozes, 1998.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**/ Maria da Glória Goh. 8. Ed.-São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção questões da nossa época; v. 37).

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria** Buenos Aires/Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução, Laurent Léon Schaffter. Editora Revista dos Tribunais, LTDA. Edições Vértice, 1990. São Paulo.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa - a dor hoje**. Petrópolis: Vozes, 2022.

HAYEK, Friedrich August von. **O caminho da servidão** / Friedrich August von Hayek; tradução e revisão Anna Maria Capovilla, José Ítalo Stelle e Liane de Moraes Ribeiro. — 5. ed. — Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990.

HOBBSAWM, Eric J., 1917. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**/ Eric Hobsbawn: tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli.- São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAVAL, Christian. A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. Christian Laval. Trad. Maria Luiza M. de Carvalho e Silva- Londrina: Editora Planta, 2004.

LE GOFF, Jacques, 1924 **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

MAINARDES, Jefferson. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 47-69, jan./abr. 2006.

MEDEIROS, Jonas; JANUÁRIO, Adriano; MELO, Rúion (orgs). **Ocupar e Resistir:** movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil (2015-2016). Edição 2019.

MELLO, Paulo Eduardo Dias de. A mística das prescrições e a mentira fundamental. In.: ALMEIDA NETO, Antonio Simplicio de; MELLO, Paulo Eduardo Dias de. **Diálogos poiéticos: sobre história, ensino de história, memória e educação** [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

MENDES, Breno. Ensino de História, Historiografia e Currículo de História. **Revista Transverso**. Rio de Janeiro, n.18 abr., p.108-128, 2020. DOI:

10.12957/transversos.2020.49959. Acesso em: 15 out. 2023.

MENDES, Breno. A Representação do passado histórico em Paul Ricoeur [recurso eletrônico]
/ Breno Mendes -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MIGUEL, Luis Felipe. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº9. Brasília, setembro - dezembro de 2012, pp. 93-117. Disponível em:
<https://www.academia.edu/9678015/Democracia_e_sociedade_de_classes_Miguel_Luis_Felipe?email_work_card=thumbnail>. Acesso em: 17 mai. 2024.

NETO, Antonio Simplicio de Almeida. Cultura escolar e ensino de história em tempos de ditadura militar brasileira DOI10.5216/o.v14i2.30812. **OPSIS**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 56–76, 2014. DOI: 10.5216/o.v14i2.30812. Disponível em:
<<https://periodicos.ufcat.edu.br/Opsis/article/view/30812>>. Acesso em: 06 ago. 2023.

NETO, Antonio Simplicio de Almeida. **Representações Utópicas no Ensino de História**. São Paulo: Editora Unifesp, 2011.

NUSSBAUM, Martha C. **Sem fins lucrativos**: por que a democracia precisa das humanidades. Tradução Fernando Santos. –São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

Quanto a União gastou com a educação. Disponível em:
<https://sites.tcu.gov.br/fatos-fiscais/educacao.html#:~:text=Em%202022%2C%20a%20Un%C3%A3o%20empenhou,equi%20valente%20ao%20verificado%20em%202021>. Acesso em: 02 mai. 2024.

QUINTO, Leonardo. **Ocupar e refletir, escolas de luta e história em disputa**: ensino de História e a luta secundarista em São Paulo (2015) / Leonardo Quinto. – 2020. – 190f.

RIBEIRO, Angela Ferreira. **BNCC de História nos estados**: o futuro do presente [recurso eletrônico] / Angela Ribeiro Ferreira et al (Orgs.) – Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021. 462 p.

SANTOS, D. V. C. dos. Acerca do conceito de representação. **Revista de Teoria da**

História, Goiânia, v. 6, n. 2, p. 27–53, 2014. Disponível em:
<<https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28974>>. Acesso em: 26 mai. 2024.

SCHMIDT, Auxiliadora Maria; DIVARDIM, Thiago; SOBANSKI, Adriane. **Ocupar PR 2016**: memórias de jovens estudantes. 2016.

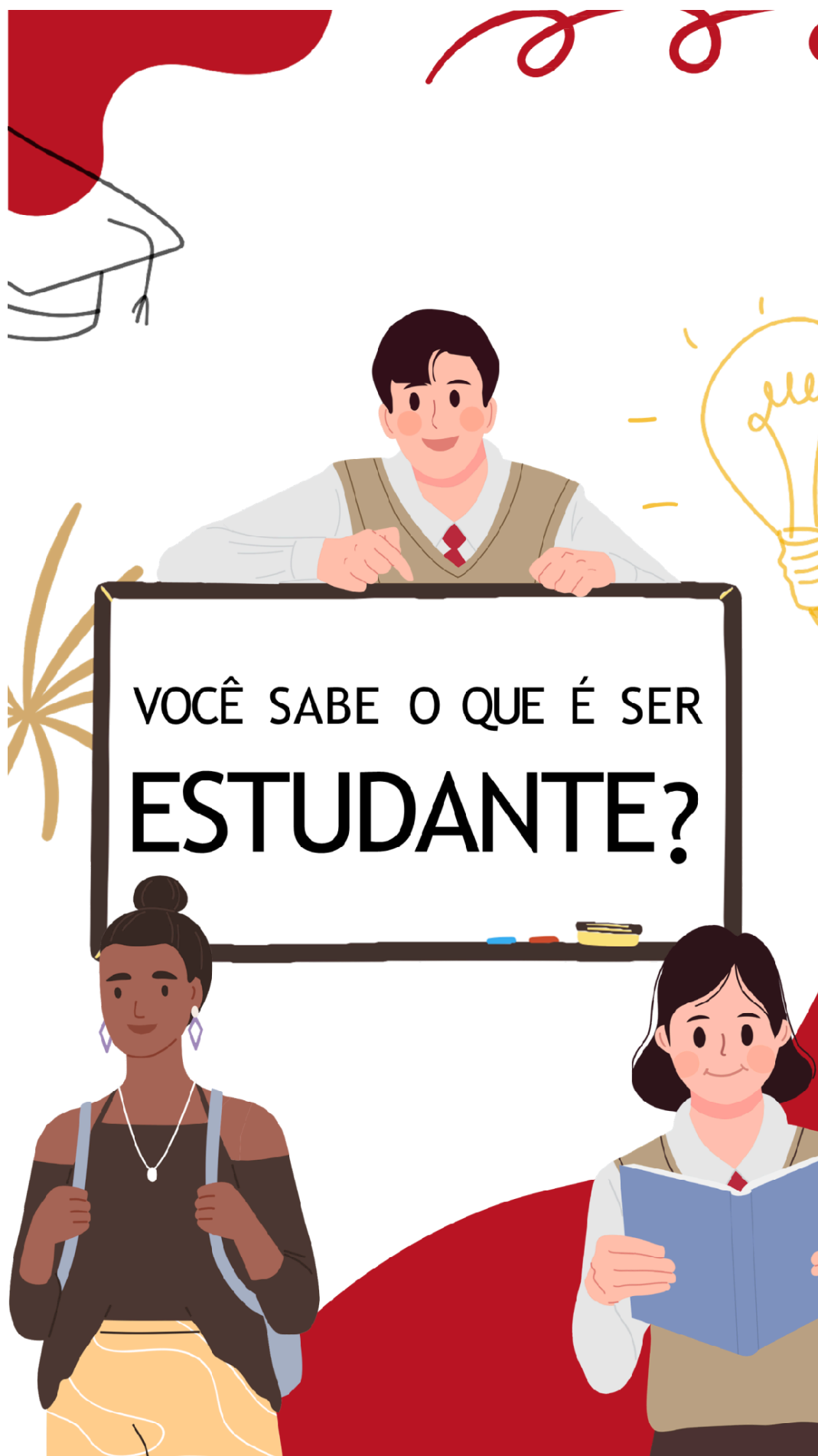
SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal:** das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos. UGMG, Belo Horizonte, 2002. Disponível em:
<http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/romulo/UM%20estudo%20sobre%20o%20g%C3%AAnero%20carta%20pessoal%20de%20JANE%20QUINTILIANO.pdf>.
Acesso em: 20 abr. 2024.

SOUZA, J. E.; GIACOMONI, C. Análise documental como ferramenta metodológica em história da educação: um olhar para pesquisas locais. **Cadernos CERU**, 32(1), 139-156, 2021.

TORRES, Santomé Jurjo. **A educação em tempos de neoliberalismo**. 2003.

WALLERSTEIN, Immanuel Maurice. **O declínio do poder americano**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

APÊNDICE A – LIVRETO



DEFINIÇÃO DA PALAVRA ESTUDANTE



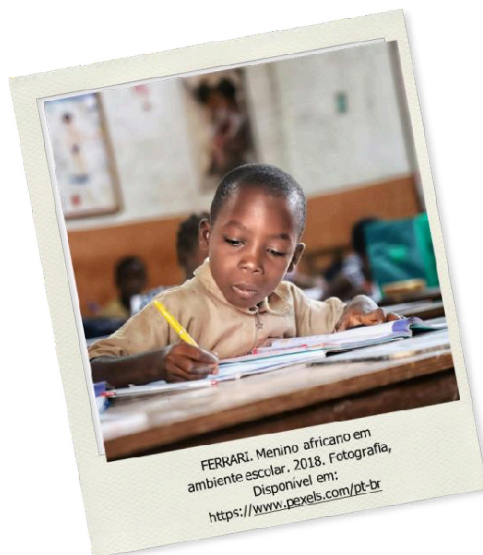
O dia do/da estudante está no nosso calendário todo ano, e é **11 de agosto**, esta data é uma homenagem aos estudantes brasileiros/as. **Mas o que é ser um/uma estudante?**

A palavra em sua etimologia latina, ou seja, em seu significado é: **studiosus, que designava a pessoa dedicada, que gosta de algo, que é zelosa.** O/a estudante é, por definição, aquele que ama o que faz, que ama aprender. Na prática o dia do estudante é, ou deveria ser, um dia de reflexão sobre ou acerca do tema, porém muitas pessoas, inclusive nas instituições de ensino, nem sabem de sua existência em calendário, salvo talvez raras exceções.

Ser estudante, então é ter o compromisso com as tarefas de casa, fazer bons trabalhos, estudar para ir bem nas provas, pesquisar, ler, estudar com interesse, a fim de superar seus próprios desafios e limites. **E como é ser estudante na atualidade?**

Se formos analisar hoje, os estudantes tem outros desafios. Antes o estudo era basicamente para "arrumar" um bom emprego, ou ser estável no mesmo, pois poucas pessoas tinham estudo, ou acesso a ele. Hoje é quase que uma obrigatoriedade em nossa sociedade atual estar estudando, isso é para ter noção dos direitos e deveres, ou seja, para além de arrumar um bom trabalho. Ser estudante é bem mais importante hoje que no passado, estes desde que entram na escola ainda pequenos vão aprendendo algo mais complexo, a cada etapa, sobre si e os outros, bem como o mundo ao seu redor.

Ser estudante, é então **tornar-se um/uma cidadão/ã, exercer sua plena cidadania**, aprender a conhecer o mundo, seja físico, material, cultural e espiritual, dar sua plena contribuição para compreender, ampliar, e se possível modificar a realidade social, política, cultural, ambiental em que se vive, priorizando o melhor para todos/as.



BREVE HISTÓRIA DO SER ESTUDANTE E DA ESCOLA



No passado bem remoto em termos de Brasil, poucos tinham acesso ao estudo, quando este dava-se era por que a pessoa tinha poder nessa sociedade, ou herdeira de posses.

O estudo/escola como conhecemos é bem recente, data de meados do século XIX, pós Revolução Industrial. Por tanto, o conhecimento era, e é poder na maior parte da história da humanidade. Se assim assumirmos, sempre teve um grupo minoritário dominando a maioria das pessoas, por deter o poder e conhecimento, assim, para esta minoria, é a maneira de se manter nele.

Se pegarmos sociedades antigas como exemplo, a Grécia antiga, ou Roma antiga, **quem eram os filósofos? Os grandes pensadores? Os poderosos dentro dessa estrutura social?** Numa resposta simplista, e na maioria dos casos, os que tinham rendas ou eram herdeiros de terras, dessa forma uma das traduções da palavra escola como bem conhecemos vem do grego, e seria: **scholê, lugar do ócio**. Hoje a palavra ócio tem outros sentidos, mas ainda quem pode fazer nada e só estudar? Para a maioria dos jovens brasileiros isso é quase impossível. Por tanto aqueles que tinham posses e não precisavam trabalhar nos serviços braçais, bem como hoje, eram os que tinham esse direito, de se dedicar às leituras, reflexões e produção intelectual.

Avançando para a Idade Média, a Igreja Cristã no Ocidente, era quem detinha o domínio da educação, também dominando o sistema educacional, surgindo as primeiras escolas com estudantes e professores, a partir do século XII, base que temos até hoje para o funcionamento da escola. Assim, as instituições atuais, que trabalham multi-temas, só surgiram entre os séculos XIX e XX, vindas de um contexto da industrialização e da necessidade de mão de obra especializada, ou minimamente escolarizada.

E em termos de Brasil? Quando surgiram as escolas? Nossa primeira escola foi fundada em Salvador, na Bahia, por jesuítas (religiosos) que também fundaram uma segunda no ano de 1554, em São Paulo. Nessas escolas ensinava-se a ler, escrever, e aprendiam matemática, e é claro o catolicismo. A partir daí surgem outras escolas, algumas laicas (sem cunho religioso) principalmente ao longo do século XIX, e começo do XX, depois as primeiras universidades como a UFPR, fundada em 1912, USP em 1934, etc.

Acesse o Memorial da Democracia e conheça a luta do Movimento Estudantil no Brasil:
<https://memoriadademocracia.com.br/card/movimento-estudantil>



Colégio dos Jesuítas, em Salvador, foi a primeira escola do Brasil. (Fonte: Wikimedia Commons)

ESTUDANTES NA HISTÓRIA DO BRASIL

Os/as estudantes, na maioria das vezes não tiveram voz ativa, mas se levarmos em consideração que são parte do processo de produção de conhecimento escolar, e até científico, suas vozes deveriam ser muito mais ouvidas. E se visto que a **História como ciência**, é a que **busca compreender as mudanças e permanências ao longo do tempo**, então, muitas das aspirações estudantis representam uma luta constante, e quase diária, entre mudanças e permanências. Mudanças, pois avançaram em algumas boas propostas, permanências por que ainda lutam, e terão que lutar, se desejam melhorias futuras.

Em termos de Brasil, se formos analisar brevemente, temos que nas nossas "revoltas" estudantis historicamente, os estudantes deram sua participação, pois estiveram sempre presentes, como aconteceu na Inconfidência Mineira, em que os letrados, ainda que, poucos tinham acesso às ideias iluministas, debatiam, ou mais à frente em nossa história, em 1822 com a nossa Independência de Portugal, momento esses que filhos de abastados (donos de terras) iam estudar na Europa e trazia consigo as ideias revolucionárias.



O líder soviético Nikita Krushev telefona para o Brasil, numa alusão ao poder de mobilização das lideranças estudantis. Charge de Appe publicada em "O Cruzeiro" (25/8/1962).

Por tanto, não sendo esses estudantes de hoje, ainda assim, aspiravam as "mesmas" coisas: liberdade na ação, participação efetiva na política, autonomia econômica, voz ativa nas decisões perante o mundo em que participam.

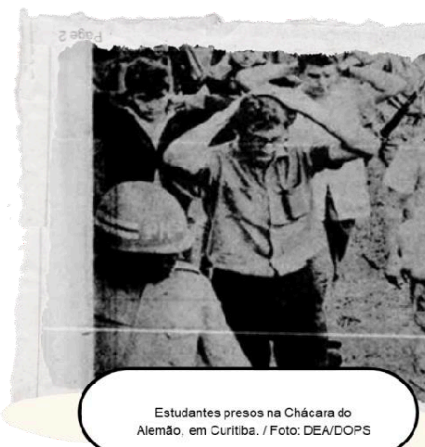
A **UNE (União Nacional dos Estudantes)**, instituição criada em dezembro de 1938, em pleno governo ditatorial de Getúlio Vargas, momento oportuno e repressivo, não desestimulou a organização dos estudantes, estes que seguiram a marcha manifestando-se sempre contrários às regras dessa gestão, bem como de outros como veremos adiante.

A história do Brasil e da UNE, continua em paralelo, e seria novamente e brutalmente marcada por outro momento ditatorial, especialmente pela Lei Suplicy, nº 4.464 de 1964, momento em que João Goulart, o atual presidente da época, foi destituído pelos militares, estes que ocuparam o poder até 1985.

A ditadura militar, significou um dos mais repressivos governos contra o Movimento Estudantil no Brasil, dado que minou qualquer participação política do movimento sendo a UNE, inclusive colocada na ilegalidade.

Importante ressaltar que, enquanto a UNE, seria mais "voltada" para estudantes universitários, temos nesse contexto também, a criação da UBES, em julho de 1948, no Rio de Janeiro, em que trará as demandas mais voltadas aos estudantes secundaristas, havendo trocas significativas entre esses dois movimentos.

Das muitas mobilizações, no início da criação da UBES, a mais forte aconteceu no retorno de Getúlio Vargas como Presidente em 1951. Possuindo outros planos para o Brasil, este com ideais nacionalistas, criou o movimento "O Petróleo é Nosso", e os secundaristas tiveram papel importante na defesa dessa ideia.



Estudantes presos na Chácara do Alemão, em Curitiba. / Foto: DEA/DOPS

O movimento estudantil e a história do Brasil, mistura uma cultura de luta política, que influiu e tendia para o "socialismo, na luta contra o capitalismo", o movimento estudantil, estava bem articulado com as demandas sociais, e unia-se aos ideais mais progressistas, nacionalistas e mais à esquerda, se assim podemos dizer.

Na ditadura militar, os/as estudantes tiveram papel primordial na luta contra o governo militar, sendo perseguidos, mortos e humilhados. Porém, é devida a violência desse período, que houve uma pequena recuada do movimento, e só ao fim da ditadura em 1985, é que a juventude estudantil pode respirar novamente.



A resistência estudantil no combate à ditadura militar. Foto: Arquivo Nacional

LUTAS E CONQUISTAS

O ano de 1988, seria um ano de grandes conquistas aos estudantes, pois apoiados pela UBES, os jovens viram a aprovação da Constituição Federal, também chamada de "**Constituição Cidadã**" que expressava os direitos de participação dos cidadãos, o que sempre foi uma luta do movimento estudantil. Dentre outras coisas a Constituição de 1988, trazia a obrigatoriedade do voto aos que completassem 18 anos, e estabelecia aos jovens de 16 e 17 anos o direito ao voto facultativo, ou seja, a luta valeu a pena.

Mas a luta acabou? Ainda não! Os secundaristas apenas tinham o voto, mas era preciso ainda lutar por outras causas. Com o fim da ditadura militar (1985), iniciou-se a disputa eleitoral legítima. E depois das primárias, para o segundo turno teve-se dois candidatos: Fernando Collor (PRN) e Luís Inácio Lula da Silva (PT), eleição essa realizada em dezembro de 1990.

Fernando Collor fez a promessa de governar para os "sem camisa" e "para os pés descalços" este foi eleito com 35 milhões de votos, assumiu a Presidência da República em 15 de março de 1990. Dois após seu governo, em 1992, e devido à corrupção, os estudantes secundaristas voltam às ruas para liderar uma das maiores manifestações da história do Brasil, o **Fora Collor**.

As manifestações ocorriam pelo Brasil todo, revoltosos pelos escândalos vistos na televisão, os jovens liderados pela UNE bem como pela UBES, saíram às ruas juntamente com as milhares de pessoas, e assim estavam vestidos de preto, com seus rostos pintados, em luto contra F.Collor, gritando seu Impeachment.

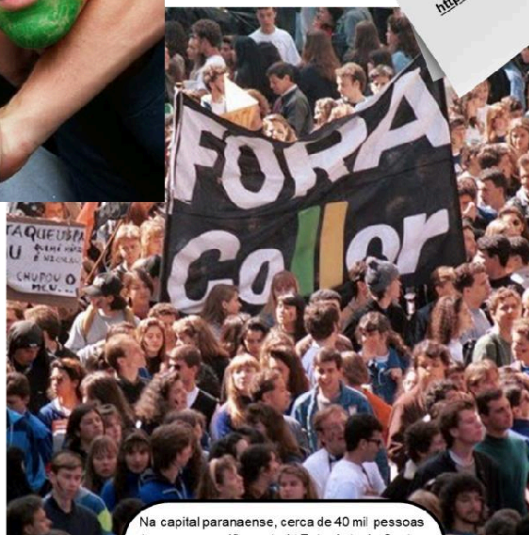


Jovens e estudantes se uniram em manifestações públicas, no processo do impeachment de Collor.
Foto: Flickr. Disponível em: Educa+Brasil



De verde e amarelo no rosto, estudantes exigem afastamento de Collor. Disponível em: O Globo

Finalmente, ressaltamos a representatividade do movimento estudantil no Paraná, pois a UPE - União Paranaense dos Estudantes, criada em 17 de junho de 1945, e a U.E.E. - União Estadual dos Estudantes do Paraná, ambas defendem a ideia de organizar e ampliar a participação dos estudantes nos debates que envolvem questões educacionais, é claro, fortalecer a representatividade dos/das estudantes, inclusive uma das primeiras manifestações contra F.Collor aconteceu em Curitiba no ano de 1991, e liderada por estudantes dessas instituições bem como das demais.



Na capital paranaense, cerca de 40 mil pessoas tomaram a região central. Foto: Antonio Costa.
Disponível em: Gazeta do Povo

Acesse o site e conheça a União Nacional dos Estudantes:
<https://www.une.org.br/>



COMO ORGANIZAR UM MOVIMENTO ESTUDANTIL

Compreender que é no espaço da escola, que se tem os primeiras noções e **princípios democráticos**, e nesse espaço-escola, tendo em vista a organização institucional do Estado, que se incorpora novas formas de discussões e debates, do mais simples ao mais complexo, que darão sustentação ao processo de participação da cidadania e democracia.

No Estado do Paraná, a Lei nº 11.057 de 17 de janeiro de 1995, assegura que nos estabelecimentos de ensino públicos bem como privados, tem-se a **livre organização dos Grêmios Estudantis**. E aos estabelecimentos educativos paranaenses de ensino deverão assegurar este espaço (escola) para a divulgação das atividades do Grêmio Estudantil. A LDB (Lei de Diretrizes e Base) 9394/96 de 20/12/96 – confere que a Direção deve dar condições aos alunos na organização do Grêmio Estudantil, e a participação nos Conselhos de Classe e Conselho Escolar.

O Grêmio Estudantil é muito mais que somente uma entidade escolar, devendo prezar pela **representatividade dos alunos, tendo autonomia, e independência favorecendo as boas relações escola-estudante**, e os demais no espaço escolar. Sendo assim, o Grêmio Estudantil, não é um órgão que é contra ou a favor da direção, mas um **instrumento que busca a representação do corpo discente numa sociedade que deve ser mais democrática e justa na ação**.

Acesse o site para descobrir mais sobre o Movimento Estudantil:

<https://www.polltize.com.br/movimento-estudantil/>

COMO ORGANIZAR UM GRÊMIO ESTUDANTIL

1 Os estudantes devem falar com a direção da escola, depois, passar nas salas, chamando um/a estudante por sala, isso é: para compor uma Comissão Pró-Grêmio. Essa é a que terá como função, organizar inicialmente a construção do Grêmio.

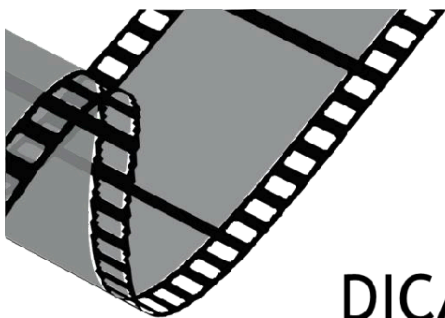
2 A Comissão Pró-Grêmio, define uma data para fazer a Assembleia Geral dos Estudantes. Esta deverá ter a presença de todos os alunos (a), ou uma maioria.

3 A Comissão Pró-Grêmio poderá colar cartazes na escola, e ir em todas as salas de aula, divulgando, bem como chamando os estudantes para a Assembleia. Uma boa dica também, é usar as redes sociais, como Facebook, Instagram, Whatsapp, etc.

4 Para o dia da Assembleia, a Comissão Pró-Grêmio poderá apresentar e aprovar o Estatuto do Grêmio, este documento é importante pois contém as regras de funcionamento. Após a aprovação do Estatuto, a Comissão deverá perguntar aos estudantes ali presentes, quantos/quais querem compor a Comissão Eleitoral (organizadores das eleições). Montada a Comissão Eleitoral, a Assembleia deverá assim definir:

- | | |
|---------------------------------------|--|
| → Os dias permitidos para a campanha; | → Inscrições das Chapas participantes; |
| → Dia da votação e o local; | → Instalação de urnas para a votação; |
| → Ata de Fundação do Grêmio; | → Definição dos mesários; |

***Todas as etapas devem constar em Ata (documento) preenchida pela Comissão Eleitoral**



DICAS DE FILMES

01



O ANO QUE MEUS PAIS SAIRAM DE FÉRIAS

Brasil, 2006, 104 minutos, Direção: Cao Hamburger, Classificação: 10

Filme que trabalha a história de um garoto, em que seus pais, são perseguidos políticos na década de 60. Precisando ir morar com o avô, conhecendo e vivendo a turbulência da época, bem como o movimento estudantil.

02



CABEÇA DE NÊGO

Brasil, 2021, 85 minutos, Direção: Déio Cardoso, Classificação: 14

Há um insulto em sala de aula, e Saulo (Lucas Limeira) é expulso da escola, recusando-se a ir embora da instituição. Assim em sua ocupação, ele faz uso das redes sociais para expressar todo o seu descontentamento com a direção da escola, expondo o abandono e a solidão sofridos por ele bem como de outros estudantes, iniciando um movimento estudantil.

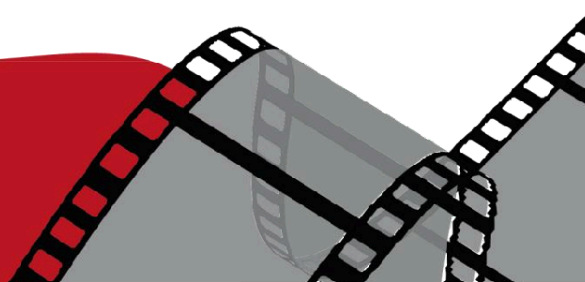
03



ELEIÇÕES

Brasil, 2019, 100 minutos, Direção: Alice Ríff, Classificação: 12

Numa época de eleições para o grêmio estudantil, alguns estudantes, com opiniões e visões diferentes, passam a criar propostas, debatem as estratégias de como será a campanha e buscam por melhorias na escola.



AUTOR:

Harley B. Marinelo
Graduado em História
Pós-graduado em História do Brasil
Mestrando em História-UEPG

DESIGN GRÁFICO:

Bianca Luana T. Gomes
Graduanda em História-UEPG